



CONFLITOS TRABALHISTAS

Presidente do TRT-13 avalia que litígios contêm questão cultural

*Herminegilda Leite Machado defende as punições para quem burla a lei, mas também mais conciliação. **Página 4***

Foto: Roberto Guedes



Programa incentiva a conservação de rotas ecológicas

Iniciativa do PBTrilhas visa fortalecer a política ambiental no estado, a partir da criação de corredores que integram paisagens turísticas, estabelecendo diretrizes para preservar as riquezas naturais, ao mesmo tempo que estimula o desenvolvimento socioeconômico.

Página 8

Justiça decidirá o futuro de jovens influenciadores

Exposição de crianças e adolescentes em conteúdos monetizados nas redes sociais foi limitada pelo ECA Digital.

Página 7

Editais oferecem salários que chegam a R\$ 15 mil

Concursos têm vagas para as cidades de João Pessoa, Píripituba e Bonito de Santa Fé, em diferentes áreas de atuação.

Página 16

Gestão do tempo desafia mães empreendedoras

Para 60% das mulheres, dividir-se entre o próprio negócio e os cuidados com os filhos exige mais da rotina de trabalho.

Página 18

Foto: Leonardo Ariel



Espaços de leitura seguem atraindo visitantes

Estabelecimentos investem em áreas de convivência e acervos extensos para cativar o público.

Página 5

Cartas de paraibanos auxiliaram a Constituinte

Mensagens encaminhadas ao Senado Federal, durante a elaboração da Constituição Federal de 1988, contribuíram para revelar os anseios da população com o novo momento político do Brasil.

Página 13

103.Rock Festival acontece hoje, em JP

Rádio Parahyba realiza a primeira edição do evento a partir das 16h, na Usina Cultural Energisa. Banda Papangu (foto) é uma das atrações.

Página 9



Foto: Helder Bruno/Divulgação

■ “A arte de Raul Pompeia tocou no coração da dupla adolescente e lá ficou o livro, mais distante no tempo do que no espaço”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “A crônica é um reino raro habitado por espécies mágicas e entidades imperceptíveis. Há, nela, um aroma diferenciado”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

■ “Sou escritor, porém o mundo literário não sabe disso. Se eu fosse bom, não estaria aqui, anunciando livro sobre baratas”.

Fábio Mozart

Página 14

Editorial

E o próximo?

O presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump, pressiona os países membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) para que aumentem suas contribuições financeiras àquela aliança militar e política, responsável, em última análise, pela supremacia das principais nações capitalistas ocidentais. O fortalecimento da Otan é considerado fundamental para o sucesso da política intervencionista dos EUA.

Os aportes financeiros à Otan, para o aumento e modernização de seus arsenais, estacionam na casa dos bilhões de dólares, dinheiro que faz uma falta enorme às instituições que desenvolvem políticas direcionadas a tornar a vida mais pacífica, saudável e solidária em todo o planeta. É um contrassenso gastar tanto dinheiro com armas, enquanto milhões de pessoas morrem ou amargam sofrimentos inenarráveis em várias partes do globo.

Basta lembrar o *Relatório Mundial sobre a Desigualdade*, segundo o qual “o 1% mais rico da população mundial detém mais riqueza do que os 90% mais pobres”. Já o Banco Mundial chamou atenção para o fato de que “a proporção de pessoas vivendo em extrema pobreza está crescendo em todo o mundo”: em 2024, passou de 10% para 10,3%. No ano passado, os cofres dos multimilionários globais ficaram ainda mais abarrotados.

Em outra chave social, o número de pessoas presas voltou a crescer – em 2023, foram 11,7 milhões de indivíduos, de acordo com o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime no Brasil. Constatou-se que “mais de 60% dos 181 países com dados disponíveis operam com prisões acima da capacidade máxima”. As superlotações indicam desequilíbrios sociais que requerem respostas urgentes dos poderes públicos.

A saúde é outro calo nos pés da humanidade, no andar pelas estradas das desigualdades sociais. A Organização Mundial de Saúde estima que ocorram, por ano, no planeta, 421 milhões de hospitalizações, com aproximadamente 42,7 milhões de eventos adversos em pacientes durante essas internações. E o que dizer dos mais de 60 milhões de pessoas que fugiram de seus países de origem, por conta de variados tipos de conflitos?

Fome, pobreza, doenças, êxodo em larga escala... E o que faz a maioria das lideranças globais, como Donald Trump? Municiam-se ao custo de trilhões de dólares, recursos que, caso aplicados em programas verdadeiramente humanitários, transformariam a realidade social do planeta, inaugurando uma era sem precedentes na história da espécie humana. E qual o resultado de tantas armas? Guerras, com mais mortos e traumatizados.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

A Tabajara fez história nas Copas

Quando nos propomos a resgatar acontecimentos do passado, recorremos a diferentes fontes de pesquisa: jornais, documentos, registros disponíveis na *internet* e, sobretudo, aos depoimentos de quem viveu os fatos. É por meio desse conjunto de informações que a história se recompõe, permitindo que memórias sejam preservadas e transmitidas às novas gerações.

No domingo passado, neste mesmo espaço, recordei a participação da Rádio Tabajara na cobertura das Copas do Mundo de 1982, 1986 e 1990. Retomo hoje o assunto para corrigir algumas informações relativas ao Mundial da Itália e também registrar outras edições posteriores em que a mais antiga emissora de rádio da Paraíba manteve sua tradição de acompanhar o maior espetáculo do futebol, seja com equipes presentes no local, seja por meio de boletins especiais produzidos por seus profissionais.

Na Copa de 1990, a Rádio Tabajara integrou um *pool* de emissoras formado pelas rádios Jornal do Comércio, Tabajara, Verdes Mares, Gazeta de Alagoas, Clube do Pará, Timbira (MA), Difusora de Caruaru, Sociedade da Bahia, Clube Paranaense e Poty de Natal. Coube à emissora paraibana enviar à Itália o narrador Eudes Toscano e o repórter João de Sousa. Ao recordar aqueles dias, Eudes Toscano revive não apenas a cobertura jornalística, mas também as expectativas que cercavam a Seleção Brasileira:

“Em 1990, chegamos a Turim com a esperança de que seria mais um ano de sucesso do nosso futebol. Ganhamos da Suécia por 2 a 1, vencemos a surpreendente Costa Rica por 1 a 0 e superamos a Escócia pelo mesmo placar. O treinador Sebastião Lazaroni armou o time para enfrentar a Argentina e pediu cautela para que ninguém fosse expulso. Aos 35 minutos do segundo tempo, com o placar em 0 a 0, Maradona recebeu a bola em seu campo e fez um lançamento de primeira para Caniggia. O brasileiro Alemão, que jogava com ele no Napoli, me pareceu não ter coragem de derrubá-lo. Não sei se faltou coragem ou se houve respeito”.

A passagem pela Itália reservou, ainda, um episódio curioso e inesquecível. Em Mirafiori, onde está localizada a matriz da Fiat, jornalistas brasileiros e italianos disputaram uma partida amistosa. A equipe

brasileira venceu por 2 a 0. Entre os adversários estava ninguém menos que Paolo Rossi, o carrasco da Seleção Brasileira na Copa de 1982, já aposentado dos gramados e atuando como comentarista da RAI.

Ao longo de sua carreira, Eudes Toscano tornou-se a voz de momentos inesquecíveis do esporte paraibano. Foi dele a narração da histórica vitória do Botafogo da Paraíba sobre o Flamengo, em pleno Maracanã, em março de 1980, resultado que colocou o clube paraibano na liderança isolada do Grupo C da Taça de Ouro.

A tradição da Rádio Tabajara em levar aos paraibanos a emoção das Copas do Mundo prosseguiu nos anos seguintes. Nas edições de 1994, 2014 e 2018, os radialistas João de Sousa e Stefano Wanderley foram responsáveis pela produção de boletins esportivos diretamente dos países-sede, reafirmando o compromisso da emissora com a informação de qualidade e consolidando um legado que atravessa gerações.

Ao revisitar essas lembranças, mais do que registrar datas, nomes e resultados, preservamos a memória de profissionais que ajudaram a escrever uma das páginas mais importantes da história do rádio esportivo paraibano, cuja contribuição permanece viva na lembrança dos ouvintes e no patrimônio cultural do nosso Estado.

“

Preservamos a memória de profissionais que ajudaram a escrever uma das páginas mais importantes da história do rádio esportivo paraibano

Opinião

Foto Legenda

Julio Cezar Peres



Animal na pista

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Memória, pra que te quero!

Nos distanciamos um do outro e, assim, passou-se uma vida — a bem dizer, duas — com o velho exemplar da *Antologia Nacional* entre as relíquias da amiga.

Líamos juntos, assim começou nosso puro idílio. Havia nos impressionado fortemente as duas páginas que Raul Pompeia consagra ao exílio da família imperial, no instante desolado em que o coche negro do imperador o deixa na extremidade do molhe (paredão que serve de cais) e aquele “vulto indistinto, entre outros vultos distantes, pisa pela última vez a terra da pátria”.

Era no cais Pharoux, tudo muito nebuloso, a luz nevoenta dos lampiões pouco esclarecendo, e a pátria jogando fora, como sabujo, 49 anos de “democracia coroada”, assim consagrada pelo grande homem do tempo e creio que de todos os tempos, Victor Hugo.

A arte de Raul Pompeia tocou no coração da dupla adolescente e lá ficou o livro, mais distante no tempo do que no espaço, com as suas juras de que voltaria às minhas mãos quando eu voltasse das férias para a casa dos primos, no Quartel do Quarenta, subúrbio de Campina Grande. Ela mudou de cidade, mudou de estado civil e tudo pareceu morrer à distância.

Que releitura foi essa que, só agora, transcorrido bem mais que o tempo do Segundo Reinado, um dos seus sobrinhos telefona para saber se o fulano de tal que ferra a página de rosto sou eu mesmo e se me interessa reaver o livro.

Elá me vem tudo de volta, sem mais o *flamboyant* que deitava o reflexo de suas flores sobre o batente e o momento triste de nossa leitura pintado por um dos mais finos escritores da língua portuguesa!

Claro que sim e com que pressa! Quantas sugestões contém esse livro além do que pretendiam os seus antigos organizadores: quanto aprendi nele!

“Você é sobrinho?”

— Sou, sim, estou como inventariante e vim de Fortaleza para resolver esse problema. Dei com esse livro, tem o seu nome, que associei ao do jornal, e resolvi tentar. Como é bom

“

A arte de Raul Pompeia tocou no coração da dupla adolescente e lá ficou o livro, mais distante no tempo do que no espaço

poder devolvê-lo, pois há essa nota num pequeno cartão entre as suas páginas: “Devolver na primeira oportunidade”.

Estava longe de imaginar que a oportunidade ocorresse de forma indireta. Mas como valeu!

Não posso saber se o mesmo gênero de emoção virá ocorrer com um dos meus netos, desta nova era de curso digital. Da ciência e da técnica jamais saberemos a que assombro haveremos de chegar. É rara a semana e mesmo os dias, em certas situações, nas quais o olhar, os gestos e a fala de uma das filhas ou de uma das netas não estejam a contar as minhas rugas e notar a minha afonia como se estivessem aqui estando na Europa. Às vezes, os imaginosos veem mais que os cientistas: o finado Eurípedes Gadelha, antigo companheiro de redação, apostava que as palavras, mesmo sem ser escritas ou gravadas, jamais se dissolvem no ar ou no tempo, continuarão sua navegação enquanto não forem captadas. Não precisava, para isso, ser a palavra de Maomé ou a de Jesus.

O que sei — e bem sei — é que as coisas, do livro à casa, impregnam-se da nossa passagem ou do nosso convívio com o mistério de uma presença compartilhada. Quer isto a memória, senhora das duas vidas, a real e a imaginária.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA – PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO Uma publicação da EPC

Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Velga
GERENTE – EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual R\$ 404,25 / semestral R\$ 202,12 / número atrasado R\$ 4

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



Projeto tem três anos de existência e só em 2025 atingiu quase cinco mil trabalhadores, sendo grande parte deles em canteiros de obras

PROJETO NINO

Palestras promovem a segurança no trânsito

Ações têm como objetivo fortalecer a cultura da prevenção e a redução dos acidentes

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

A motocicleta é um meio de transporte amplamente utilizado na Paraíba e, em muitos casos, é o principal meio de deslocamento de trabalhadores que utilizam o veículo para o trajeto diário até o local de trabalho. Foi pensando nesses trabalhadores, que a Gerência de Educação para o Trânsito do Departamento Estadual de Trânsito da Paraíba (Detran-PB) criou o projeto Nino. A ação tem como objetivo promover a educação para o trânsito e fortalecer a cultura da prevenção e contribuir para a redução dos sinistros envolvendo motociclistas.

Para isso, as equipes do Detran-PB realizam palestras voltadas para a segurança no trânsito. O projeto tem três anos de existência e só em 2025 atingiu quase cinco mil trabalhadores, sendo grande parte deles em canteiros de obras, já que a construção civil abriga uma porção importante do público alvo das ações.

“O projeto mantém uma parceria sólida e continuada com o setor da construção civil. Os agentes da Lei Seca, que compõem a equipe da Educação para o Trânsito, realizam todas as quintas-feiras palestras educativas, diretamente nos canteiros de obras, aproximando a educação para o trânsito da realidade dos trabalhadores”, explicou a gerente de Educação para o Trânsito do Detran-PB, Ariana Nogueira.

Ela enfatizou que, durante os encontros, são tratados comportamentos seguros na condução, o que pode e não pode no uso da motocicleta, segundo o Código de Trânsito Brasileiro, sobre distância segura, direção preventiva, os pontos cegos de veículos de grande porte e seus riscos, além da importância do uso correto do capacete, de vestimentas adequadas e de equipamentos de proteção.

“O encontro também reforça atitudes responsáveis que reduzem significativamente o risco de sinistros, e incentivam uma cultura permanente de segurança viária e paz no trânsito”, ponderou Ariana.

O vice-presidente de Relações de Trabalho e Política Sindical do Sindicato da Indústria da Construção Civil de João Pessoa (Sinduscon-JP), Ovídio Maribondo, destacou que o sucesso é tanto no setor que tem até fila de espera para receber o projeto. “A recepção das empresas tem sido muito boa e a gente percebe isso porque sempre o calendário de visitas nas obras está com uns dois meses de reserva para conseguir uma vaga. Então, isso mostra que a gente tem uma adesão muito grande e tanto os gestores das empresas quanto os gestores de obra têm percebido a importância disso”, avaliou.

O engenheiro de Segurança do Trabalho do Sinduscon-JP, Daniel Cordeiro, ressaltou que as palestras são realizadas com projetor, com muito material didático e muita informação. “É para todas as vias, desde o pedestre à pessoa que está de bicicleta. Então é de uma maneira geral, mas como nosso público de funcionários podemos dizer que

80% a 90% andam de moto para construção civil, a gente foca muito na parte do motociclista”, explicou.

Para Ovídio Maribondo, o projeto também é uma forma de aproximar o Detran da população. “Eu já participei já de vários eventos desses e a recepção no canteiro de obras é sempre muito boa também por parte dos trabalhadores. Lá, eles sempre se surpreendem com o fato de estarem com autoridades de trânsito na frente dele falando em educação, falando em prevenção, em vez de só perguntar se a moto dele está em dia, se ele tem habilitação ou não”, observou.

Outras áreas

Além da agenda permanente de palestras semanais para a construção civil, Ariana Nogueira contou que a Gerência de Educação para o Trânsito do Detran-PB também desenvolve ações junto a outros segmentos da indústria e do comércio, como usinas sucroalcooleiras e diversas empresas.

“Buscamos parceria com indústria, comércio e demais órgãos onde possamos atingir os trabalhadores que usam principalmente a motociclista como meio de deslocamento, mas como fazemos para todos

os funcionários, atingimos funcionários que usam a bicicleta, outros veículos e também pedestres”, pontuou ela.

Mais recentemente, o projeto tem feito parcerias no setor sucroalcooleiro e, no último mês de maio, visitou a Usina Tabu, localizada no município de Caaporã. “O projeto é de grande importância para o setor corporativo em especial o setor sucroenergético, para a mitigação dos acidentes de trajeto/percurso dos colaboradores e o comportamento seguro no trânsito”, avaliou o engenheiro de Segurança do Trabalho da empresa, Denildo Lira.

Ele ressaltou, inclusive, que a ação já está rendendo resultados. “Estamos colhendo bons frutos com a redução dos acidentes e, como consequência, redução do absenteísmo e afastamentos em decorrência dos acidentes de trânsito, valorização da segurança das pessoas e melhoria organizacional”, afirmou.

Como participar

Além da busca do próprio Detran por parcerias, as empresas que tiverem interesse em receber o projeto também podem tomar a iniciativa, solicitando uma palestra por meio do e-mail edutransitoparaiba@gmail.com.



Palestras também acontecem junto a trabalhadores da indústria, comércio e empresas

Eduardo Augusto
eduardomelosocial@gmail.com

Entre o paraíso e o inferno (musical)

13 de julho. Mais um dia no calendário. Mas para alguns, uma data sagrada. Para outros, um lembrete incômodo de que o mundo nunca mais foi o mesmo — para o bem ou para o mal.

Acordo com a vizinhança já em polvorosa. Das janelas, escapam-se guitarras distorcidas como almas penadas em busca de redenção. É o Dia do Rock, e o inferno resolveu fazer um churrasco na minha rua. Minha esposa, abençoada alma que nunca entendeu por que alguém trocaria uma boa sinfonia de Vivaldi por três acordes repetidos até a exaustão, já colocou os fones de ouvido. Ela sobrevive ao Dia do Rock como um mineiro sobrevive ao inverno: com resignação e muito chocolate.

Penso na genialidade do rock enquanto o vizinho de baixo, que se julga guitarrista, massacre um solo de “Stairway to Heaven”. O rock é mesmo a coisa mais contraditória já criada pela humanidade. Numa hora, você está ouvindo um hino de fraternidade universal; na outra, alguém está gritando que o mundo vai acabar e que todos merecemos o inferno. Coisa do Diabo ou coisa divina? Depende da hora do dia, da quantidade de cerveja ingerida e da sua paciência com solos intermináveis de guitarra.

Lembro do meu primeiro contato com o rock. Eu devia ter uns doze anos quando encontrei o disco do Deep Purple no armário do meu tio, ao lado de uma coleção de discos de jazz que ele teimava em dizer que eram “para as visitas”. Uma capa branca e azul com os rostos esculpidos na rocha era o In Rock, rock monolítico. Coloquei a agulha no vinil e, no momento em que Ian Gillan começou a grita como se sua alma estivesse sendo arranca pela garganta na faixa de abertura “Speed King”, algo se partiu dentro de mim. Ou talvez tenha se montado. Não sei explicar. Foi como descobrir que o mundo tinha uma terceira dimensão, e ela era inteiramente feita de distorção e atitude.

O rock é esse paradoxo ambulante. Pode ser “coisa do Diabo” para minha sogra, que ainda se benze quando ouve um riff de guitarra, ou “coisa divina” para milhões que encontraram nesse gênero a trilha sonora de suas vidas. É o estilo que uniu negros, brancos, ricos e pobres, mas que também criou algumas das maiores brigas de ego entre músicos. É o som da juventude, mas tem fás que já passaram dos oitenta. É música de protesto e música de festa. É complexo, como a vida.

O problema do rock, meus amigos, é que ele envelheceu como um vinho barato: para alguns, melhorou para outros, azedou de vez. Hoje em dia, vejo jovens com camisetas de bandas que não ouviram e colecionadores que tratam LPs como relíquias arqueológicas. O rock virou peça de museu e ainda assim se recusa a morrer. Como um zumbi, ele continua caminhando, mesmo quando todos já deram seu enterro.

Meu vizinho guitarrista, finalmente, terminou seu solo. Suspirei aliviado. Mas então ele começou “Smoke on the Water”. Há forças no universo que não podem ser controladas, e uma delas é a incapacidade de certas pessoas de tocar essa música sem cometer crimes musicais. O rock também é isso: uma coleção de clichês que a gente ama odiar.

No fim do dia, enquanto o sol se põe e os últimos acordes se dissipam no ar, eu me pego pensando: o que seria do mundo sem o rock? Menos barulho, certamente. Menos cabelos compridos, menos jaquetas de couro, menos discussões sobre qual guitarrista é melhor. Mas também menos paixão, menos energia, menos daquela sensação de que a música pode, sim, mudar o mundo — mesmo que só por três minutos.

O rock é o nosso pecado original musical. Foi o primeiro estilo a dizer que a música podia ser feia, desagradável, e ainda assim linda. Foi o primeiro a gritar em vez de cantar, a sentir raiva em vez de só amor, a distorcer em vez de harmonizar. Foi a primeira vez que a música deixou de ser educação e virou revolução. Isso é coisa do Diabo ou divina? No fundo, acho que é humano, demasiado humano. Imperfeito, barulhento, contraditório, apaixonado.

E amanhã, quando o Dia do Rock passar, a minha esposa poderá tirar os fones, o vizinho guardará a guitarra e o silêncio retornará. Mas a centelha continua. Ela estará ali, esperando o próximo 13 de julho ou o próximo momento em que alguém precisar ouvir que o mundo é um lugar de possibilidades infinitas, mesmo que isso venha acompanhado de uma guitarra distorcida e uma bateria que parece um trovão.

Viva o rock. Ou não. O importante é que o dia 13 de julho serve para lembrar que a música ainda é uma das poucas coisas que consegue ser divina e demoníaca ao mesmo tempo, e isso, meus amigos, já é uma dádiva digna de celebração. Mesmo que a vizinhança discorde.

Herminegilda Leite Machado

Presidente do Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba

“Eu penso que a litigiosidade, em nosso país, é mais uma questão cultural”



Em entrevista, dirigente fala sobre conciliação, saúde mental, tecnologia e os desafios das mulheres no mercado de trabalho

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Cada processo que chega à Justiça do Trabalho carrega algo maior do que uma simples disputa entre empregado e empregador. Para a desembargadora Herminegilda Leite Machado, presidente do Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba (TRT-13), a judicialização desses conflitos nasce, justamente, de uma dificuldade anterior à ação na Justiça: a de cumprir a lei, respeitando limites e reconhecendo direitos. “Se aprendermos a respeitá-la, o Judiciário vai existir para questões realmente importantes”, afirma. Nascida em Lavras da Mangabeira, no Ceará, Herminegilda construiu uma trajetória de mais de três décadas na magistratura trabalhista. Formada em Direito pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), mestranda em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e especialista em áreas como Economia do Trabalho e Teoria Crítica em Direitos Humanos, a desembargadora iniciou a carreira no TRT do Maranhão, em 1990, e chegou ao TRT-13 no ano seguinte. Desde então, passou por Varas do Trabalho, em Cajazeiras, Monteiro, Campina Grande e João Pessoa, ocupou funções administrativas, atuou na formação de magistrados e tomou posse como desembargadora do TRT paraibano em 2022.

Hoje no papel de presidente do órgão e do Colégio de Presidentes e Corregedores dos Tribunais Regionais do Trabalho (Coleprecor), ela também integrou, recentemente, a lista tríplice para uma vaga de ministra no Tribunal Superior do Trabalho (TST). Na entrevista, Herminegilda fala sobre o reconhecimento, mas amplia a conversa para temas que impactam o mundo do trabalho atualmente, como conciliação, inteligência artificial, precarização, riscos psicossociais e as barreiras que ainda atrapalham a jornada das mulheres no mercado, desde questões como maternidade e discriminação até violência doméstica.

Entrevista

■ *O que representou integrar a lista tríplice para uma vaga de ministra no Tribunal Superior do Trabalho?*

Compor uma lista tríplice é uma honra muito grande. É um reconhecimento e, também, um desafio para quem assume. Eu compus uma lista com mais dois valorosos colegas, o desembargador Sérgio Torres, de Pernambuco, que foi escolhido, e a desembargadora Nazaré Medeiros, da Região Norte. O desafio vem da responsabilidade que aumenta ainda mais. Eu, por exemplo, tenho uma jurisdição, ou seja, decido processos na Paraíba. Em uma Corte Superior, passa-se a participar de decisões em nível nacional. Isso não significa que participar de sessões mais locais seja algo menor, é a responsabilidade jurisdicional que aumenta. E o Brasil tem dimensões territoriais imensas. Além disso, embora a legislação, em regra geral, seja uma só, diversas categorias também têm legislações próprias.

■ *A judicialização trabalhista ainda é reflexo de uma cultura de descumprimento de direitos?*

Em nosso país, eu penso que a litigiosidade é mais uma questão cultural. As pessoas, em vez de tentarem resolver os problemas por si, levam sempre para a Justiça. Por outro lado, temos o descumprimento da lei, que também acredito ser cultural. Afinal, se as leis não fossem descumpridas, também não haveria tanto processo. Então, vivemos enxugando gelo, enquanto deveríamos partir para uma mudança cultural. Se mudarmos isso, se aprendermos a respeitar a lei e a resolver problemas como adultos que somos, o Judiciário vai existir para questões realmente importantes. Quando falamos em Justiça do Trabalho, falamos de direitos fundamentais, que estão lá no artigo 7º da Constituição. Mas, infelizmente, o que percebemos é que as pessoas,

quando terminam o contrato, mandam o trabalhador procurar seus direitos. E, quando fazem isso, estão estimulando o litígio. A mudança vem justamente daí. Se as pessoas respeitassem [as regras], não teríamos multas. Então, acredito que seja necessário punir um pouco até que tenhamos essa conscientização. Não é o ideal. Mas, enquanto isso, como vamos mudar? Como somos um país jovem, pode ser que, mais adiante, nós tenhamos a consciência de que precisamos ser uma sociedade com menos conflitos.

■ *A conciliação tem sido cada vez mais valorizada no Judiciário. Ela é um caminho para reduzir conflitos ou ainda enfrenta alguma resistência cultural?*

Essa é uma grande tendência. No caso da Justiça do Trabalho, hoje temos os Centros Judiciários de Solução de Conflitos e Cidadania [Cejuscs]. Mas veja bem: a conciliação é algo que está na CLT [Consolidação das Leis do Trabalho] desde 1943. Até pouco tempo atrás, um processo poderia ser anulado se o juiz não registrasse que houve tentativa de conciliação, tanto antes de receber a defesa como depois, antes da sentença. Então, esses dois momentos precisavam existir. O que houve, agora, foi mais uma ampliação, com condições materiais, para tentar estimular a conciliação. Na Paraíba, há conciliações, mas ainda não dentro das metas que o TST propõe. Há outros estados que conciliam muito mais que a gente. Foi somente em 2023 que conseguimos receber uma premiação, porque atingimos um número realmente significativo. Contudo ainda não avançamos como deveríamos. No segundo semestre, devemos receber o vice-presidente do TST, que está cuidando dessa parte. Ele está promovendo em cada tribunal uma espécie de café com os representantes do setor

produtivo e da classe trabalhadora, para estimular essa conciliação. Mas é claro que tudo isso também passa pela cultura. A sociedade é um contrato social. Se eu passo e esbarro em você, existe uma regra mínima: pedir desculpas. Se não estabelecermos isso, como iremos sobreviver? Seria uma selva, o homem engolindo o homem. Muitas vezes, é preciso que eu renuncie para dar espaço ao outro.

■ *A tecnologia e a inteligência artificial mudaram a forma de trabalhar. Quais são os principais desafios que essas transformações trazem para a Justiça do Trabalho?*

O mundo está passando por transformações e, agora, com a inteligência artificial generativa, chega a um ponto de inflexão. Porém, embora a tecnologia sempre tenha afetado o mundo do trabalho, ele nunca deixou de existir. Não é porque a tecnologia avançou que o trabalhador ganhou, de repente, uma autonomia plena. Autonomia é quando a gente pode se autossustentar sem depender tanto dos outros. Então, o problema da informalidade continua, infelizmente. Vão desaparecer postos de emprego e surgir outros mais. O serviço de entrega, por exemplo, foi fomentado pela tecnologia. É um trabalho novo, mas muito precarizado. O entregador trabalha, muitas vezes, sete dias na semana, 12 horas por dia e ainda precisa cuidar de casa. Quem trabalha por plataformas vive uma nova forma de trabalho, mas isso não significa que o trabalho humano tenha desaparecido. A sociedade também não vive só em função da tecnologia. Há outros aspectos, como cuidados e serviços, que também geram vagas de emprego. Entretanto, tudo tem acontecido muito rapidamente. Antes, você precisava chegar em casa para telefonar. Hoje, assina documentos pelo celular, enquanto viaja. Não sou contra a tecnologia, mas sinto que, de certa forma, ela está precarizando as relações.

■ *Se a tecnologia ajuda a provar abusos, também amplia as formas de controle. Como equilibrar verdade, privacidade e proteção de dados?*

A tecnologia tanto pode descobrir verdades como estimular mentiras. Hoje, você pode identificar, até pelo simples uso do mouse, se foi uma pessoa que criou, ou não, determinado documento. Houve um caso, na época da pandemia, de justa causa de uma trabalhadora, que exemplifica bem isso. Ocorreu um desfalque, e ela dizia que alguém tinha roubado sua senha. A perícia foi feita pela forma como ela pegava no mouse, pelos cliques que dava. É aquilo que o Grande Irmão, de George Orwell, já apontava: tudo o que você faz pode ser visto. Ao mesmo tempo, há situações em que o trabalhador parece invisível, principalmente quando há sobrecarga de trabalho, mas nem sempre isso é reconhecido. Mesmo assim, ele tem como provar muita coisa. O desafio maior é cuidar de tudo isso e harmonizar com a Lei Geral de Proteção de Dados [LGPD]. Temos que buscar equilíbrio, caso a caso. Até porque, com a tecnologia, podemos provar onde es-

tivemos e a que horas, mas também precisamos cuidar melhor da nossa privacidade. É preciso pensar: por que estou me expondo?

■ *Com a atualização da NR-1, estamos vivendo uma mudança real na forma de encarar a saúde mental no trabalho?*

De fato, há uma explosão de problemas mentais e uma sensação de que os casos de assédio aumentaram. A NR-1 não está consolidada, mas está caminhando nessa direção. Ela levou mais de um ano para entrar em vigor. Era para ter começado no ano passado, mas foi adiada para maio deste ano. E, mais recentemente, no final de junho, parece-me que houve uma suspensão, de 90 dias, em relação a multas. Mas a parte em que diz que a empresa deve demonstrar um ambiente saudável, além de identificar e gerenciar os riscos psicossociais, continua em vigor. Portanto, o patrão ainda precisa identificar os problemas e solucioná-los. E como é que se evita isso? Oferecendo um ambiente de trabalho em que não haja assédio. Sei que as cobranças nunca vão deixar de existir. Agora, é a forma como se cobra que faz diferença, porque, com exagero, pode-se gerar desde assédio moral até crise de burnout. Uma jornada prolongada também causa adoecimento, tanto físico quanto mental. Acredito que logo as empresas devem se adequar. Aliás, elas já deveriam estar adequadas.

■ *A sociedade ainda tem dificuldade de entender temas como sobrecarga, assédio e riscos psicossociais. Como avançar nessa mudança?*

Há dois pontos nisso. A nossa função primeira é jurisdicional. Ou seja, decidimos a partir de processos que chegam até nós. Mas existe outro plano em que atuamos. Estamos sempre promovendo palestras e encontros, participando de debates e eventos, de modo que as pessoas possam dialogar e buscar esclarecimento, para que esse tipo de abuso não aconteça. E não fazemos isso sozinhos, mas junto com o Ministério Público do Trabalho [MPT] e com o Ministério do Trabalho e Emprego. É mudança cultural e toda mudança não acontece da noite para o dia. Já a parte da fiscalização cabe ao ministério. O problema é que ele foi sucateado na última década e até extinto. Depois, foi restituído, mas o número de fiscais segue insuficiente. Não tem como fiscalizar tudo e todos. Então, parte disso passa por campanhas de conscientização, com o objetivo de que as pessoas percebam que têm como obrigação cumprir a legislação. Se tenho um negócio e preciso de um trabalhador, por óbvio, os direitos dele devem ser cumpridos. É até um contrassenso quando vemos, ainda hoje, tantas situações de flagrância de trabalho análogo à escravidão. A gente ouve o discurso de que a pessoa é quase da família. Isso não existe. As relações são profissionais. Na hora em que você contrata uma trabalhadora doméstica, por exemplo, ela é uma profissional. Então, que ela cumpra a jornada e, no final, receba pelo trabalho. Se conseguíssemos conciliar obrigações com direitos, tal-

vez nem precisássemos tanto da existência da instituição.

■ *De que forma as desigualdades enfrentadas pelas mulheres chegam à Justiça?*

Elas buscam a Justiça, embora não sejam todas. Às vezes, a mulher está grávida e é dispensada, ou então é dispensada logo depois que retorna da licença-maternidade, mesmo sendo essa licença custeada pela Previdência. Outro fato é a violência doméstica, que afeta também a relação trabalhista da mulher. Eu sempre cito um exemplo que vivenciei com uma mulher que já tinha muito tempo na empresa e era uma excelente trabalhadora. Ela se casou nos últimos anos do contrato e, dois anos depois, começaram as agressões. Quando eram no corpo e ela conseguia cobrir, ia trabalhar. Mas, quando eram no rosto, faltava. No último ano, como faltou muito, veio uma demissão por justa causa. E ela tinha vergonha de se abrir. Sabe quando você está interrogando uma pessoa e a boca balbucia uma coisa, mas os olhos dizem outra? Depois de um tempo, percebi que ela estava muito recalitrante e que a voz não correspondia ao olhar. Então, pedi licença aos advogados e conversei com ela. Depois de algum tempo, ela finalmente contou que apanhava e tinha vergonha de contar. Então, foi preciso dizer: “A senhora vai ser vítima duas vezes”. Vítima porque apanhava e vítima pela rescisão. Isso é justo? Quando voltamos à sala, ela conseguiu falar e o caso terminou em conciliação. O fato é que a mulher trabalhadora vive muitas camadas. Há a trabalhadora celetista, há a mulher que está no mercado informal. Há o sexismo, a sociedade machista, em que a mulher ainda é vista pelo corpo que tem. Mas ela não é um objeto; é um sujeito de direito. Às vezes, o empregador não a contrata, porque vai engravidar. Ainda tem isso. A minha percepção é que a gente dá dois passos para frente e um para trás.

■ *O que precisa mudar para que essa presença feminina deixe de ser exceção?*

Há uma diferença entre os setores público e privado. No público, estamos caminhando para a equidade. Já no privado, é mais difícil. Muitas vezes, para atingir um cargo de liderança, a mulher tem que abrir mão até da maternidade. Não foi o meu caso. Eu percebo, até pelos inúmeros processos que julguei, que há essa dificuldade. A mulher entra no mercado e, depois, nem sempre consegue continuar. E, para ascender a cargos de chefia, também é mais difícil. Acredito que, mesmo assim, avançamos muito nessa questão, embora ainda existam obstáculos. Não gosto de me comparar à maioria das minhas colegas, porque nunca me vi sendo mãe, nem casada. Mas a mulher tem o direito de exercer sua opção, sim. O fato é que não tive tantos obstáculos como uma mulher que é mãe. No começo da minha carreira, fui um pouco desafiada, porque era muito jovem em uma sala de audiência. Mas, para mim, não foi tão pesado quanto para outras mulheres que têm casa e filhos para cuidar. É diferente.

REFÚGIO DAS TELAS

Espaços estimulam hábito da leitura

Estabelecimentos de João Pessoa investem em áreas de convivência e acervos extensos para cativar público

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com

Fonte inesgotável de prazer e conhecimento, um livro é, para muitos, um instrumento de refúgio emocional e objeto de estímulo cognitivo. Em meio à onipresença de dispositivos digitais — que têm remodelado, inclusive, os hábitos de leitura —, espaços como livrarias, sebos e cafés literários investem em experiências sensoriais para fortalecer o vínculo tátil entre impressos, lugares e pessoas. Em João Pessoa, mais do que pontos de venda, esses estabelecimentos convertem-se em áreas de convivência, relaxamento e troca de ideias olho no olho, promovendo alternativas de lazer longe das telas. Para o arquiteto Felipe Freire, embora o hábito de ler possa ser estimulado, no cotidiano, pela portabilidade e a praticidade dos livros digitais, é a leitura de impressos que promove momentos de maior descanso. “Como alguém que faz uso dessas duas formas, sinto que a leitura do impresso me ajuda a desacelerar. Quando posso, procuro livrarias porque acho que, assim, escapo um pouco do algoritmo e me dou a chance de descobrir e guiar meus próprios interesses, investigando as prateleiras”,



Foto: Leonardo Ávila

Acervo d'O Sebo Cultural conta com cerca de 500 mil livros

afirma. Cliente assíduo desse tipo de estabelecimento, ele conta que a região central de João Pessoa é rica em opções que encantam, justamente, por permitir que o cliente se acomode e até faça um lanche enquanto analisa os exemplares que despertaram curiosidade.

Livraria do Luiz

Conhecida como um tradicional ponto de encontro intelectual de João Pessoa, a Livraria do Luiz é dona do maior acervo de literatura paraibana e regional. Lá, reúnem-se escritores, pensadores e amantes da literatura, mas, graças à curadoria diversa — que vai desde os textos acadêmicos até a ficção e romances infantojuvenis —, também chama a atenção de novos leitores e jovens que querem, simplesmente, ler para se divertir. Oficialmente reconhecida como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial da capital paraibana, o espaço envolve os visitantes entre estantes de madeira repletas de volumes diversos, mergulhados em uma iluminação amarelada e embalados pelo cheiro agradável de café quente e itens de panificação.

De acordo com o diretor do espaço, Ricardo Pinheiro, “desde a fundação da livraria,



Foto: Evandro Pereira

Patrimônio cultural de João Pessoa, Livraria do Luiz tem cafeteria como um dos atrativos

a proposta é humanizar o livro, a leitura e o espaço literário. Foi pensando nisso que, em 2015, fundamos a cafeteria”. Segundo ele, o público de leitores jovens tem crescido, e um ambiente confortável e acolhedor os mantém próximos dos livros, ao mesmo tempo que estimula conversas presenciais ao redor de uma mesa. “Hoje, existem muitos filmes que são baseados em romances e ficções, e isso levanta a busca pelo livro físico, que te permite viajar de forma emotiva, através da sua própria imaginação. A gente tem sentido essa alavancada, com os jovens frequentando livrarias. A cafeteria promove interação, tanto entre eles, enquanto grupo, como entre eles e os livros”, aponta.

A Livraria do Luiz — que, além da unidade no Centro, também conta com uma loja no MAG Shopping, em Manaíra — ainda fundou um Clube do Livro, que reúne leitores apaixonados uma vez por mês. Aberto para qual-

quer pessoa com mais de 16 anos, as informações sobre como participar dos encontros podem ser obtidas por meio do WhatsApp do grupo, disponível no perfil do Instagram @livrariadoluz. A unidade no Centro funciona de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h30, e aos sábados, das 8h às 13h. Já a unidade em Manaíra está aberta das 9h às 21h, de segunda a sábado, e das 13h às 21h, aos domingos.

O Sebo Cultural

Outro estabelecimento que, além de ponto de venda de livros, vem se consolidando como espaço de lazer, interação e estímulo à leitura é O Sebo Cultural. A unidade matriz, estabelecida no bairro do Centro, foi fundada em 1978 e, hoje, dispõe de um acervo vasto, reconhecido como um dos maiores do país. Construída como uma grande biblioteca, além de mais de 500 mil livros dispostos em estantes, prateleiras e balcões catalogados, o empreendimento também

tem cerca de 10 mil DVDs e 30 mil vinis, que podem ser consultados pessoalmente ou no acervo digital, disponível no site lojasebocultural.com. A sede funciona de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h30, e aos sábados, das 8h às 13h.

A estudante de Filosofia Lara França diz que se sente entrando em um mundo mágico, sempre que visita a sede do sebo. “O espaço, para mim, é a manifestação de uma mente curiosa, cheia de informação e interesses diversos. Se você olhar para a decoração, vai ver que, de um lado, tem um cartaz de livro do Nietzsche e, do outro, um pôster do filme *Lua Nova*, da saga *Crepúsculo*. Sinto que, aqui, todo interesse acadêmico e cultural é bem recebido”, reflete. Além da sede, ela também frequenta as filiais, localizadas em Manaíra e no bairro dos Bancários, que funcionam, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h, com pausa para o almoço das 12h às 14h. Aos sábados, elas permanecem abertas

das 9h às 13h.

O gerente d'O Sebo Cultural, Cláudio Câmara, destaca que o espaço valoriza o acesso ao conhecimento e, por isso, eventualmente realiza a doação de livros. Na matriz, há uma área onde os clientes podem se sentar, de forma gratuita, e permanecer sem se preocupar com o consumo. “Acabamos de adquirir um terreno ao lado da sede e vamos aproveitar para abrir um café cultural. Nesse espaço, também queremos fazer lançamentos de livros, clubes de leitura e uma área para RPG. Um espaço bem eclético”, revela. Ele lembra, ainda, que o sebo é uma alternativa econômica para quem não pode arcar com os custos de um livro novo. “Na matriz, fazemos a troca de livros e, dependendo do estado do exemplar, procuramos dar descontos de 50% em nossas vendas”, informa.

Café das Letras

Conhecido como um espaço descolado e multicultural, marcado pela descontração e estímulo às rodas de conversa, o Café das Letras, ponto de encontro de artistas, descreve-se como “livraria, sebo, gibiteria, tabacaria, cafeteria & afins”. Idealizado pelo escritor e professor de Filosofia Patativa Moog, o lugar reúne literatura variada, música e os mais diversos interesses acadêmicos e *geeks* — termo que envolve cultura *pop*, *videogames*, *animes*, *quadrinhos* e *colecionáveis*. Lançamentos de livros, saraus e eventos ligados às lutas populares também acontecem no estabelecimento, que funciona de terça a sábado, sempre a partir das 15h, sem um horário fixo de encerramento. O endereço é a Rua Duque de Caxias, nº 120, no Centro da capital.

Empreendimento em Campina Grande atrai diferentes gerações

Maria Beatriz Oliveira
obeatriz394@gmail.com

De acordo com a pesquisa realizada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), as vendas de livros físicos aumentaram 6,5% em 2025 em relação ao ano anterior. Essa alta representa R\$ 185 milhões em exemplares físicos vendidos. Além disso, são os leitores jovens — com idade de 18 a 34 anos — a maior parcela dos compradores. Essa tendência de público pode ser vista na Lupa — Sebo e Livraria, localizada no bairro Prata, em Campina Grande.

O empreendimento, que surgiu na pandemia como um comércio apenas virtual, hoje se tornou um ponto cultural na cidade, reunindo um público diverso e interessado não só por livros, mas por uma convivência social mais pulsante. No local, as pessoas reúnem-se para brincar com jogos de tabuleiros, ou-

vir músicas em disco de vinil ou tomar um café.

Para Marco Aurélio Fernandes, um dos colaboradores da Lupa, apesar de o principal objetivo do local ser a comercialização de livros, há o intuito de que as pessoas se sintam acolhidas para criar e se expressar. “O diferencial da Lupa é justamente ser um ponto de encontro de diferentes gerações. Estamos localizados próximos às universidades da cidade e a algumas escolas, como o [Colégio] Estadual da Prata, então recebemos muitos adolescentes e jovens. Mas também temos frequentadores mais velhos que vêm tomar um café, um vinho, conversar um pouco. É uma experiência diferente dos outros sebos ou livrarias da cidade”, relata Marco.

A estudante intercambista Paule Obame, natural do Gabão, é uma das clientes assíduas da Lupa. Ela chegou ao Brasil em janeiro para estudar na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Além de encontrar,

na livraria, um espaço para aprender o idioma português, por meio de livros infantis, ela acabou fazendo amigos na livraria.

“Moro aqui perto e sempre passava em frente e achava bonito, até que um dia resolvi entrar. Agora venho toda semana para ler, tomar um café e conversar com o pessoal, porque também pratico o português assim. No início, só lia os livros infantis, porque a linguagem é mais simples, mas tenho começado a me arriscar com obras mais adultas para ver se consigo entender”, contou a aluna.

Biblioteca Municipal

Com mais de 18 mil obras catalogadas, incluindo acervos infantis, didáticos e de obras raras, a Biblioteca Municipal Félix Araújo, localizada na Avenida Floriano Peixoto, no Centro de Campina, é um dos espaços de estudo e pesquisa mais tradicionais da cidade. Fundado em 1938, o local é hoje procurado principalmente por con-



Foto: Julio Cezar Peres

Gabonesa, Paule Obame aprende português na Lupa, em CG

curseiros e alunos em busca de material e de um ambiente silencioso e acolhedor para estudar. Além disso, também costuma ser muito visitado por escolas públicas e privadas, além de pais que levam os filhos para conhecer o acervo.

“O expediente é das 8h às 18h, sendo um horário que atende múltiplos públicos. Temos um perfil bem claro, formado por pessoas jovens que estudam, sobretudo, para o Enem [Exame

Nacional do Ensino Médio] e que vêm para a Biblioteca tanto pelo ambiente tranquilo como pelos livros disponíveis”, explicou Carlos Farias, assistente administrativo da Biblioteca Municipal.

Michel Sampaio, estudante de Odontologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), começou a frequentar o local justamente quando estava se preparando para o Enem. “Eu me distraía muito facilmente quando tentava estudar em casa e aqui consi-

go focar completamente nos estudos, então até hoje venho quando tenho alguma prova importante ou um projeto”, afirmou.



Foto: Julio Cezar Peres



Eu me distraía facilmente quando tentava estudar em casa e aqui consigo focar completamente nos estudos

IMUNIDADE

Tema é cercado por mitos e teorias

Fortalecimento das defesas do organismo baseia-se mais em um estilo de vida saudável do que em receitas fáceis

Pedro Alves
pedroalvesjp@yahoo.com.br

Quando o assunto é saúde, um dos temas mais comum em rodas de conversas entre amigos é a imunidade. Teorias, dicas e hábitos são compartilhados a fim de melhorá-la, para que doenças mais ordinárias, como gripes e viroses, não sejam tão recorrentes na vida das pessoas. Mas o que realmente pode fortalecer a imunidade? E quais práticas diárias precisam ser abandonadas para que a saúde pessoal seja mais plena?

Embora a *internet* possa ser um caminho útil para a busca de respostas, ela também é um espaço no qual se espalham conteúdos em que o compromisso com a verdade, em diversas ocasiões, é deixado de lado. É o caso de vídeos curtos, com dicas para melhorar a imunidade, baseados majoritariamente em convicções pessoais em vez de evidências científicas, o que torna parte desses materiais inverossímil.

Quem explica é o médico alergologista Roberto Lacerda. “A *internet*, muitas vezes, é terra sem lei, com algumas informações incorretas divulgadas por *youtubers* e até por médicos. A medicina deve ser baseada em ciência. É importante não acreditar em tudo o que se vê na *internet* e sempre checar se o médico é realmente especialista em imunologia e alergologia”, alerta.

Segundo o especialista, manter o sistema imunológico funcionando adequadamente é resultado da combinação de diversos fatores que fazem parte do estilo de vida. Uma alimentação equilibrada, rica em frutas, verduras, legumes, proteínas de qualidade e gorduras saudáveis, é



Foto: Julio Cesar Penes

Alimentos como frutas cítricas e vegetais verde-escuros ajudam a melhorar a imunidade, desde que integrem uma dieta equilibrada; exercícios físicos regulares também são fundamentais

imprescindível. Nesse sentido, alguns alimentos, como frutas cítricas, vegetais verde-escuros, castanhas, sementes, iogurtes com probióticos e peixes ricos em ômega-3, podem contribuir para uma dieta saudável, mas nenhum deles, isoladamente, é capaz de garantir uma imunidade mais forte.

O sono também é parte primordial do processo de melhoria ou manutenção das defesas do corpo sólidas. Durante o descanso, o organismo

realiza processos importantes de recuperação e regulação do sistema imunológico. Por isso, dormir poucas horas ou ter um sono de má qualidade pode comprometer a resposta do corpo às infecções.

Da mesma forma, manter a prática regular de atividade física, controlar o estresse, evitar o consumo excessivo de álcool, não fumar e manter doenças crônicas sob controle são hábitos que contribuem para a saúde como um todo e, consequentemente, para o

funcionamento adequado da imunidade.

“Para manter a imunidade normal, é necessário dormir bem, de oito a 10 horas. Ter a prática de um sono restaurador, de se alimentar de maneira saudável, de fazer atividade física regular, de diminuir o estresse crônico e manter socialização e lazer com familiares e amigos é importante. Meditação e espiritualidade também podem ajudar”, completa o médico Roberto Lacerda.



Foto: Roberto Guedes

Cuidados podem variar de acordo com a faixa etária das pessoas

A qualidade da imunidade atravessa a vida do ser humano. Uma criança menor de cinco anos tem um aparato natural de defesa ainda em formação, por isso é fundamental manter a carteira de vacinação em dia, conforme o calendário definido pelos órgãos de saúde. Isso porque as vacinas funcionam como um auxílio ao que o corpo produz sozinho. Durante esse período da vida, o sistema imunológico infantil ainda não foi devidamente “treinado” para responder da melhor maneira a bactérias e vírus.

Na maturidade, as pessoas, caso mantenham hábitos saudáveis, passam a ter menos doenças ordinárias, como resfriados, gripes e viroses. Já quando se é idoso, o sistema imunológico começa a entrar em declínio, como qualquer parte do organismo de uma pessoa mais velha. Nesse momento, os cuidados voltam a ser ainda mais necessários.

“Infecções virais por resfriados não são indicativos, obrigatoriamente, de imunidade baixa. Crianças podem ter de seis a oito resfriados por ano. Crianças estão em desenvolvimento do sis-



Foto: Roberto Guedes

Vacinas fortalecem sistema imunológico em formação

tema imunológico e têm mais infecções virais e bacterianas do que adultos. Os idosos vão diminuindo a imunida-

de com o envelhecimento, por isso eles desenvolvem mais infecções e mais câncer”, analisa Roberto Lacerda.

Hábitos de higiene e intervenções no ambiente reduzem risco de adoecer

Adotar medidas simples também ajuda a reduzir o risco de adoecer. Lavar as mãos com frequência, manter a vacinação em dia, higienizar corretamente os alimentos, evitar contato próximo com pessoas doentes quando possível, manter os ambientes ventilados e respeitar os períodos de recuperação quando estiver doente são atitudes que ajudam a prevenir infecções e proteger a saúde.

Um item constantemente associado à melhora da imunidade é o própolis, substância produzida pelas abelhas a partir da seiva e casca de árvores e combinada com suas próprias enzimas salivares e cera. O produto atua ajudando a regular a resposta do sistema imune contra vírus, bactérias e fungos e possui propriedades anti-inflamatórias, antioxidantes e antimicrobianas, sendo útil para prevenir e tratar infecções respiratórias, como dor de garganta e gripes.

O médico veterinário Audisio Alves consome o produto há alguns anos, não como uma receita milagrosa, mas como um aliado contra doenças virais. O uso do produto também é parte de

uma sequência de hábitos que contribuem para que ele adoça bem menos em relação a alguns amigos, por exemplo.

“Eu comecei a tomar própolis por conta de um alergologista que eu tinha e que me passou essa dica. Depois, por um tempo, eu parei, mas, desde a pandemia da Covid-19, retornei. Percebi que é muito raro ter essas gripes mais comuns que outras pessoas contraem. Então tem sido um aliado importante. Mas também sou uma pessoa que se alimenta bem, com uma dieta com muitas fru-

tas, por exemplo”, explicou.

Roberto Lacerda reconhece que o própolis pode ajudar na imunidade, mas faz a ressalva de que o bom funcionamento do sistema imunológico está mais ligado à soma de diversos aspectos do que a algo específico. “O própolis, como raízes e algumas boas dicas de alimentação, é bom, porém esses não são alimentos milagrosos. Alimentação saudável sem embutidos, sem excesso de açúcar, sem ser industrializado, é sempre uma boa pedida também. É uma soma de fatores”, definiu o médico.



Foto: Roberto Guedes

Usado em infecções respiratórias, própolis não é milagroso

ECA DIGITAL

Estatuto barra exposição de crianças

Perfis que exploram a imagem de menores de idade de forma recorrente para gerar receita terão que ser retirados do ar

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

A crescente popularidade dos influenciadores mirins levou a Justiça a olhar com mais atenção para a presença de crianças e adolescentes nas redes sociais, sobretudo quando há movimentação de dinheiro e publicidade. Mas em que ponto a publicação de fotos e vídeos dos pequenos deixa de ser um registro familiar e passa a ser encarada como exploração comercial? É esse limite que o ECA Digital — atualização do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) para o ambiente virtual — tenta estabelecer ao exigir autorização judicial para conteúdos monetizados ou impulsionados que explorem, de forma habitual, a imagem desses jovens.

A mudança, embora possa ter surpreendido parte das famílias, não foi imposta de repente. Publicado em 18 de março deste ano, o Decreto nº 12.880 abriu um prazo de 90 dias para que pais e responsáveis, bem como as próprias plataformas digitais, adequassem-se às novas exigências. Encerrado esse período, a regra passou, então, a valer para conteúdos em que a imagem ou a rotina de crianças e adolescentes é explorada recorrentemente para gerar receita, quase como se fosse um trabalho.



Foto: Reprodução/Pexels

Regra não impede que pais postem fotos e vídeos dos filhos, mas proíbe a monetização sem autorização judicial, como já ocorre na publicidade e no teatro

Para o juiz Adhailton Lacet Porto, da 1ª Vara da Infância e Juventude de João Pessoa, o ponto de atenção está, justamente, nessa monetização. “A partir do momento em que há monetização, é trabalho”, afirma. Vale destacar que, sem a

devida autorização judicial, a plataforma responsável deverá retirar o conteúdo do ar. Segundo o magistrado, a nova regra não impede que crianças apareçam eventualmente na *internet*, por meio de uma foto em família ou um

vídeo de caráter afetivo publicado pelos pais. O objetivo é alcançar situações em que essa presença passa a funcionar como atividade comercial, dentro de uma rotina de produção de conteúdo, audiência e geração de renda. Aliás, como

Adhailton lembra, a legislação brasileira proíbe o trabalho antes dos 14 anos, embora admita exceções para atividades artísticas, desde que autorizadas pelos pais e pela Justiça. É o que já ocorre em novelas, publicidade, teatro e even-

tos, “desde que não ocorra em horários noturnos e local insalubre, respeitando os horários de estudo e lazer”, observa. Agora, com o ECA Digital, essa mesma lógica passa a orientar, também, a exposição nas redes sociais.

Juiz poderá autorizar conteúdo, mas casos serão avaliados individualmente

Com as novas regras, cada pedido de autorização precisará ser analisado de forma individual, considerando a realidade da criança ou do adolescente envolvido. Segundo o juiz Adhailton Lacet, mesmo em atividades coletivas, em que antes era comum a expedição de um alvará único, a avaliação deverá observar as condições específicas de cada menor. A orientação segue os critérios definidos pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), que passam a nortear os juízes na concessão das autorizações.

Na prática, caberá à Justiça verificar se a atividade interfere na escola, no descanso, no lazer e na saúde, além de avaliar se a exposição “atende ao melhor interesse” desse jovem influenciador. Também entram nessa análise a frequência, o tipo de conteúdo produzido, as formas de divulgação, a existência de monetização ou o impulsionamento e a compatibilidade da atividade com o desenvolvimento da criança ou adolescente. “Não teremos mais autorizações genéricas. O juiz terá de fazer um alvará para cada criança, analisando os

casos de forma específica”, observa Adhailton. Para o representante da Vara da Infância e Juventude de João Pessoa, essa mudança também torna mais clara uma zona que, até então, era pouco fiscalizada na *internet*. Antes da regulamentação, muitos perfis eram administrados pelos próprios pais, sem que houvesse um controle real sobre a rotina de produção, o nível de exposição ou o destino dos valores recebidos. “A gente não sabia se esses ganhos eram revertidos em prol da criança e, muitas vezes, alguns pais tinham aquilo como única fonte de renda”, pontua. Nesses casos, inclusive, pode haver indício de exploração do trabalho infantil, segundo ele.

Nova regulamentação amplia a responsabilidade das plataformas

A questão financeira das famílias é um dos temas mais sensíveis nesse debate. Quando uma criança diverte a *internet* com dancinhas e brincadeiras, nem sempre fica claro se o dinheiro gerado, ainda que de forma indireta, retorna, de fato, para ela. Para o juiz, não há dúvida: a remuneração obtida com a participação em conteúdos digitais deve sempre ser revertida em favor do próprio menor. “O dinheiro é dele. Enquanto não completar os 18 anos, esse dinheiro só pode ser movimentado por meio de autorização judicial”, resume.

A orientação é que os valores sejam protegidos, por exemplo, em uma conta em nome da criança, com movimentação condicionada à maioridade. Antes disso, o uso só deve ocorrer mediante autori-

zação da Justiça, em situações justificadas, como forma de impedir que a renda seja usada livremente pelos adultos e até passe a sustentar financeiramente a família.

Resposta mais rápida

A regulamentação também amplia a responsabilidade das plataformas digitais em relação a conteúdos que explorem ou exponham de forma inadequada a imagem de crianças e adolescentes. Segundo Adhailton Lacet, antes dela, mesmo com ordem judicial, a retirada podia demorar, o que prolongava os danos causados pela exposição. Agora, com o ECA Digital, a expectativa é que a resposta seja mais rápida. Além disso, as empresas também poderão ser responsabilizadas caso permitam a monetização ou

o impulsionamento sem a autorização exigida pela Justiça. De acordo com o juiz, as multas podem chegar a R\$ 50 milhões, um rombo que deve estimular o acompanhamento desse tipo de conteúdo.

Para o magistrado, o ECA Digital não substitui o Estatuto da Criança e do Adolescente, mas amplia sua aplicação para uma realidade que não existia quando a legislação original foi criada, marcada por algoritmos e circulação acelerada de imagens. “Ele busca oferecer uma proteção integral maior”, observa. A questão ganhou visibilidade diante de casos como o do influenciador paraibano Hytalo Santos, que levou o país a discutir até onde vai o entretenimento e onde começa a violação de direitos de crianças e adolescentes nas redes.



Foto: Boris Odbreysov/Unsplash

Atividade não pode atrapalhar o estudo e o lazer

“

Não teremos mais autorizações genéricas. O juiz terá de fazer um alvará para cada criança, analisando os casos de forma específica

Adhailton Lacet



Foto: Fabio Rodrigues-Pozzabom/Agência Brasil

Justiça entende que as crianças não devem ser responsáveis por sustentar a família

TURISMO SUSTENTÁVEL

PBTrilhas cria malha de conservação

Iniciativa estabelece diretrizes para preservar as riquezas naturais e incentivar o crescimento socioeconômico

Bárbara Nascimento
barbara.oliveira@epc.pb.gov.br

A consolidação das políticas de preservação aliadas ao desenvolvimento socioeconômico ganhou um novo capítulo na Paraíba com a criação do PBTrilhas. A iniciativa é voltada ao fomento, estruturação e fortalecimento de uma rede de trilhas ecológicas de longo curso em território estadual. Publicada no *Diário Oficial*, a portaria que regulamenta o programa resulta de ação conjunta entre a Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas) e a Secretaria de Estado do Turismo e Desenvolvimento Econômico (Setde) e estabelece as diretrizes para transformar as riquezas naturais paraibanas em vetores de crescimento sustentável.

Três pilares interdependentes estruturam a iniciativa: a conservação da biodiversidade, o estímulo ao turismo de natureza e a inclusão produtiva de comunidades rurais e tradicionais. Ao mapear e interligar percursos que cortam biomas plurais, que vão desde a exuberância da Mata Atlântica, no Litoral, até a resiliência da Caatinga, no interior, o PB-Trilhas pretende interiorizar e descentralizar o fluxo turístico, e criar uma infraestrutura permanente que valorize o patrimônio natural e cultural do estado. Para concretizar a proposta, a participação ativa dos municípios na gestão local e o engajamento da população são peças fundamentais.

O PBTrilhas é desenhado como uma ferramenta transversal de política pública. A



Foto: Divulgação/Semas

Ideia é fortalecer a política ambiental a partir de corredores que integram paisagens como o Parque Estadual da Pedra da Boca

articulação entre as pastas demonstra a superação de uma antiga dicotomia que enxergava o desenvolvimento econômico e a proteção ecológica como forças antagônicas. O secretário de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade, Adroilzo Fonseca, aponta que o projeto fortalece diretamente a política ambiental ao criar corredores ecológicos que mitiguem a fragmentação de habitats e integram paisagens. “As trilhas são espaços que podem conectar fragmentos florestais que estão isolados, servindo como uma rota segura para o trânsito da fauna e dispersão da flora, contribuindo assim para conservação da biodiversidade e a conectividade das áreas protegidas”, ressalta.

Visibilidade

Pelo lado do desenvolvimento econômico, o programa é uma oportunidade de reconfiguração do mapa turístico paraibano, jogando luz sobre regiões serranas, vales e ecossistemas da Caatinga que guardam enorme potencial e que, historicamente, permaneceram à margem das grandes rotas de visitantes.

Os itinerários do PBTrilhas iniciam no Litoral Norte, integrando a Trilha dos Potiguaras à preservação de manguezais e comunidades indígenas na Área de Preservação Ambiental (APA) da Barra do Rio Mamanguape. Para o Curimataú, há o circuito dos Caminhos das Ararunas, que conecta serras e o Parque Estadual da Pedra da Boca. O programa também prevê a expansão gradual dos percursos sinalizados para o Brejo e o Sertão paraibano.

Programa prevê alinhamento técnico com políticas nacionais

Para que o PBTrilhas dialogue com as melhores práticas globais, o alinhamento técnico com experiências nacionais é indispensável. Por isso, a analista ambiental da Semas, Suênia Oliveira, explica que o PB-Trilhas está alinhado com a política nacional de fomento de trilhas, a partir do Sistema Nacional de Trilhas (Sin-trilhas). “O programa prevê e estabelece um padrão de sinalização. As governanças de cada trilha devem seguir essa orientação, seguindo também os princípios e as normativas de segurança que regem as atividades de turismo em ambientes naturais”, destaca.

Atuando de forma coletiva, a Rede Brasileira de Trilhas surge como orientadora dessa padronização que envolve método, estudo e equilíbrio. Questionada sobre os critérios para integrar a diversidade geográfica paraibana aos grandes corredores ecológicos do país, a instituição ressalta que o planejamento adota metodologias já testadas de forma colaborativa.

A diretora de Comunicação da Rede, Luciana Nogueira, explica que essa integração estrutural passa pela padronização visual. “A conexão visual com a Rede Brasileira de Trilhas de Longo Curso se dá pelo sistema de sinalização padrão das pedagas amarelas



Foto: Arquivo pessoal

A sinalização atua também no vínculo das pessoas com a implementação da trilha, trazendo senso de pertencimento

Luciana Nogueira

e pretas, que orientam o caminhante em ambos os sentidos. Esse sistema, detalhado no Manual de Sinalização de Trilhas do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e do Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA), é flexível o suficiente para abraçar a identidade local e se adaptar às características dos biomas regionais. A sinalização atua também no

vínculo das pessoas com o desenvolvimento e a implementação da trilha, trazendo senso de pertencimento”, pontua Nogueira.

A Rede enfatiza que o programa ganhará força por meio das pessoas e da colaboração. O engajamento comunitário desponta como o verdadeiro motor de perenidade das rotas, partindo do princípio defendido pela organização de que “as trilhas nascem de baixo para cima” e dependem da participação ativa da sociedade. Para o contexto da Paraíba, a Rede propõe três frentes de atuação prática baseadas em sua experiência coletiva nacional.

A primeira é a capacitação prática e cuidado coletivo a partir da realização de oficinas abertas para voluntários e moradores baseadas no Manual de Manejo de Trilhas Sustentáveis do ICMBio. O objetivo é planejar os trajetos respeitando a topografia e a drenagem natural da água, minimizando a erosão e garantindo o baixo impacto ambiental por meio da construção coletiva.

A segunda é a governança compartilhada a partir do fortalecimento da gestão com a criação de comitês regionais que reúnem moradores, sociedade civil organizada, gestores públicos, usuários e praticantes de atividades ao ar livre, assegurando decisões horizontais

que respeitem a realidade local. E a última é a economia e turismo de base comunitária com o uso da trilha como fio condutor de desenvolvimento, incentivando o entorno a oferecer serviços de hospedagem, alimentação, artesanato e condução local, estimulando o empreendedorismo, a valorização histórica e a geração de renda direta.

PBTrilhas pretende ganhar força por meio do engajamento comunitário visando à perenidade das rotas



Foto: Roberto Guedes

Cada trilha deve seguir um padrão de sinalização e segurança

Saiba Mais

Sob a perspectiva da cooperação comunitária, Adroilzo Fonseca lembra que o PBTrilhas terá um conselho consultivo que poderá contribuir na formulação de propostas para tomada de decisão, proposição de políticas públicas, definição de estratégias de ação e auxílio na coordenação do programa em âmbito local e regional. “O conselho está em fase de planejamento e será formado por representantes do poder público, sociedade civil e iniciativa privada”, esclarece o secretário.

A estruturação de políticas públicas voltadas ao turismo sustentável estabelece outro patamar para a preservação do patrimônio natural e cultural, reafirmando o valor dos ecossistemas para o desenvolvimento regional. Com as diretrizes técnicas e comunitárias devidamente alinhadas, caberá a gestores, municípios e sociedade civil organizada a consolidação dos espaços como uma alternativa sustentável.

Antes de embarcar numa turnê internacional, a banda Papangu mostrará o seu estilo meio jazz, meio rock

MÚSICA

Com o rock na veia



Foto: Helder Bano/Divulgação

Hoje, em João Pessoa, a Rádio Parahyba promoverá gratuitamente a edição inaugural do 103.Rock Festival

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Quando participou do famoso concerto beneficente *Live Aid*, ocorrido em 13 de julho de 1985, nos estádios de Wembley (em Londres, na Inglaterra) e John F. Kennedy (na Filadélfia, nos EUA), o britânico Phil Collins considerou ser aquele o “dia do rock”. Controvérsias à parte, a arbitrária efeméride pegou no Brasil, circulada anualmente no calendário como Dia Mundial do Rock. Antenada junto à cena desse gênero no século 21, a Rádio Parahyba FM 103.9 estreou, em maio, o programa *103.Rock*. Agora, a emissora resolve cravar no máximo o volume das caixas amplificadoras com a 1ª edição do 103.Rock Festival, que acontece hoje, a partir das 16h, na Usina Cultural Energisa, em João Pessoa. Sobem ao palco da Sala Vladimir Carvalho as bandas paraibanas Papangu e Headspawn, além da cantora e compositora Flau Flau, com transmissão ao vivo pela 103.9 e pelo canal oficial da rádio no YouTube (@parahybafm). A entrada é gratuita.

Comandado pela cantora, compositora e gerente operacional de programas da Parahyba FM, Val Donato, o *103.Rock* vai ao ar, ao vivo, toda quarta-feira, às 20h. Conforme pontua a artista, que também vai apresentar o festival, o programa segue ainda muito fresco no hábito dos ouvintes: “A gente sabe que rádio é com o tempo mesmo; [...] o público vai sabendo e começando a dar audiência. É uma forma de divulgar o programa, mas de celebrar o Dia Mundial do Rock, que é na segunda-feira [13]”.

O jornalista e gerente executivo da Parahyba FM, André Cananéa, lembra que Donato já tivera um programa dedicado ao tema em âmbito nacional, o *Rock do Brasil*, veiculado entre os anos de 2018 a 2023, na Rádio Tabajara (105.5 FM). “Desde que eu chamei Val para ser minha adjunta de programas, [...] com a expertise dela de música, achei que ia ser um bom ganho para a Parahyba FM tê-la cuidando da parte de programação musical, vinhetas e estética sonora. Mas eu sempre falei que ela precisava entrar no ar; precisava ter um programa de rock”, afirma. “Conversando com a direção [da rádio], sugeriu-se que fizesse um lançamento do *103.Rock* com bandas locais, uma festa boa para isso. E a data que a gente mirou foi justamente o Dia Mundial do Rock”, acrescenta Cananéa.



Foto: Daniel Silva/Divulgação

A gente quis também, com esse line-up, abraçar várias tendências e vários estilos de rock

Val Donato

“A gente quis também, com esse line-up, abraçar várias tendências e vários estilos de rock. Flau Flau vem com uma coisa mais indie, alternativo; Headspawn mais metal e o rock troncho, meio jazz, meio rock, essa doidera massa que Papangu tem feito, que está recebendo muita visibilidade, muito destaque e que está chamando a atenção do mundo inteiro”, detalha Val Donato, aludindo à reportagem de capa do caderno de música do jornal britânico *The Guardian*, em 22 de maio, dedicada à banda pessoense.

Com malas prontas para apresentações na Europa, a Papangu conta como será no palco do 103.Rock Festival. “Todo show é diferente. Esse também muda a forma das músicas, execução e improvisos. Uma outra novidade é que pretendemos fazer uma longa turnê nacional após voltar de fora do país em setembro”, ressalta Rodolfo Salgueiro, vocalista e tecladista do grupo.

Vocalista e guitarrista da Headspawn, Alf Cantalice adianta que a banda trará composições inéditas, a serem lançadas somente no próximo mês. “Quem já viu um show nosso sabe que o nível de energia é no talo. A gente toca muito alto, curte muito estar no palco e sempre gostamos de trazer uma novidade”, pontua o músico.

A propósito da atmosfera celebrativa, os músicos rememoram seus primeiros contatos com o ritmo eletrizante, além de analisarem questões fundamentais sobre o que vem a ser a atitude rock ou a tão propalada “morte” do gênero.

Gênese

“Embora o contato tenha vindo mais cedo pela influência de papai, acho que só despertei para o

rock mesmo com o fascínio pela discografia inteira do Aerosmith, que é longa e variada”, afirma Rodolfo. Seguindo a linha da memória, os demais integrantes da Papangu também apontam suas primeiras fagulhas: com Marco Mayer (voz e baixo) foi aos cinco anos, na casa do avô, vendo os tios assistirem ao DVD *Pulse*, do Pink Floyd; “ouvindo ‘Crawling’, do Linkin Park, na casa do meu primo, aos sete anos, mais ou menos”, remonta George Alexandria (bateria); no caso de Hector Ruslan (voz e guitarra) foi ouvindo Beatles com os pais, entre cinco e seis anos de idade, ao passo que, para o multi-instrumentista Pedro Francisco, “foi ouvindo um acústico do Rod Stewart. Porém, eu lembro que foi marcante assistir ao clipe de ‘Slither’, do Nirvana, na MTV”.

Lembrando das tardes que passava com o irmão, ouvindo os discos de Titãs, Queen, Kiss, Sá, Rodrix e Guarabyra e Ramones na vitrola, o vocalista e guitarrista da Headspawn, Alf Cantalice, diz que o ponto (rock) de virada foi uma ventania ter arrancado a antena da TV e parte do telhado de sua casa. “Meu pai, que sempre foi muito viciado em televisão, tratou de comprar aquelas antenas parabólicas que ficavam chumbadas no chão e com ela chegou a MTV. Aí eu fiquei completamente viciado em ver vídeos, apresentações ao vivo e o sonho de ter uma guitarra tomou conta de mim por completo”, destaca Alf.

Atitude

Indagado sobre a postura comportamental do gênero, Rodolfo Salgueiro é contundente e sintético: “Imprevisibilidade e alta ocultanagem”. Apontando o sujeito roqueiro como um indivíduo paradoxal por natureza, normalmen-

te apartado do meio em que vive por sentir-se excluído dos grandes grupos sociais, Alf enxerga no rock uma grande comunidade, “lar para todos aqueles que não se encaixam em padrões regulares do pensar e agir”, ele afirma. “Dito isto, eu acho que uma atitude rock é desafiar os moldes infrutíferos da sociedade, desmascarar as farsas, ser real e fiel a tudo aquilo que te torna único nessa vida. Não há nada mais rock’n’roll do que ser você mesmo, apesar de qualquer coisa”.

Fim (?)

Quanto ao recorrente tema da morte ou fim do gênero, as opiniões convergem. Para Rodolfo Salgueiro, o que muda é a relação do público com quem faz rock. “Depois de ter sido empacotado como um produto financeiro, o rock — e vários outros gêneros musicais — foi propositalmente distanciado do público que ia a shows ao vivo. O rock continua existindo nos shows, nos palcos, nas bandas que tocam de fato. Surte tanto efeito quanto sempre o fez, mas tem barreiras que os artistas e os públicos precisam transpor para que se encontrem e se redescubram”, diz ele.

“O rock já foi a música proibida, já foi a música indesejada, já foi a música ilegal, já foi a coisa que deu cores ao mundo pós-Segunda Guerra, já foi uma novidade experimental, já foi mainstream e muitos juram que o rock morreu, enquanto todos os dias novos artistas de rock empilham novidades”, comenta Alf Cantalice. “No geral, o rock continua essencialmente desafiando a lógica, a razão e efervescendo o espírito de seus adeptos mundo afora”.



Foto: Renata Luna/Divulgação



Foto: Diego Contino/Divulgação

Evento também contará com o metal da banda Headspawn (E) e a pegada mais indie da cantora, compositora e instrumentista Flau Flau (D)

Artigo

Estevam Dedalus

Sociólogo | estevam_dedalus@yahoo.com.br

Isa Yplá: a multiartista que condensou o tempo

Somos todos criações do nosso tempo. Ninguém escapa ao espírito de uma época, das condições culturais, políticas, econômicas e sociais em que vive. O mais vanguardista dos artistas é alguém de um determinado período histórico, quer ele queira, quer não. Os problemas que tenta resolver, aquilo que aponta como um caminho para a sociedade e para a arte é consequência de situações muito específicas. Até mesmo quando rompe com tradições e antecipa novas formas de pensar e criar, sua obra permanece marcada pelas questões, tensões e desafios do contexto em que foi produzida.

Guernica, a grande obra de Pablo Picasso, uma das mais importantes criações da arte moderna, surgiu como resposta a um terrível bombardeio durante a Guerra Civil Espanhola. Não conseguiríamos compreender John Cage e a sua famosa peça *4'33"*, na qual os músicos ficam em silêncio, sem conhecermos o ambiente da música erudita do século 20, caracterizado, entre outras coisas, pela tentativa de se definir o que é a própria música.

Da mesma forma, não entenderíamos os dadaístas sem a crítica à racionalidade moderna e à crença iluminista no progresso, ambas profundamente abaladas após a Primeira Guerra Mundial. Assim como Andy Warhol sem o surgimento da indústria cultural, a arquitetura de Niemeyer sem a crença na construção de um Brasil moderno e as ideias coletivistas. Muito menos, as inovações estéticas dos tropicalistas sem as tensões políticas que o nosso país vivia com a Ditadura Militar, a modernização e os choques entre a cultura de massa

e a arte de vanguarda, o *rock* e a cultura popular brasileira.

Se não há ninguém fora da história, por outro lado também não existe história que não habite alguém. E vou mais a fundo: certas pessoas são a própria história. Elas encerram séculos e até milênios. Gerações atravessam-nas. Tradições, conflitos e as possibilidades do futuro condensam-se nelas, tal qual a singularidade que antecedeu o *Big Bang*. Como um ponto em que toda a densidade do passado e toda a potência do futuro coexistem, até que a história, como um universo que se atreve a nascer, expande-se em novas formas de existência.

Poucos encarnariam tão bem essa ideia quanto a multiartista paraibana Isa Yplá. Nascida em João Pessoa em 5 de julho de 1940, Isa Maria YPlá Pinto iniciou sua formação musical ainda na infância. Há mais de oito décadas dedica sua vida à arte. Talvez pouca gente saiba, mas a sua primeira apresentação ocorreu em 1945, quando tinha apenas cinco anos de idade. Essa trajetória foi celebrada no dia 5 de julho deste ano, com o extraordinário espetáculo *Árvore mãe: as quatro gerações*, no Theatro Santa Roza, em João Pessoa.

Ela é uma espécie de “artista total”: atriz, diretora, dramaturga, compositora, pianista e maetrina. Um tipo cada vez mais raro — quase em extinção — numa sociedade que valoriza exageradamente a especialização. Fundadora da Oficina D’Artes, da Companhia de Teatro Yplateia, do coral infantil Pequenos Grandes Valores e do Madrigal Flor de Lótus, construiu uma trajetória que atravessa o teatro, a música e a educação.

Sua formação e sua trajetória artística foram moldadas em um Brasil mar-

cado pela Ditadura Militar, período em que fazer arte significava também resistir às restrições impostas à liberdade de criação. Ainda em plena atividade, Isa Yplá pertence a uma linhagem de artistas para quem as fronteiras entre teatro, música e educação simplesmente não existiam. É alguém capaz de encenar obras fundamentais do teatro brasileiro, como *Um grito parado no ar* e *Eles não usam black-tie*; atuar como maetrina; dirigir espetáculos teatrais; compor trilhas sonoras premiadas para o teatro infantil, gravar cinco CDs, um DVD, criar um projeto social de formação musical para crianças e jovens a partir da montagem de um coral infantil, e ainda fundar a sua própria companhia de teatro.

Embora seja menos conhecida pela geração mais jovem, Isa foi, sobretudo nas décadas de 1980 a 2000, uma das artistas mais presentes e respeitadas da cena cultural paraibana, atuando simultaneamente nos palcos, na música, na formação de novos artistas e na educação. Estamos diante de uma mulher que pariu a força de seu próprio destino em um mundo organizado para silenciá-la, mas que jamais se conformou com o lugar que uma sociedade machista insistia em relegá-la. Alguém que fez da arte sua forma de resistência e da vida uma obra igualmente criadora, capaz de reunir em torno de si uma família que hoje se estende por quatro gerações.

Talvez seja por isso que Isa Yplá parece condensar tantas épocas em uma única existência. Nela, o passado não é memória, mas presença; e o futuro, longe de ser apenas uma promessa, já respira naqueles que vieram depois dela.

Kubitschek
Pinheiro

Jornalista | kubipinheiro@yahoo.com.br

Dois bestas

De todas as viagens, alguma coisa fica na memória curta do tempo. Às vezes, só um aceno ou algo da menor importância.

Chamei o uber, o cara chamado João Maria, com um possante carro elétrico, um conversador nato, que exaltava o celebratório de uma pessoa que adora falar pelos cotovelos. Pareceu, na hora, com uma pessoa que não posso dizer o nome. Quem?

Disse logo que era português, mas amava João Pessoa sobre todas as praças, como se anunciasse católico, mas é evangélico. Não por acaso, eu lhe disse que era jornalista, que em nada ganhou força na travessia.

João disse que esteve em Serra Pelada, que o ouro lhe rendeu uma boa grana e de lá se mandou para o Rio de Janeiro, onde ficou mais de 30 anos e adiantou: “Isto está ao rubro, mas eu não estou feito um bife” — deu a bexiga!

O fato de ele ter dito o Rio, me encheu de saudade das coisas maravilhosas que tem lá. “Olhe, o Rio é muito bom, mas não presta. Morei na Penha, em Grajaú, me casei várias vezes, mas não quero nunca mais morar junto. Se faço, desfaço. Se desfaço posso refazer”.

Como senhor veio bater aqui? Ele riu. Disse que nasceu em Sintra e no passado lhe rendeu o apelido de garanhão: “Em alusão à figura do homem dócil, eternizado como um galã”. O senhor? Um galã? “Pois, eu era muito bonito”.

João resmungou com uma certa indignação, mas sem raiva. “Ora, o senhor não está entendendo: eu namorei muitas raparigas, todas loucas por mim. Todos os dias, quando acordo ainda me acho bonitão no espelho”, disse rindo.

Lembrei-me de uma loja na Rua Santo Elias, no Centro da cidade, com o nome de Narciso Enxovais, mas não sei por que lembrei. Seu João Maria disse que ficar velho é bom, porque não se preocupa mais com nada, lembra, vai dar uma voltinha com o cachorro e depois sai no carro, para fugir da monotonia.

Então, o senhor é uber para matar o tempo? “Tá doido, eu já cheguei a escovar meus dentes com uma garrafa de Jack”. Jack, bem entendido, é o uísque Jack Daniel’s e eu já não estava dando bola ao português.

No som do carro... sim, o uber dele tem muitas utilidades — tesourinha, pente, espelho redondinho, sonho de valsa, suco de caixa e isqueiros, tudo com o preço. Na antena do carro, uma bandeira de Portugal, mas não falamos dos nossos times perdedores, óbvio.

Na metade da Avenida Beira Rio, eu disse-lhe que não ia mais para o destino marcado — a Praça João Pessoa, e se ele não se aborresse, me deixasse na Rua Machado de Assis, onde faço o podcast *K pra Nós*. No fim da corrida, quase triunfal, ele fechou a cara. Eu disse: “Seu João Maria, eu vou mandar um dinheirinho a mais aqui pelo aplicativo”. Ele sorriu, meio Colgate.

Mais tarde, em casa, fiquei a pensar no João Maria, do qual não se pode dizer de forma inequívoca: que ele está certo, ficar em casa o dia todo, depois de aposentado no exílio de pantufas, ninguém merece.

Mudando de assunto, eu fico besta com as pessoas que praticam crimes e recebem prisão domiciliar... mas aí já não tinha mais o João Maria por perto, para terminar este texto besta.

Besta sou eu, besta é tu, João Maria. “Tás a ver?”, disse ele e deu no pé do acelerador.

Kapetadas

- 1 – Nunca subestime o improvável;
- 2 – A ganância no Brasil é uma forma de gula: em vez de repetir o prato, repete-se a fraude.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

Filósofo e físico | klebmaux@gmail.com

Arte e etnografia

A poética etnomusicológica é uma metodologia epistemológica e pedagógica que integra a percepção artística com a etnografia para reorganizar a produção musical, a pesquisa e o ensino. Ao fazer isso, a poética etnomusicológica torna-se um processo para a descolonização da educação acadêmica no século 21 e desafia o domínio histórico do ensino tradicional baseado em paradigmas europeus, fornecendo uma base para o desenvolvimento do conhecimento tradicional e popular no curso da educação. Ela evoluiu da Musicologia Comparativa (que era usada para tratar o material sonoro como outro tipo de coisa e estudá-lo separadamente) para a etnomusicologia moderna (que é muito mais contextual e voltada para o outro lado). Essa mudança é resultado de um desenvolvimento metodológico o qual reconhece que o colonialismo produziu uma cultura que não permite que o outro fale e não está interessada em dominar a voz da comunidade estudada.

Nesse sentido, a poética etnomusicológica promove um diálogo horizontal que confronta a apropriação cultural e valoriza a diversidade de expressões e repertórios. Um dos principais princípios dessa abordagem é o trabalho de campo, a etapa mais pessoal e crítica da pesquisa. Segundo Helen Myers, em seu trabalho *Ethnomusicology: an introduction*, publicado em 1992, ela afirma que, no “trabalho de campo, desvenda-se a face humana da etnomusicolo-

gia”. No “trabalho de campo, desvenda-se a face humana da etnomusicologia”.

Ao contrário dos modelos científicos que buscam ser totalmente neutros, a poética etnomusicológica reconhece que a música esteticamente reforça a subjetividade do observador em relação ao agente ao qual estão interessados. Assim, o campo é um lugar de reconhecimento recíproco e a intuição e a sensibilidade artística do pesquisador são parâmetros válidos para análise. Essa disposição para estar aberto à subjetividade abre a natureza humana da pesquisa, tornando a experiência etnográfica mais emocional e ética. O colaborador informante é transformado de anônimo e intercambiável na cultura para informante-artista, que recebe autoridade e valor autoral. Essa parceria epistemológica é exemplificada pela

bimusicalidade, na qual o pesquisador quer aprender a tocar ou cantar instrumentos ou gêneros locais. Ao transformar o informante em mestre, o etnomusicólogo tentencia internalizar o observador assim como o ouvinte, tornando-os capazes de compartilhar esses gostos e conhecimentos entre si.

A *performance* também é um conceito fundamental na poética etnomusicológica. Na prática, é a situação material em que a arte é expressa e comunicada. Como os praticantes no campo também colaboraram, a beleza da arte não pode ser por gravações magnéticas; é o sentimento no momento da execução. Assim, a análise musical mistura elementos estéticos, performativos e criativos que podem mudar a forma como o material sonoro é entendido nas comunidades locais. Esse foco no desempenho é

sobre a invenção individual e descarta a ideia de criação coletiva e anônima, reconhecendo o papel do artista como criador.

A poética etnomusicológica na sala de aula promove uma cultura de autoconhecimento entre os alunos. Quando os alunos ouvem a música de diferentes grupos tanto da perspectiva de contraste do aluno quanto da lente crítica, eles tornam-se mais conscientes de sua própria identidade e cultura. Essa renovação metodológica propõe que o ensino de música torne-se uma prática baseada no ambiente real do artista, onde o uso de métodos de coleta e análise é revivido e uma história de pesquisa é revitalizada, na qual é a observação participante e o processo para a pesquisa etnográfica e a literatura oral.

Ela reúne sensibilidade estética e compreensão sociocultural para que a pesquisa acadêmica possa ser um encontro de diálogo, de dignidade e justiça em um cenário de contexto cultural subalterno.

Sinta-se convidado para a audição do *575º Domingo Sinfônico*, que ocorrerá neste dia 12, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5 ou você pode acessar pelo aplicativo (radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm). Durante o programa, comentarei a vida, a obra e as contribuições da mezzo-soprano letã Elina Garanča (1976) para a reeducação da sensibilidade humana e à poética etnomusicológica.



Helen Myers, autora de Ethnomusicology: an introduction

Foto: Reprodução/Bibliolove.org



Carro do Uber tinha muitas utilidades — tudo com o preço

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor | alexjpb@yahoo.com.br

Festival que virou um “aruandê” praieiro

Existem coisas que, quando modificadas em sua origem, ganham uma feição curiosa — diria até estranha, para não dizer ridícula. Isso, em razão de uma transformação brusca, de sua real e já consagrada tradição, para um modismo, simplesmente justificado como sendo “reforço ao formato híbrido que tem aproximado ainda mais o público do evento”.

Há quem tenha afirmado, conversando comigo (razão da publicação do artigo de hoje), que “esse novo formato do festival só vem agora para tentar desdenhar a perda de prestígio do verdadeiro Aruanda”. Em parte, reforço a opinião do amigo, acrescentando que o festival sempre existiu para celebrar o feito do cineasta paraibano Linduarte Noronha, naquilo que lhe foi o mais importante: o Cinema.

O Fest Aruanda do Audiovisual Internacional da Paraíba, já na sua 21ª edição, a exemplo do ano passado, continua deixando sua forma original de exibição, só em salas de cinema, para ganhar as areias da Praia de Tambaú. Pior ainda, ostentando nova marca: Aruanda Praia, ganhando, assim, o novo formato da “carnavalização”.

Essa mudança do vinho para água, literalmente, seria perda de *status* de sua origem? De um cinema que sempre nos conduziu a um nível soberano e de sonhos? Ou terá sido perda de sua importância como entretenimento — “arte singular” — e de aspirações transformadoras de vida, a partir da exibição de seus *écrans* em nossas salas de cinema?

Sinceramente, ponderemos um pouco sobre as tais mudanças, já que a opinião do cinéfilo e inconformado amigo deve ser também considerada,

quando defende a forma original do Fest Aruanda. Mesmo assim, ainda acredito no festival, quando resguarda parte de sua programação às salas do Cinépolis do Manaíra Shopping. Igualmente, ao rever a filmografia paraibana, como é o caso deste ano, homenageando as obras dos realizadores Vladimir Carvalho (*Rock Brasília: era de ouro*) e Marcus Vilar e Cacá Teixeira (*Jackson: na batida do pandeiro*). Eventos cinematográficos hoje mostrados musical e alegoricamente nas areias da Praia de Tambaú.

Agora, mesmo que as tais mudanças possam ser (ou não) uma tentativa apenas de “gerar uma química muito positiva” com os frequentadores do festival, como afirma a direção geral do certame, ficam alguns desagradados. Mais “Coisas de Cinema”, acesse: www.alex santos.com.br

Foto: Mano de Carvalho/Divulgação



Coluna discute novo formado do Fest Aruanda, que passou a ter exibições na Praia de Tambaú, em 2025, e criou a marca Aruanda Praia, neste ano



APC recebe pós-graduados em pesquisa

A Academia Paraibana de Cinema (APC), no início deste mês, recebeu em sua sede na Fundação Casa de José Américo (FCJA), Unidade de Tambaú, mestres e doutores da própria instituição para trabalho de pesquisa e discussão cultural.

O encontro foi coordenado pelo presidente da APC, professor João de Lima Gomes, com a participação de alunos graduados em Cinema e Arqueologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Na oportunidade, foram discutidos também assuntos sobre a nova edição da revista *Cine Nordeste*.

CUSCUZ CLÃ – 30 ANOS

Bem Brasil traz show especial de Chico César

O *Bem Brasil*, programa musical da TV Cultura transmitido diretamente do Sesc Itaquera, recebe hoje o cantor e compositor Chico César. Com apresentação de Wandi Doratiotto e participação de Roberta Martinelli na interação com o público, a atração vai ao ar ao vivo, a partir das 12h.

No palco, Chico César apresenta o *show Cuscuz Clã – 30 anos*, em comemoração às três décadas do álbum lançado em 1996, marco em sua trajetória artística. O disco consolidou a carreira do artista paraibano e revelou ao grande público sucessos como “À primeira vista” e “Mama África”, canções que se tornaram clássicos de seu repertório.

Produzido por Marcos Mazzola, *Cuscuz Clã* reuniu grandes nomes da música brasileira e internacional, como Naná Vasconcelos, Lanny Gordin e Bakhiti Kumalo. O trabalho combina *rock*, *pop*, forró, baião e poesia nordestina, reafirmando a identidade musi-

cal afro-brasileira de Chico César por meio de ritmos dançantes, forte presença percussiva e letras que unem lirismo e crítica social.

O *show* também revisita a trajetória do artista desde seu primeiro álbum, *Aos Vivos* (1995), trazendo novas leituras para músicas que marcaram o início de sua carreira. A celebração destaca ainda o espírito coletivo que inspirou o nome “Cuscuz Clã”, valorizando a banda que acompanha Chico César desde suas primeiras apresentações em São Paulo.

O *Bem Brasil* tem transmissão ao vivo pela TV Cultura, suas afiliadas e canais digitais, além do canal do Sesc São Paulo no YouTube e da plataforma Sesc-TV. O público também pode acompanhar a apresentação presencialmente no Sesc Itaquera, com entrada gratuita.

Foto: José de Holanda/Divulgação

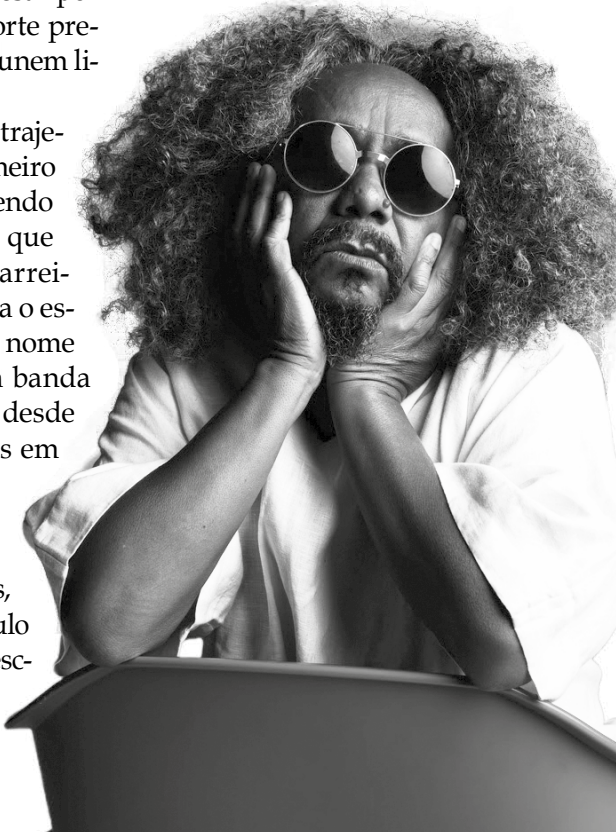
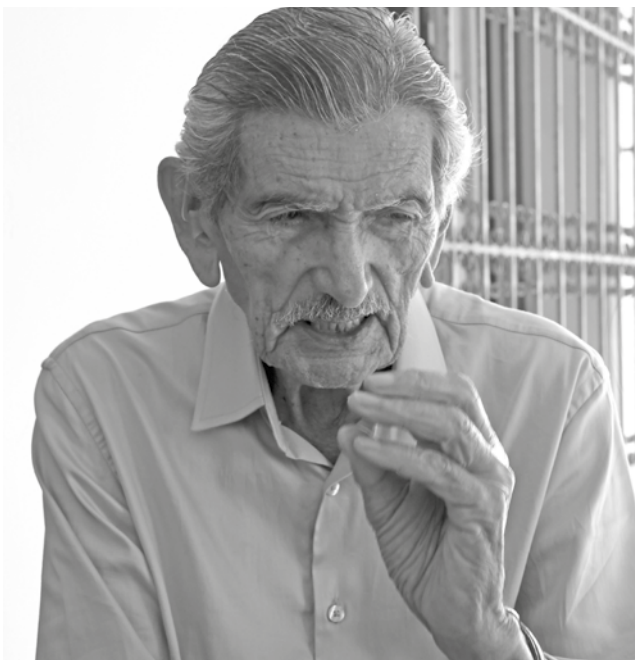


Foto: Evandro Pereira



Gonzaga, segundo Hildeberto, sabe das manhas da crônica

Colunista colaborador

Letra
Lúdica
Hildeberto Barbosa Filho
Escritor e professor | hildebertopoesia@gmail.com

Gonzaga e a crônica

Não é qualquer um que pode se dizer cronista. Nem mesmo o bom jornalista ou o grande escritor. Nem mesmo aquele poeta de cepa milagrosa. Nem o ensaísta que sabe os ritmos do devaneio e da gratuidade.

A crônica é um reino raro habitado por espécies mágicas e entidades imperceptíveis. Há, nela, um aroma diferenciado, um sabor tão peculiar; uma música incomum por onde ecoam os trínados da vida ordinária, no seu metabolismo entre o grotesco e o sublime.

Digo isso porque acabo de ler uma crônica do vidente Gonzaga Rodrigues, na primeira página do primeiro caderno do vetusto periódico **A União**, do dia 5 de julho de 2026, intitulada “A castanhola encaixada”.

Titulos outros o mestre poderia assinar, para deter o mistério das coisas no organismo das palavras. A esquina silenciosa, o vulto solitário, os ipês iluminados, a lagoa transfigurada, o mendigo falando com Deus, a velha rua da areia mutilada e esquecida etc., etc.

Como é bom ler a crônica desse exilado de Alagoa Nova dentro do pragmatismo das informações, em meio aos ruídos patogênicos da coisa política ou da esterilidade econômica e social. Crônica é para isso mesmo: fazer o leitor descansar dos idiotas da objetividade e permitir que cada leitor, no enigma de sua fantasia, vá atrás dos segredos do mundo, estupefato e encantado.

Na crônica, o menor se agiganta, o banal ganha foros metafísicos, o detalhe escondido vem à tona para determinar que existe uma eternidade no instante que passa, um fulgor premonitório no ato que poderia se realizar, embora tenha se dissolvido na miragem do tempo, na geografia milimétrica dos fatos que nunca vão acontecer.

Gonzaga Rodrigues, como um Rubem Braga, um Paulo Mendes Campos, um Manuel Bandeira, um Carlos Drummond de Andrade, um Marques Rebelo, um Carlinhos de Oliveira, sabe das manhas e astúcias da crônica enquanto forma literária. Jornalismo e poesia confundidos na ambiguidade do processo criador.

Verdade: a crônica não é mesmo para qualquer um. Tem que se ter estilo. Tem que se ter olhar. Tem que se ter brilho e pensamento. Tem que se ter uma inigualável capacidade de escuta, justamente para que não se percam os ensinamentos que a trivialidade do dia a dia nos oferece através de sua caixinha acústica, silenciosa e vibrante.

Meu domingo começa bem, antes das latinhas de Amstel ou dos uísques Cavalo Branco ou Oldpar, se leio o texto do Neguinho a quem devemos tanto. Ler o Neguinho é como experimentar uma carícia amorosa, é como se deixar seduzir, sem opor qualquer resistência, ao peso leve e incandescente da melhor palavra.

Na sua prosa de bruxo bondoso, a vida das coisas mais simples, o freir de gestos invisíveis, a filigrana intersticial que respira pelos órgãos calados ou pelo ar rarefeito do elemento insustentável movimentam-se dentro da melodia dos vocábulos.

E me fazem tão bem. E me dão lições de ética e de estética. E me navegam na delícia do repouso. E me reafirmam a dignidade do que está vivo e deve permanecer. Daquilo que Jorge Luis Borges, num de seus poemas definitivos, sente que arde e perdura.

CINEMA

Comédia traz a recriação matrimonial

Em exibição nas salas paraibanas, longa-metragem O convite filma o colapso (e a reinvenção) de dois casamentos

Matheus Mans
Agência Estado

Antes de decidir dirigir e estrelar *O convite*, a cineasta e atriz Olivia Wilde fez o que qualquer bom leitor de roteiro adaptado deveria fazer: foi atrás do original. Assistiu ao filme espanhol de Cesc Gay, que deu origem à história bem antes de ler uma linha sequer do *script* escrito por Will McCormack e Rashida Jones. Queria entender por que aquela premissa — um casal em crise que convida os vizinhos para jantar e vê a noite descambar — já tinha sido adaptada em tantas línguas diferentes.

“Deve haver um núcleo muito autêntico ali”, contou em coletiva para jornalistas internacionais, na qual a diretora falou por quase uma hora sobre o longa que está em cartaz nos cinemas brasileiros.

O filme reúne Wilde e Seth Rogen como Angela e Joe, um casal que atravessa um momento delicado do relacionamento, e Penélope Cruz e Edward Norton como Piña e Hawk, os vizinhos convidados para o que deveria ser um jantar qualquer. Rodado inteiramente em um único apartamento em São Francisco, o longa foi comprado pela A24 depois de um leilão disputado durante o Festival de Sundance deste ano e chega precedido de elogios de veículos como *Variety*, que o descreveu como um exercício no estilo Woody Allen, e o *New York Post*, que já o chamou de “comédia mais engraçada do ano”.

O que separa *O convite* de uma comédia de costumes convencional é o processo pelo qual ele foi construído. Wilde explica que sempre sonhou em replicar a lógica de produção de filmes como *12 homens e uma sentença* e *Quem tem medo de Virginia Woolf?*: ensaiar e rodar em ordem cronológica, deixando o material vivo o suficiente para mudar durante as filmagens. “O roteiro mudou muitíssimo entre o momento em que eu li e o momento em que rodamos, e mudou de novo até terminarmos as filmagens, por causa desses atores extraordinários e de toda a especificidade que eles trouxeram”, disse ela, na coletiva.

Parte desse processo incluiu a terapia e autora Esther Perel como consultora do *workshop*. Foi dela, segundo Wilde, a ideia de que um relacionamento pode conter várias relações — que talvez todo vínculo esteja destinado a terminar em algum momento, mas que seja possível recomeçar com a mesma pessoa. “Isso me marcou profundamente quando ouvi a Esther falar sobre o assunto, há muitos anos, e abalou minha visão de mundo”, contextualiza Wilde. “Achar que estar sempre reinventando a relação, individualmente e como casal, faz do casamento algo muito menos antiromântico”.

Esse conceito de reinvenção é o que sustenta a citação de Oscar Wilde que abre o filme:

a ideia de que estar sempre apaixonado é a razão pela qual nunca se deveria casar. A diretora reconhece a dívida com Woody Allen, que costuma abrir seus filmes com citações, mas espera que o espectador saia do cinema pensando de outro jeito. “Espero que, ao fim, as pessoas pensem sobre essa citação de um jeito um pouco diferente”, arrisca.

Mais do que uma comédia sobre sexo, Wilde insiste que o filme é sobre a coragem de dizer a verdade para quem mais nos conhece. “Queríamos investigar o que acontece quando duas pessoas confundem intimidade com fusão. A ideia de ‘ainda somos casados, nossas vidas se fundiram, logo somos íntimos’, quando na verdade elas não poderiam estar mais distantes”, afirma. É por isso que o filme se apoia tanto em espelhos e vidros: personagens que dividem o mesmo espaço sem nunca realmente se enxergarem. Uma frase dita por Piña resume o que a diretora quis expressar com isso: “as pessoas esquecem que merecem mais” — algo que Wilde diz sentir muito profundamente, “principalmente pelas mulheres”.

A casa, a fita e a musa

Filmar tudo num único apartamento foi um desafio assumido de saída, e Wilde cita Amor,

de Michael Haneke, como referência de como um espaço fechado pode parecer vivo com o trabalho certo de som e luz. No roteiro original, o apartamento era descrito como um espaço aberto, de planta integrada — foi a diretora, ao lado do diretor de arte Jess Gonchor e do diretor de fotografia Adam Newport-Berra, quem criou os cantos e as divisões que permitem aos personagens se esconderem-se, aproximarem-se e afastarem-se ao longo da noite.

Wilde, na coletiva, confirmou o efeito buscado. “É uma sensação de labirinto, de proximidade, de estar perto, mas com privacidade suficiente para ter momentos secretos”, explicou. As cenas em que os casais separam-se em pequenos grupos, os chamados “*tours pela casa*”, nasceram de improviso durante os ensaios e acabaram largamente construídas em cima do que o elenco descobria explorando o cenário.

O convite foi rodado inteiramente em película 35mm — uma escolha rara para uma comédia contemporânea e, segundo Wilde, decisiva para o resultado final. A diretora bancou o custo do filme do próprio bolso antes da venda para a A24 (foi reembolsada depois pela Annapurna), “porque eu não ia deixar a gente fazer esse filme sem 35mm”.

Sem monitores, sem produtores no *set*, apenas elenco e equipe reduzida, ela descreve o barulho da câmera rodando como algo que lançava um tipo de feitiço sobre a cena. “Acho que dá para sentir, quase ouvir, quando o filme está prestes a rodar. Isso cria um tipo de zumbido diferente no ar, muda o clima da sala”, revela. Um lembrete físico de que o tempo de filmagem era finito, o que, paradoxalmente, elevava o nível de atenção e de jogo dos atores em vez de restringi-lo. “Há essa ideia equivocada de que, com película, você não pode se permitir surpresas, porque o material é finito, mas na verdade acho que isso eleva o padrão de todo mundo”, esclarece.

O filme é dedicado a Diane Keaton, que dirigiu Wilde quando ela ainda era atriz e a incentivou a assumir a cadeira de direção. “Ninguém sentiria esse filme mais do que a Diane”, ponderou Wilde, lembrando que a atriz foi uma mentora que a encorajou a dirigir e que, décadas antes, havia redefinido a imagem da mulher intensa e instintiva que o cinema costumava tratar como menos inteligente. “Ela me disse para colocar meu coração para fora. E este filme é, sem dúvida, a coisa mais vulnerável e pessoal que já fiz. Pensei nela o tempo todo”.

Produção acompanha o casal em crise Seth Rogen e Olivia Wilde (E), que convida os vizinhos Edward Norton e Penélope Cruz (D) para o que deveria ser um jantar qualquer



Em Cartaz

Cinema

Programação de 9 a 15 de julho, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o *Cine Vieira*, em São Bento, o *Cine Guedes*, em Patos, o *Cinemaxxi Cidade Luz*, em Guarabira, e o *Cine RT*, em Remígio, não haviam divulgado suas programações.

ESTREIAS

MOANA (*Moana*). EUA, 2026. Dir.: Thomas Kall. Elenco: Catherine Laga’aia, Dwayne Johnson, John Tui. Aventura. Filha do chefe de uma aldeia da Polinésia vai sozinha ao mar em busca de um deus para quebrar uma maldição que atinge seu povo. 1h55. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 13h, 15h30, 18h, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h30, 17h20, 20h; CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 13h50, 16h30, 19h15, 22h; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub. (3D): 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 14h, 16h45. CINESERCLA TAMBIA 5 (laser): dub.: 15h10 (3D), 17h20, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 14h10, 16h20, 18h30, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1 (laser): dub.: 11h510 (3D), 17h20, 19h30. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 14h10, 16h20, 18h30, 20h40.

A MORTE DO DEMÔNIO EM CHAMAS (*Evil Dead Burn*). EUA, Canadá, 2026. Dir.: Sébastien Vanick. Elenco: Souheila Yacoub, Hunter Doohan, Luciane Buchanan. Terror. Após a perda do marido, uma mulher enlutada busca consolo com seus sogros na isolada casa de campo da família. No entanto, o reencontro logo se transforma em um inferno na Terra quando o Livro dos Mortos liberta forças demoníacas que os transformam em Deadites um por um. 1h51. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 19h30 (dub.), 21h50 (leg.). CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 13h45 (dub.), 16h20 (dub.), 18h50 (dub.), 21h20 (leg.). CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 19h15, 21h45. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 16h40,

18h50, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: leg.: 18h40. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 17h, 21h.

PRIMAVERA (*idem*). França, Itália, 2026. Dir.: Damiano Michieletto. Elenco: Tecla Insolia, Michele Riondino, Fabrizia Sacchi. Histórico. Cecilia (Insolia) é uma jovem garota que tinha um talento aguçado para tocar violino. Buscando se tornar uma violinista de sucesso, ela conhece Vivaldi dentro do orfanato no qual estava confinada. Ele acaba se tornando seu professor, e com o passar do tempo, o amor dela pela música vinha se tornando cada vez mais forte do que um simples tom. Agora, ao entender o seu verdadeiro destino, ela pode usar a música para se libertar e finalmente viver a vida que queria. 1h50. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 20h50.

REAPRESENTAÇÃO

AUTHENTIC GAMES – O FILME: NO IMPÉRIO DESCONECTADO. Brasil, 2026. Dir.: Bruno Murinho. Elenco: Marco Túlio, Andrei Soares, Cauê Bueno, Thay Bergamim. Aventura/ animação. Gamer é sequestrado para um reino sombrio e se torna um boneco e vai tentar derrotar o vilão. 1h11. 6 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 12h; CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 12h40; CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 12h.

ESPECIAL

MOSTRA A CINEMATECA É BRASILEIRA. Exibição de 17 filmes no Cine Bangüê, em João Pessoa, e nove filme no Cineatatro São José, em Campina Grande. **Cine Bangüê: Terça-feira (7/7):** 15h – *Cordêlicos*; 16h30 – *O estranho mundo de Zé do Caixão*; 18h20 – *Morto não fala*; 20h20 – *Que horas ela volta?*; **Quarta-feira (8/7):** 14h – *Maya – Me dê um título*; 15h – *Que horas ela volta?*; 17h – *Branco sai, preto fica*; 20h20 – *São Bernardo*. **Quinta-feira (9/7):** 14h30 – *O menino e o mundo*; 16h – *São Bernardo*; 18h20 – *Abriço nuclear*; 20h20 – *Branco sai, preto fica*. **Sexta-feira (10/7):** 14h30 – *Cordêlicos*; 16h – *Últimas conversas*; 18h20 – *Los silêncios*; 20h20 – *Abriço nuclear*. **Sábado (11/7):** 15h – *Que horas ela volta?*; 17h – *O homem do pau-brasil*; 19h – *Últimas*

conversas. **Domingo (12/7):** 15h – *O menino e o mundo*; 17h – *Los silêncios*; 19h – *O homem do pau-brasil*. **Cineatatro São José: Quinta-feira (9/7):** 10h – *Maya*; 15h30 – *Cordêlicos*; 20h20 – *Abriço nuclear*. **Sexta-feira (10/7):** 10h – *Cordêlicos*; 15h05 – *O menino e o mundo*; 20h20 – *Sanecamento básico*. **Sábado (11/7):** 15h – *Maya*; 17h – *Lé com Cré*; 17h05 – *O menino e o mundo*; 19h – *O estranho mundo do Zé do Caixão*.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: De 1 a 12/7. **Campina Grande:** CINETEATRO SÃO JOSÉ: De 2 a 31/7.

CONTINUAÇÃO

O CONVITE (*The Invite*). EUA, 2026. Dir.: Olivia Wilde. Elenco: Seth Rogen, Olivia Wilde, Penélope Cruz, Edward Norton. Comédia. Casal que caiu na rotina convida vizinho para um jantar e a noite toma rumos inesperados. 1h47. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h30, 17h, 19h30.

CORDÊLICOS – A ORIGEM DO CABRA DA PESTE. Brasil, 2026. Dir.: Ale McHaddo. Vozes: Bruno Garcia, Falcão, Raissa Xavier, Marcelo Mansfield, Tadeu Mello. Comédia/ animação. Cangaceiros viajam no tempo até o ano 3333 e enfrentam aventuras enquanto tentam voltar para sua época. Sequência da série animada de 2021. 1h08. 10 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: ter., 7/7: 15h; sex., 10/7: 14h30; qua., 15/7: 5h; sex., 17/7: 15h; sáb., 18/7: 16h10; ter., 21/7: 15h; sáb., 25/7: 15h; dom., 26/7: 16h10. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 12h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: 12h. **Campina Grande:** CINETEATRO SÃO JOSÉ: qui., 9/7: 15h30; sex., 10/7: 10h; sáb., 18/7: 15h.

DIA D (*Disclosure Day*). EUA, 2026. Dir.: Steven Spielberg. Elenco: Emily Blunt, Josh O’Connor, Colin Firth. Ficção científica. Duas pessoas que não se conhecem são misteriosamente conectadas e se envolvem em uma conspiração para esconder que a Terra já teve contato com alienígenas. 2h25. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: leg.: 19h50.

MAMBEMBE. Brasil, 2026. Dir.: Fábio Meira. Documentário. Topógrafo cruza o ca-

minho de três mulheres de tradição circense. 1h38. 12 anos.

Campina Grande: CINETEATRO SÃO JOSÉ: dub.: sáb., 4/7: 15h; sex., 31/7: 16h.

MAYA, ME DÊ UM TÍTULO (*Maya, donne-moi un titre*). França, 2024. Dir.: Michel Gondry. Animação/ comédia. Vivendo em países diferentes, pai e filha mantém vínculo através de um ritual noturno narrativo em que ela sugere um título e ele cria curtas animados baseados nas ideias. 1h01. Livre.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dub.: seg., 6/7: 15h20; qua., 8/7: 14h; qui., 16/7: 15h; sáb., 18/7: 15h; seg., 20/7: 15h; qua., 22/7: 15h; sáb., 25/7: 16h30; dom., 26/7: 15h. **Campina Grande:** CINETEATRO SÃO JOSÉ: dub.: qui., 9/7: 10h; sáb., 11/7: 15h; sáb., 25/7: 15h30.

MINIONS E MONSTROS (*Minions & Monsters*). EUA, 2026. Dir.: Pierre Coffin. Comédia/ aventura/ animação. Minions procuram criaturas assustadoras para participar de um filme de monstros. 1h30. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 15h, 17h15. CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 14h45, 16h45, 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 13h15, 15h30, 17h40; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 14h, 16h15, 18h30, 20h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h40, 15h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 13h, 15h15, 17h30, 19h45. CINESERCLA TAMBIA 2 (dub.): 15h20, 17h10, 19h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4 (dub.): 15h10, 17h; CINESERCLA PARTAGE 5 (dub.): 19h10.

SUPERGIRL (*Supergirl*). EUA, 2026. Dir.: Craig Gillespie. Elenco: Milly Alcock, Jason Momoa, David Corenswet, Matthias Schoenaerts. Aventura. Primeira do Superman encara uma aventura no espaço para salvar seu cão, Krypto. 1h47. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 18h (dub.), 20h30 (leg.). CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 21h. CINESERCLA TAMBIA 2 (dub.): 20h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4 (dub.): 20h50.

TODO MUNDO EM PÂNICO (*Scary Movie*). EUA, 2026. Dir.: Michael Tiddes. Elenco: Anna Faris, Regina Hall, Marlon Wayans. Comédia. Amigos voltam a ser ameaçados por um assassino mascarado.

Sexto da série iniciada por *Todo Mundo em Pânico* (2000). 1h35. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 22h.

TOY STORY 5 (*Toy Story 5*). EUA, 2026. Dir.: Andrew Stanton. Animação. Bonecos tentam fazer sua dona voltar a brincar depois que ela se vicia em uma tela. 1h42. 6 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 14h, 16h15, 18h30; CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 15h, 17h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (dub.): 12h30, 14h50, 17h15, 19h30, 21h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub.): 13h30, 15h50, 18h10, 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): 13h45, 16h15, 18h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 13h45, 16h15, 18h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h15, 16h30, 19h, 21h15. CINESERCLA TAMBIA 4 (dub.): 14h20, 16h30, 18h30, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3 (dub.): 14h20, 16h30, 18h30, 20h30; CINESERCLA PARTAGE 5 (dub.): 15h.

CONTINUAÇÃO

Exposições

ALICE VINAGRE (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho). Visitação: diária, 8h às 22h, até 24/7. Entrada franca.

AVESOSS. Exposição coletiva que reúne trabalhos de 10 artistas (Anatália Silva, Camila Oliveira, Diego Dionísio, Elisa Paula, Guilherme Peres, Hebert Francisco, Jules, Kai Veras, Lucas Magalhães Leiros e Ray Venâncio) em diversas técnicas: pintura, cerâmica, escultura, fotografia, bordado, performance e instalação.

João Pessoa: CIDADE DA IMAGEM CONVENTINHO (R. Padre Antônio Pereira, Varadouro). Visitação: seg. a sex., 9h às 17h, até 16/7. Entrada franca.

CARLOS DJALMA. Exposição da série Sesc Grandes Nomes.

João Pessoa: SESC CABO BRANCO (Av. Cabo Branco, nº 2.788, Cabo Branco). Visitação diária, até 31/7. Entrada franca.

REGISTROS HISTÓRICOS

Cartas à Constituinte ajudaram a pavimentar o futuro do país

Correspondências são um dos maiores exemplos de participação popular

Eliz Santos
elizsantos17@gmail.com

Guardadas por décadas no acervo do Senado Federal, cartas escritas por cidadãos brasileiros revelam um retrato das esperanças depositadas na elaboração da Constituição Federal de 1988. Nas correspondências, homens e mulheres de diferentes idades relataram as dificuldades enfrentadas no cotidiano e defenderam mais educação, emprego, melhores salários e desenvolvimento. Quase 40 anos depois, esses documentos permitem revisitar o passado e compreender como a participação popular ajudou a moldar a Constituição que marcou a redemocratização do país.

As cartas fazem parte de um conjunto de 72.719 mensagens enviadas à Assembleia Nacional Constituinte, de 1986 a 1987. Após mais de duas décadas de Regime Militar, a sociedade reivindicava maior participação nas decisões políticas e encontrou na elaboração da nova Constituição uma oportunidade inédita de contribuir diretamente para o futuro do Brasil. Desse universo, o acervo digital do Senado reúne registros de moradores da Paraíba, que ajudam a revelar os principais desafios enfrentados pelo estado e as expectativas depositadas na nova Constituição.

O projeto, inicialmente denominado “Diga Gente” e posteriormente rebatizado como “Projeto Constituição”, distribuiu cerca de cinco milhões de formulários em agências dos Correios, prefeituras e assembleias de todo o país. Depois de preenchidas, as mensagens eram encaminhadas ao Senado Federal, onde foram catalogadas e organizadas por temas para subsidiar os

trabalhos dos constituintes, registrando como cidadãos comuns imaginavam o futuro do Brasil.

Mais do que registros históricos, as correspondências representam um dos maiores exercícios de participação popular já realizados no país. Cada carta registra um olhar particular sobre o Brasil da década de 1980.

A ampla participação social foi o grande diferencial da Assembleia Nacional Constituinte. Além das cartas, milhões de brasileiros participaram do processo por meio de audiências públicas e emendas populares, levando ao Congresso reivindicações que influenciaram diretamente o texto constitucional. Esse caráter participativo fez com que o documento final ganhasse o célebre apelido de “Constituição Cidadã”, alcunha usada por Ulysses Guimarães para destacar o compromisso da Carta Magna com a democracia, a cidadania e a ampliação dos direitos sociais.

Para a especialista em Direito Constitucional e Eleitoral Nathali Rolim, as cartas representam muito mais do que simples correspondências: são registros históricos de uma sociedade que buscava deixar para trás o período autoritário e participar ativamente da construção de um Estado democrático e comprometido com a garantia de direitos.

“As cartas encaminhadas à Assembleia Nacional Constituinte possuem um enorme valor histórico e jurídico. Elas revelam as expectativas, as angústias e as aspirações de uma sociedade que desejava romper definitivamente com o autoritarismo e construir um Estado comprometido com a dignidade da pessoa humana, a liberdade, a igualdade e a justiça social. Não eram simples correspondências;

constituíam manifestações legítimas da soberania popular. É justamente essa intensa participação da sociedade que faz da Constituição de 1988 uma verdadeira Constituição cidadã, não apenas pelo amplo rol de direitos que assegura, mas porque foi construída ouvindo a voz do povo”, destaca.

Entre as milhares de mensagens enviadas ao Senado, estavam cartas de paraibanos. Escritas por estudantes, trabalhadores, agricultores, servidores públicos e policiais, elas revelam que, embora separados por centenas de quilômetros, esses cidadãos compartilhavam preocupações semelhantes e depositavam na nova Constituição a esperança de transformar a realidade local.

A educação desponta como o tema mais recorrente entre as cartas. Em Bom Sucesso, Francisco Moscone Pereira Chave pediu mais investimentos no ensino, ampliação da oferta educacional na Paraíba e acesso a livros e cadernos escolares. Em Condatado, o estudante Francisco de Assis Araújo sugeriu a criação de escolas de segundo grau em todos os municípios paraibanos. Em sua carta, relatou a dificuldade enfrentada pelos jovens da cidade, que precisavam viajar diariamente para Malta ou Patos em busca de uma vaga na escola, enfrentando chuvas, caronas improvisadas e, muitas vezes, abandonando os estudos.

A preocupação com o Ensino Superior e a valorização docente também apareceram. De Remígio, Maria do Carmo Oliveira Arruda pediu a criação de cursos universitários no interior e a federalização de instituições regionais. Na mesma linha, Laerte Pereira de Moraes chamou atenção para a baixa remuneração dos professores e servidores municipais.

Trabalho e cidadania

O emprego e a renda também figuravam no topo das preocupações dos paraibanos. Aos 18 anos, José Paulo Pereira, de Itapororoca, escreveu ao então senador Humberto Lucena relatando a dificuldade de conseguir o primeiro emprego. Em Belém do Brejo do Cruz, Maria das Graças de Oliveira apelou por

melhores salários e mais oportunidades de trabalho, descrevendo a realidade de uma família de oito pessoas sem renda suficiente para sobreviver. Enquanto a Carta de 1988 consolidou direitos trabalhistas históricos, temas como a redução da jornada e o fim da escala 6x1 continuam em discussão no Congresso Nacional.

O fortalecimento da democracia e as reformas estruturais também mobilizaram os paraibanos. Em Teixeira, Eduardo Lima de Lira elogiou a iniciativa de ouvir a população e afirmou que a distribuição dos formulários criava um verdadeiro clima de mudança política, social e democrática. Em sua mensagem, pediu uma Paraíba mais forte, com maior participação popular e melhores condições de vida para todos. Já em Santa Cruz, Antônio Ferreira dos Santos defendeu eleições diretas para presidente, redução do mandato presidencial e reforma agrária pauta — que ecoava fortemente no campo.

Sonhos tornados reais

Algumas cartas traziam aspirações territoriais muito específicas. Em Boa Vista, à época distrito de Cabaceiras, Irapuan Marinho de Araújo escreveu ao então senador Marcondes Gadelha pedindo a emancipação política da localidade. O sonho tornou-se realidade em 1994, quando Boa Vista conquistou oficialmente sua autonomia administrativa e passou à condição de município.

A segurança pública também esteve entre os temas abordados pelos paraibanos. O cabo reformado da Polícia Militar Pedro Batista dos Santos, morador de Umbuzeiro, solicitou melhores ven-

cimentos para os policiais militares da Paraíba e o reconhecimento dos direitos da categoria.

Talvez uma das cartas mais emblemáticas seja a do estudante Abeniz de Souza Lima, de Juazeirinho. Em um texto repleto de esperança, ele pediu mudanças nas leis, combate ao analfabetismo, respeito aos direitos humanos e políticas contra a fome e a pobreza. Para o jovem, caberia aos constituintes construir “um Brasil melhor”, capaz de figurar entre as nações mais desenvolvidas do mundo.

Na visão da especialista em Direito Constitucional e Eleitoral Nathali Rolim, a Constituição de 1988 promoveu uma profunda transformação institucional, fortalecendo a democracia, ampliando direitos e consolidando políticas públicas fundamentais para o país. No entanto, ela ressalta que o maior desafio continua sendo transformar os direitos previstos na Constituição em direitos efetivamente vividos pela população.

“A Constituição fortaleceu a democracia e consolidou políticas essenciais, como o SUS [Sistema Único de Saúde] e a seguridade social. No entanto, sua plena efetivação ainda enfrenta

desafios. A desigualdade social, as diferenças regionais e a dificuldade de acesso a serviços públicos de qualidade mostram que a Constituição continua sendo um projeto em permanente construção. Seu maior desafio, hoje, não é a ausência de direitos, mas garantir que eles sejam concretamente assegurados a todos os brasileiros”, avalia.

Lidas em conjunto, as cartas revelam muito mais do que reivindicações individuais. Elas preservam a esperança de cidadãos comuns que acreditaram que suas vozes poderiam ajudar a construir um Brasil mais democrático, justo e igualitário. Muitas das demandas apresentadas naquele período encontraram espaço na Constituição de 1988 e inspiraram políticas públicas implementadas ao longo das últimas décadas. Outras permanecem atuais, lembrando que a Constituição cidadã não representa um ponto de chegada, mas um compromisso permanente com a efetivação dos direitos e o fortalecimento da democracia brasileira.

Em célebre discurso na promulgação da Carta Magna, Ulysses Guimarães deu ao documento o apelido de “Constituição cidadã”



Foto: Reprodução/ Agência Brasil

Arte: Iago Ribeiro





Foto: Waldemir Barreto/Agência Senado

Senado capacitará estudantes com idade de 14 a 18 anos para desenvolver um aplicativo voltado ao combate à violência

CONEXÃO LILÁS

Programa usa tecnologia em defesa das mulheres

Iniciativa segue o modelo de inovação social cooperativa e terá início em agosto

Da Redação
com agências

O Senado Federal lançou, na última semana, o programa Conexão Lilás — Tecnologia Pela Vida da Mulher. A iniciativa capacitará jovens de 14 a 18 anos, estudantes de escolas públicas, para desenvolver um aplicativo voltado ao combate à violência contra a mulher.

“O que estamos fazendo aqui é abrir o Senado Federal para que vocês possam se dedicar a uma agenda de tecnologia, de conhecimento, de capacitação e de defesa de todas as mulheres brasileiras. Vocês vão estar mais preparadas para enfrentar os próximos passos que a vida guarda para vocês”, declarou o presidente da Casa, Davi Alcolumbre, ao desejar sucesso às participantes do curso.

O Conexão Lilás é um programa de ensino com duração de quatro meses, de agosto a novembro. A iniciativa segue o modelo chamado “inovação social cooperativa”, em que as participantes não competem entre si, mas formam uma equipe de desenvolvimento de um *software* voltado ao combate à violência contra a mulher.

Para a diretora-geral do Senado, Ilana Trombka, a Casa já faz um importante trabalho no âmbito das leis que protegem a vida das mulheres. O programa, diz a diretora, permitirá à Casa contribuir para formar uma nova geração de luta contra a violência contra a mulher.

“Se nós pudermos mudar o mundo por meio da legislação, por meio das normas, nós já fizemos bastante.

Mas, se pudermos injetar isso dentro da vida de cada uma das meninas e dos meninos brasileiros por meio de um *app* que esse grupo de meninas vai nos entregar em novembro, nós podemos muito mais”, frisou.

Ação educativa

Falando às participantes, a senadora Zenaide Maia (PSD-RN) lembrou ser fruto do ensino público no Brasil. Para ela, o caminho para mudar o cenário de violência contra as mulheres está na educação, e a capacitação das jovens em tecnologia faz parte desse processo.

“É a única maneira de diminuir a violência contra mulheres. A gente sabe que existe um machismo arraigado e que a gente só muda através da educação. Só aplausos para o Senado por essa aproximação com

a população”, comemorou a parlamentar.

Nesta primeira edição, as participantes são filhas e netas de trabalhadoras terceirizadas do Senado. A intenção é formar uma geração de jovens que multiplique os conhecimentos nas escolas, por exemplo. No total, serão 40 adolescentes contempladas. Entre elas, está Maria Sophia, de 15 anos, estudante do 9º ano do Ensino Fundamental. Filha de uma colaboradora do Senado, ela sonha em estudar Direito e Medicina e se inscreveu assim que ficou sabendo da oportunidade.

“Para estágio, eles pedem, pelo menos, o nível básico de Informática, então eu já ter um curso no meu currículo é interessante não só para estagiar, mas para a minha vida. Eu vou conseguir, vai valer a pena”, disse a estudante.

cos e privados de grande circulação (como escolas, hospitais, órgãos públicos, meios de transporte de massa, casas de espetáculos e outros locais de diversão).

A autora do projeto é a deputada federal Laura Carneiro (PSD-RJ). No Senado, a matéria recebeu o parecer favorável da senadora Mara Gabrilli (PSD-SP).

O serviço

Disponível 24 horas por dia, todos os dias da

Plataforma

Organizado pelo Instituto Legislativo Brasileiro (ILB), o programa terá a maior parte das aulas a distância, com conteúdo na Plataforma Saberes, além de algumas aulas presenciais no laboratório de Informática do ILB, como explicou o diretor-executivo do ILB, Nilo Bairros.

As alunas receberão material didático e *chip* de dados para garantir o acesso às aulas. O conteúdo é dividido nos seguintes módulos: gênero e sociedade; cidadania e direitos; tecnologia e inovação; e desenvolvimento de aplicativos.

A iniciativa foi desenvolvida em parceria com a chefe de gabinete da presidência do Senado, Ana Paula de Magalhães Lima, e a diretora interina da Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq), Cristina Castro.

semana, o Ligue 180 oferece atendimento por telefone, *e-mail*, WhatsApp e em Língua Brasileira de Sinais (Libras).

A proposta, aprovada na última quarta-feira (8), tem o objetivo de ampliar a visibilidade do canal e facilitar o acesso de mulheres em situação de violência aos serviços de orientação e denúncia.

De acordo com o projeto, as despesas com as ações de divulgação serão bancadas pelo orçamento da União.

Senado acata projeto que obriga governo a divulgar o Ligue 180

Grupo pede aprovação de PL contra misoginia

Em debate na Câmara dos Deputados, ativistas pediram que o Projeto de Lei (PL) nº 896/2023, que criminaliza a misoginia, seja votado em plenário antes das eleições. A medida é vista como fundamental para enfrentar a violência de gênero, que tem origem na cultura

de ódio às mulheres.

A coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher, Marlise Matos, lembrou que é dever constitucional do Estado proteger todas as pessoas contra qualquer forma de violação. No entanto, ela destaca que, na prática, a

violência contra a mulher impede ou anula o exercício de todos os direitos humanos.

“A gente precisa efetivamente avançar, porque o ódio e a discriminação funcionam como combustível para formas privadas e públicas de violência de gênero

contra as mulheres, e essa aversão estrutural impede que elas ocupem mais espaço de poder. Os discursos de ódio são as primeiras expressões das formas de violência, nunca começa com a facada, com o tiro, muito raramente”, disse Marlise Matos.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (50)

A Biblioteca Pública de São Joaquim da Barra, no interior de São Paulo, está instalada na antiga estação ferroviária.

Trata-se da Biblioteca Dr. Carlos Rezende Enout, situada em um dos prédios históricos mais importantes da cidade.

Meu livro é um fracasso de vendas, coletânea de crônicas de Fábio Mozart que ganhou o Prêmio José Lins do Rego na categoria, faz parte do acervo da Biblioteca de São Joaquim da Barra.

A presença de uma obra produzida por um autor nordestino amplia a representatividade do acervo, permitindo que leitores tenham contato com diferentes experiências, linguagens e visões de mundo presentes na literatura brasileira.

Mesmo que o título faça referência, de forma bem-humorada e crítica, às dificuldades de comercialização (*Meu livro é um fracasso de vendas*), sua disponibilização em uma biblioteca pública permite que a obra alcance novos leitores, cumprindo uma função social, que vai além do mercado editorial.

A expressão “No tempo que Dodô jogava no Andaraí” é uma referência nostálgica muito conhecida na cultura brasileira, especialmente na Bahia.

Ela é usada para falar de um tempo muito antigo, geralmente com um tom de saudade ou de humor, equivalente a dizer “nos velhos tempos” ou “naquela época”.

Dodô foi um dos criadores do trio elétrico, mas, antes de se tornar músico, também era jogador de futebol.

Ele jogou pelo Esporte Clube Andaraí, um tradicional clube baiano, nas décadas de 1930 e 1940.

Com o passar dos anos, a frase “No tempo que Dodô jogava no Andaraí” passou a ser usada popularmente para indicar uma época distante, muitas vezes idealizada.

Assim como se diz em Entroncamento: “No tempo em que Fábio jogava no Mangueira Futebol e Cachaça”.

E as notícias ruins não param: Seleção foi desclassificada, mas daqui a pouco o Flamengo volta a jogar.

Preparem o psicológico pra suportar a torcida inhaca de urubu.

“Caímos. Caímos jogando bem? Não. Mas caímos pra um grande adversário? Não. Pelo menos caímos de cabeça erguida? Também não” (Manchae no Bluesky).

Estados Unidos perderam de goleada, mas talvez a Fifa anuncie que o jogo foi anulado e vai ter que ser repetido, porque os EUA jogaram com um jogador que foi expulso anteriormente.

Os EUA sendo eliminados pela Bélgica na Copa do Mundo, dois dias depois de comemorar seus 250 anos de independência, jogando em casa, não tem preço!

Foram quatro gols para homenagear o 4 de julho.

Não perca: brevemente lançamento do livro *Baratas sem plano de voo nem GPS*.

Sou escritor, porém o mundo literário não sabe disso. Se eu fosse bom, não estaria aqui, anunciando livro sobre baratas.

EM 2026

Mulheres são maioria do eleitorado

Grupo com Ensino Médio completo é o mais expressivo (27,04%), totalizando 42,1 milhões de pessoas

Se considerarmos os perfis majoritariamente representados em cada uma das categorias estatísticas presentes no cadastro eleitoral em 2026, o eleitor brasileiro seria representado por uma mulher parda, na faixa etária de 35 a 44 anos e com o Ensino Médio completo. As mulheres permanecem como a maioria do eleitorado, compondo 52% (81,8 milhões) do total, enquanto os homens representam 48%. No quesito escolaridade, o grupo com Ensino Médio completo é o mais expressivo (27,04%), totalizando 42,1 milhões de pessoas. Em relação à cor e à raça, os pardos são a maioria absoluta (53,57%), seguidos de brancos (33,34%) e pretos (11,39%).

Jovens e idosos

Um dado importante para o comportamento das urnas em 2026, como sempre, será o engajamento dos grupos para os quais o voto não é obrigatório: jovens com 16 e 17 anos e idosos com 70 anos ou mais. Juntos, esses contingentes somam 20,5 milhões de brasileiros.

O alistamento de adolescentes de 16 e 17 anos totaliza 2,1 milhões de eleitores em 2026. É uma faixa etária que apresenta volatilidade conforme o tipo de eleição que se avizinha, mas o número de jovens que se habilitaram para votar no pleito geral de 2022 foi praticamente equivalente.

O número de eleitores com 70 anos ou mais, por sua vez, poderia esperar um crescimento mais acentuado, reforçando a tendência de envelhecimento da base eleitoral. De 2022 até hoje, o total de eleitores nessa faixa pouco avançou, indo de 14,9 milhões para pouco mais de 15 milhões.

José Nogueira, bancário aposentado, vê a preocupação da Justiça Eleitoral em ampliar os pontos de votação e os cuidados com a acessibilidade como oportuna, “principalmente para permitir a votação dos eleitores mais vividos”.

Para ele, o fato de termos tantos jovens se alistando no sistema eleitoral confirma, entre outras coisas, que eles vêm se conscientizando sobre como é necessário o envolvimento de todos na escolha dos representantes para se ter políticos que trabalhem para fazer leis que melhorem o Brasil.

“Fico feliz com esse expressivo número de jovens que votarão pela primeira vez e espero que eles, ao escolher seus representantes, pensem não somente na euforia do novo momento, mas no Brasil do futuro, votando em candidatos comprometidos”, comemorou José Nogueira.

O poder da inclusão

O engajamento do cidadão ganhou uma nova camada desde as últimas eleições gerais. Em 2023, a Justiça Eleitoral começou a compilar várias categorias de declaração de identidade no levantamento estatístico do eleitorado, como



Foto: Arquivo pessoal

Fico feliz com esse expressivo número de jovens que votarão pela primeira vez e espero que eles pensem no Brasil

José Nogueira

cor/raça e identidade de gênero. A identificação, opcional, foi disponibilizada para o cadastro eleitoral no ano anterior. A maioria das pessoas prefere não responder a essa categorização, mas o número dos que aderem cresce rapidamente, ajudando a consolidar a medida.

O estudante de Ciências Sociais Isaac Vilela de Vasconcelos registra a satisfação de ter sido chamado pelo nome que adotou depois da transição de gênero. “Terrível teria sido, apesar de todos os anos de transição, ter sido chamado pelo meu nome ‘morto’. Acredito que o motivo do aumento no número de eleitores com nome social não necessariamente representa algo sobre a confiança no sistema eleitoral, pois essa confiança está associada a questões político-ideológicas que podem até perpassar a identidade de gênero desses eleitores, mas não necessariamente”, explicou.

De acordo com Isaac, mais pessoas estão se sentindo confortáveis para começar seus processos de transição. Concomitantemente, as ferramentas de acesso a políticas de nome social estão sendo mais divulgadas entre as pessoas trans, porque a rede de contatos tem crescido.

A Justiça Eleitoral também aceita o registro do eleitor com o nome social, que é a identificação escolhida por um cidadão transexual para atender à sua identidade de gênero — em oposição ao nome civil, que foi registrado no nascimento. Para se cadastrar com o nome social, basta a autodeclaração — não é preciso apresentar outros documentos em que conste o mesmo nome. Uma vez inscrito no cadastro eleitoral com o nome social, o eleitor não terá o seu nome civil divulgado pela Justiça Eleitoral, exceto em caso de exigências legais ou de solicitação própria.

Em maio de 2023, quando a Justiça Eleitoral começou a divulgar essa informação, menos de 2% do eleitorado indicava sua identidade de gênero (cisgênero ou transgênero); hoje, são mais de 20%, ou

quase 33 milhões de pessoas.

O número de pessoas que utilizam nome social no título alcançou 41.537 eleitores em 2024, nas eleições municipais. Nas eleições gerais de 2022, esse número era de 37.646 pessoas, evidenciando um crescimento constante na busca por reconhecimento.

O eleitorado que declara alguma deficiência atingiu o recorde de 1,45 milhão de pessoas. Este contingente é significativamente maior que o de ciclos anteriores, tendo duplicado nos últimos oito anos e crescido substancialmente desde o pleito de 2022.

No último pleito, foram distribuídos mais de 21 mil cartazes nos idiomas Nheengatu e Guarani para orientar as comunidades em suas línguas originárias. Para 2026, a Justiça Eleitoral já trabalha na ampliação dessas medidas para garantir a pluralidade e a representatividade nacional.

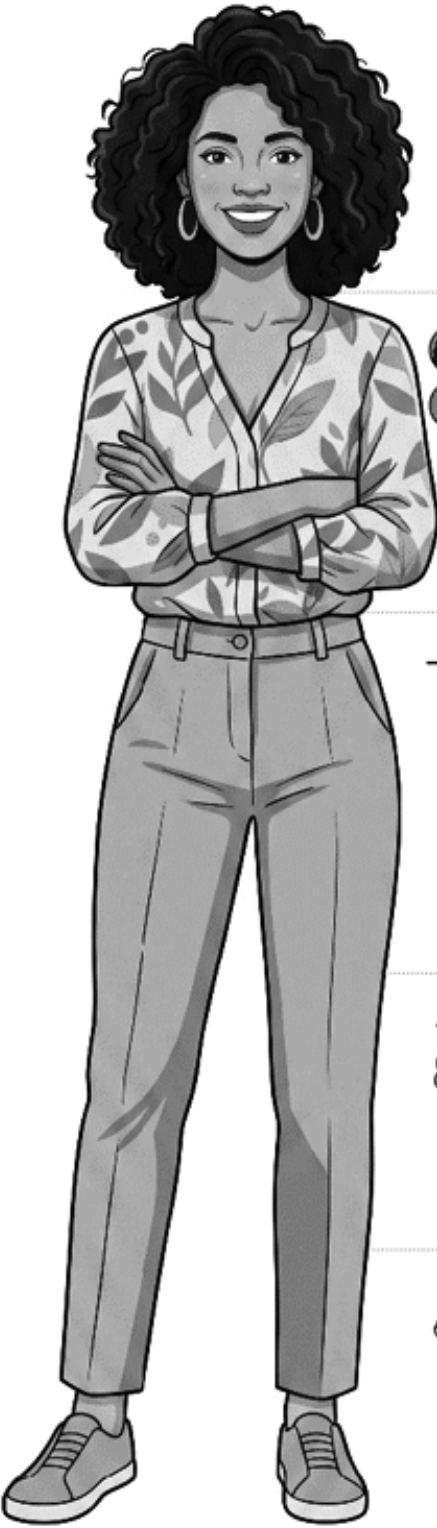


Foto: Arquivo pessoal

As ferramentas de acesso a políticas de nome social estão sendo mais divulgadas entre as pessoas trans

Isaac Vilela de Vasconcelos

Quem é o eleitorado brasileiro



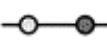
Gênero

Feminino (52%). Elas somam 81,8 milhões de eleitoras, superando os 74 milhões de homens



Cor/Raça

Parda (53,57%). É a maioria absoluta da autodeclaração étnico-racial, seguida por brancos (33,34%)



Faixa Etária

35 a 44 anos. Este é o grupo predominante, com destaque para as mulheres de 40 a 44 anos, que sozinhas somam 8,3 milhões



Escolaridade

Ensino Médio Completo. Representa 27,04% do eleitorado, sendo o maior grupo de instrução



Posicionamento Político

Independente/Neutro. Cerca de 40% dos brasileiros não se consideram de esquerda, direita ou centro

“A possibilidade de autodeclaração simplificada, sem a necessidade de prévia alteração dos documentos civis, fortalece o princípio da cidadania plena ao remover barreiras burocráticas para o exercício dos direitos políticos. Trata-se de uma medida concreta, mas também pro-

fundamente simbólica, representativa e democrática, pois assegura que, justamente no momento mais importante da participação política — o exercício do voto —, a pessoa seja identificada pelo nome com o qual se reconhece”, declarou Priscilla Sodré Pereira, advogada Eleitoral.

Ela disse, ainda, que essa garantia promove dignidade, respeito à identidade da pessoa, reduz constrangimentos nas seções eleitorais e reforça o compromisso da Justiça Eleitoral com a igualdade, a inclusão e a efetiva participação de todas as pessoas na democracia.

Congresso busca novo Código Eleitoral

Enquanto o eleitorado se transforma, o Congresso Nacional trabalha no projeto para o novo Código Eleitoral (PLP nº 112/2021), sob a relatoria do Senador Marcelo Castro (MDB-PI). O texto é ambicioso: com ele, o país vai unificar todas as suas normas eleitorais, hoje dispersas entre várias legislações.

Entre outras inovações, o novo Código Eleitoral pode incentivar a participação política das mulheres. O texto cria uma reserva de 20% das cadeiras nas casas legislativas para mulheres durante 20 anos. Atualmente, há uma cota para candidaturas femininas, mas nenhuma garantia de vagas. A ideia é reduzir o descompasso atual entre as candidaturas: apesar da maioria feminina e parda no eleitorado, as candidaturas ainda são predominantemente de homens (66%) e brancos (46,8%).

A iniciativa, porém, tem como contraponto a suspensão da punição para partidos que não cumpram a cota de candidaturas femininas, o que efetivamente leva ao fim dessa regra. A suspensão duraria ao longo dos 20 anos em que a reserva de vagas for aplicada. A Bancada Feminina do Senado argumenta que a perda da garantia de candidaturas não compensa, em termos de representatividade, a nova regra eleitoral das cadeiras garantidas para mulheres.

A modernização proposta pelo novo Código Eleitoral não se limita à representatividade: ela também busca blindar o processo eleitoral contra os riscos impostos pelas novas tecnologias. Segundo o relator, o uso da inteligência artificial (IA) nas campanhas passa a ter regras claras.

Para o senador Marcelo Castro, essa regulação não

representa uma ameaça à liberdade de expressão — pelo contrário, ela visa justamente distinguir o debate político legítimo do uso fraudulento da tecnologia. A liberdade de expressão é um dos pilares da democracia e permanece plenamente preservada.

O Código Eleitoral não pune opiniões, críticas ou posicionamentos políticos. O que ele combate é a fraude. Quando alguém utiliza inteligência artificial para criar uma falsa declaração de um candidato, manipular imagens ou induzir deliberadamente o eleitor ao erro, deixa de exercer a liberdade de expressão e passa a praticar um abuso que compromete a legitimidade da eleição. “Nosso cuidado foi construir regras que garantam a transparência no uso da IA e responsabilizem quem age de má-fé”, explicou.

Entre outras inovações,

o projeto do novo Código Eleitoral também trata de aumentar a transparência da prestação de contas partidárias; instituir o voto impresso; e instaurar uma quarentena para agentes públicos se candidatarem.

O projeto veio da Câmara dos Deputados e já passou pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), com parecer favorável. Agora, ele precisa da aprovação do Plenário do Senado. Como houve mudanças promovidas pelos senadores, ele precisará voltar para a confirmação dessas mudanças pelos deputados.

Mesmo se for aprovado antes de outubro, o novo Código Eleitoral não terá validade para as eleições deste ano, devido ao princípio da anualidade eleitoral: novas leis que alteram regras de eleições não se aplicam aos pleitos realizados dentro do primeiro ano da sua vigência.

Oportunidades

Editais somam 106 vagas na Paraíba

Seleções têm cargos em João Pessoa, Pirpirituba e Bonito de Santa Fé, com salários que podem chegar a R\$ 15 mil

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Para quem estava ansioso por uma nova chance para reorganizar a vida profissional no segundo semestre, julho oferece bons motivos para mergulhar nos estudos. Há três editais voltados à Paraíba que, juntos, somam 106 vagas imediatas, em áreas que vão da tecnologia à educação, passando por saúde, administração e serviços gerais. A Empresa de Tecnologia e Informações da Previdência (Dataprev) é um deles, com 30 vagas em João Pessoa e remuneração inicial de R\$ 10,6 mil. Já no interior, os concursos das prefeituras de Pirpirituba e Bonito de Santa Fé reúnem 76 oportunidades para candidatos de todos os níveis de escolaridade.

Tecnologia
Com alcance nacional, o concurso da Dataprev é um dos mais esperados do momento. Ao todo, são 212 vagas imediatas, distribuídas entre as principais capitais brasileiras, de Brasília a João Pessoa, passando por Fortaleza e Natal. Em solo paraibano, as oportunidades em disputa são para dois perfis ligados à área de tecnologia: desenvolvimento de *software*

e inteligência da informação. O edital também prevê cadastro de reserva para as áreas de análise de negócio de tecnologia da informação; arquitetura, engenharia e sustentação tecnológica; segurança cibernética e proteção de dados; além de administração e governança. Para concorrer, é necessário ter formação superior compatível com os requisitos da função.
De acordo com o edital, a remuneração inicial varia de R\$ 8,2 mil a R\$ 10,6 mil, a depender do cargo, isso sem falar nos benefícios ofertados, incluindo auxílio-alimentação ou refeição, no valor de R\$ 1,3 mil; auxílio escolar, seguro de vida e assistência especializada. Para participar, os interessados devem acessar o *site* da Fundação Getúlio Vargas (FGV) até 6 de agosto e efetuar a inscrição. A taxa custa R\$ 110 e poderá ser paga até o dia 7 do mesmo mês. Quanto à seleção, a avaliação consiste em uma prova objetiva, de caráter eliminatório e classificatório, com 70 questões, marcada para 11 de outubro. Vale destacar que as etapas presenciais, incluindo heteroidentificação e avaliação biopsicossocial, serão realizadas em todas as capitais — basta informar o local pretendido no momento da inscrição.

Interior
No Brejo paraibano, por sua vez, a Prefeitura de Pirpirituba tem o edital mais diversificado, com 46 vagas imediatas, além de cadastro de reserva, distribuídas entre 26 diferentes profissões e níveis de escolaridade. Para quem concluiu o Ensino Fundamental, há oportunidades para auxiliar de serviços gerais, cozeiro, gari, merendeiro, motorista nas categorias B e D e vigia. O grupo de nível médio e técnico inclui agente administrativo, técnico de Enfermagem e agente comunitário de saúde. Já entre os cargos de nível superior estão assistente social, enfermeiro, fonoaudiólogo, médico, veterinário, psicólogo, psicopedagogo, terapeuta ocupacional, técnico previdenciário e professor, em diferentes áreas de conhecimento.
As jornadas variam de 20 a 40 horas semanais, enquanto os vencimentos básicos partem de R\$ 1,6 mil e chegam a R\$ 6 mil. Aliás, dependendo da função, esse valor pode receber adicionais e gratificações. No caso de médico com jornada de 40 horas, por exemplo, a soma das parcelas previstas no edital pode chegar a R\$ 15 mil.
Se você ficou interessado, aproveite a oportunida-

de e inscreva-se no concurso de Pirpirituba pelo sistema da Comissão Permanente de Concursos da Universidade Estadual da Paraíba (CP-Con). As taxas cobradas são de R\$ 75 para cargos de nível fundamental, R\$ 95 para médio/técnico e R\$ 115 para superior. Sobre o processo de avaliação, todos os candidatos farão, no dia 29 de novembro, uma prova objetiva, a ser aplicada no próprio município. Como complemento, os candidatos aos cargos de motorista também passarão por provas práticas, enquanto os concorrentes às vagas do magistério terão os títulos avaliados.
Reta final
Já em Bonito de Santa Fé, no Sertão paraibano, o processo seletivo, que tem como foco a área da saúde, exige mais rapidez dos interessa-

dos. Isso porque as inscrições para as 31 vagas imediatas terminam hoje, pontualmente. As oportunidades estão distribuídas entre a Estratégia Saúde da Família (ESF), o programa Melhor em Casa, a equipe multiprofissional e o Centro de Especialidades Odontológicas. Há oportunidades para agente comunitário de saúde, agente de combate às endemias, técnico de Enfermagem, auxiliar de saúde bucal, enfermeiro, médico, assistente social, nutricionista, fisioterapeuta, psicólogo, fonoaudiólogo, profissional de Educação Física e cirurgião-dentista em diferentes especialidades.
A jornada de trabalho varia de 20 a 40 horas semanais, com salários que variam de R\$ 1,6 mil e chegam a R\$ 3,2 mil. As inscrições devem ser feitas pelo *site* do Instituto de Gestão em Educação, Capacitação e Aperfeiçoamento Pro-

fissional (Igecap), com taxas de R\$ 45 para cargos de níveis médio e R\$ 60 para superior. Quanto à avaliação, o formato muda conforme o cargo. Os candidatos a agentes comunitários de saúde e de combate às endemias serão os únicos a fazerem prova objetiva, marcada para 9 de agosto. O processo também inclui análise de títulos e experiência, além de curso de qualificação básica. Já para os demais, haverá apenas duas etapas: análise de títulos e entrevista técnica *on-line*, de 24 a 28 de agosto.
Os aprovados para os cargos de agente — de saúde e combate às endemias — terão vínculo por tempo indeterminado, enquanto os de nível superior terão contrato temporário de 12 meses, com possibilidade de prorrogação.



Use o QR Code para acessar o edital da Dataprev



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Pirpirituba



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Bonito de Santa Fé

Analista de software transforma falhas em soluções codificadas

Seja no computador ou no celular, você clica e já tem a resposta. Parece natural de tão rápido que é. E, quando tudo funciona como deveria, quase ninguém percebe o trabalho que existe por trás de tudo. Mas, basta a tela travar ou uma operação deixar de acontecer para que a tecnologia revele o quanto depende de profissionais especializados, capazes de investigar o problema e encontrar uma saída. É justamente nessa etapa que atua o analista de *software*. Rodrigo Alexandre de Medeiros trabalha na ponta final desse processo, quando qualquer falha pode afetar diretamente o cliente. Entre códigos, testes e correções, é ele quem ajuda a identificar a origem dos erros e a construir soluções definitivas para esses desafios.
Mas seu gosto pela tecnologia não é recente. Se, hoje, ele atua profissionalmente na área é porque, ainda na juventude, já tentava descobrir o que havia por trás das máquinas. “Desde muito jovem, sempre fui fascinado por computadores”, conta. No começo, quando ainda não tinha o seu próprio *desktop*, fazia questão de acompanhar as conversas dos colegas sobre sistemas operacionais. O passo seguinte veio quando conseguiu seu primeiro equipamento. A partir daí, passou a experimentar: formatava, desmontava e montava peças, buscando entender como cada parte funcionava. Segundo ele, foi essa curiosidade que o levou à Ciência da Computação, curso que apro-

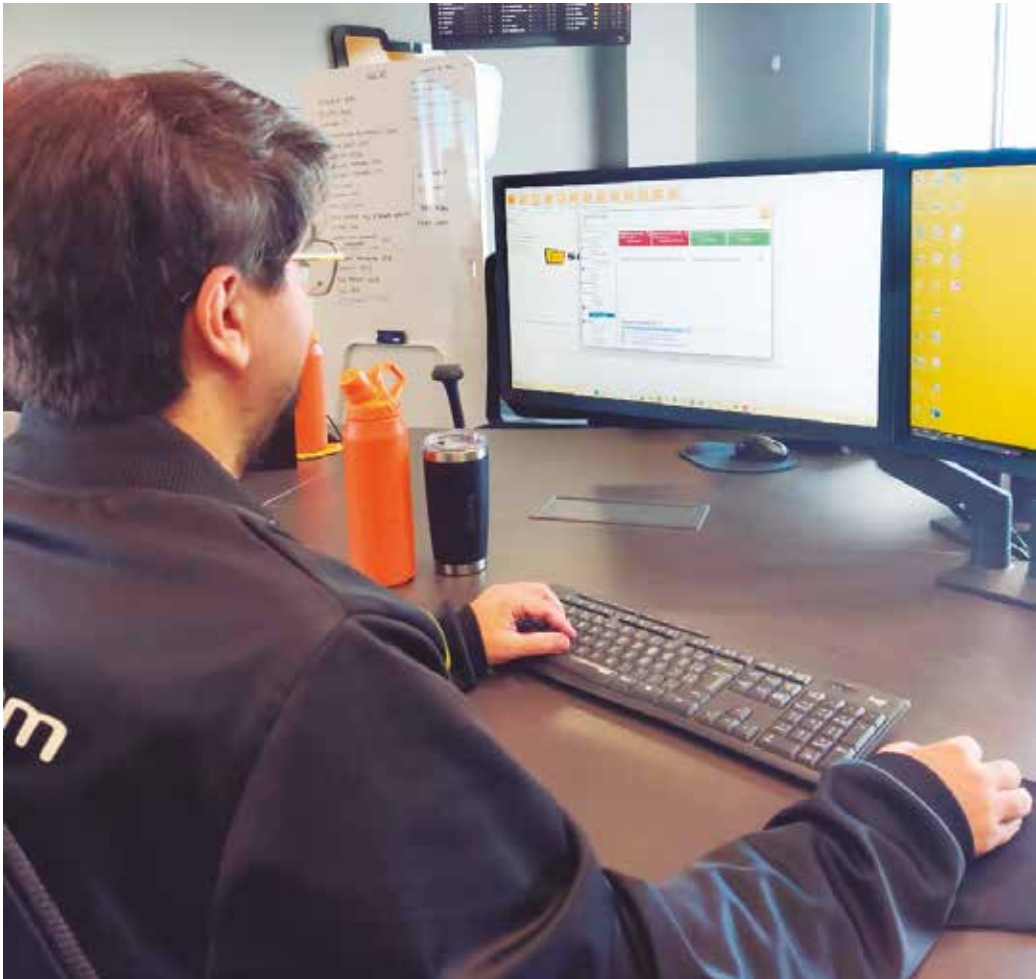


Foto: Arquivo pessoal

Rodrigo Medeiros disse que, desde muito jovem, sempre foi fascinado por computadores

fundou seus conhecimentos sobre programação e redes. De lá para cá, Rodrigo também tem se dedicado ao desenvolvimento de jogos, um *hobby* que mantém a programação presente no seu dia a dia — dentro e fora do trabalho. “Como estou constantemente lendo, corrigindo e escrevendo códigos, também me considero um desenvolvedor”, complementa o especialista.
Aliás, embora analista e desenvolvedor de *software* não sejam, necessariamente, a mesma profissão, os limites entre as duas funções

são muito tênues. O primeiro está mais ligado ao processo de criação, enquanto ao outro cabe analisar o produto. Só que, na prática, muitas vezes, o próprio analista também precisará entrar no código, fazer ajustes e testar. Por isso, o conhecimento em programação também é importante.
Sistema em uso
Antes de chegar ao celular ou ao computador de alguém, um programa passa por três etapas: planejamento, desenvolvimento e testes. Isso não significa, po-

rém, que o trabalho termina aí. Quando o sistema entra em produção — expressão usada por ele para indicar que já está disponível e sendo utilizado pelos clientes —, falhas podem surgir. E é nessa fase que o analista entra em cena. Seu trabalho começa pela leitura do código e pela busca do que provocou o erro. “Quando encontramos o problema, avalio como ele deve ser tratado. Se for algo urgente, eu mesmo já realizo a correção imediata para que o sistema volte a rodar perfeitamente”, explica. O objetivo, como ele mes-

mo reforça, é restabelecer o pleno funcionamento do *software*, para que o usuário final não seja prejudicado. Depois disso, a ocorrência é registrada para que a correção definitiva seja incorporada às próximas versões desse programa. “Nenhum sistema é infalível”, resume.
Na prática, essa dinâmica mostra que, mesmo sendo um programa desenvolvido e testado, pode apresentar problemas diante das diferentes formas de uso, das atualizações ou das interações com outras ferramentas. Por isso, como Rodrigo destaca, o analista precisa não só encontrar a falha, mas compreender como ela surgiu e impedir que volte a acontecer.

Além da programação
A imagem de um profissional isolado diante do computador também não corresponde, completamente, ao cotidiano da área. Embora o domínio técnico seja indispensável, a rotina exige dele jogo de cintura para lidar com clientes e equipes. Segundo Rodrigo, a comunicação faz toda a diferença, ao permitir que o analista compartilhe a solução de forma clara, sem tropeçar em tecnicidades. Raciocínio lógico e atenção aos detalhes também são atributos importantes para seguir as pistas deixadas pelos *bugs* e consiga encontrar sua origem. “Habilidades como comunicação e raciocínio lógico, além da base técnica de programação, são pré-requisitos que você precisa desen-

volver primeiro”, aconselha. Outra fonte de aprendizado é a prática, e é justamente nela que o profissional esbarra em um dos principais desafios da profissão: o tempo. Quando um sistema falha, o cliente espera uma resposta rápida, mas a pressa não pode comprometer a segurança nem criar mais problemas. Rodrigo esclarece que o maior desafio, nesse sentido, é entregar uma resposta dentro do prazo, sem deixar de investigar corretamente o problema. Esse equilíbrio entre rapidez e qualidade ajuda a explicar por que é tão fundamental para esse profissional atualizar-se constantemente. Linguagens e ferramentas mudam o tempo todo, assim como surgem novas necessidades dentro das empresas. O analista precisa acompanhar essas mudanças para não ficar limitado ao que aprendeu no início da formação e dar conta das novidades. “O mercado de tecnologia é muito dinâmico e promissor para quem se mantém em constante atualização”, avalia.

Oportunidade
Para quem já atua na área e deseja ingressar no serviço público, o concurso da Dataprev pode representar a porta de entrada. São 30 vagas só em João Pessoa, destinadas a profissionais de tecnologia, sendo 20 para desenvolvimento de *software* e 10 em inteligência da informação. No caso de desenvolvedor, o candidato deve apresentar diploma de nível superior.

Selic	Salário mínimo	Dólar \$ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina	Inflação	Ibovespa
Fixado em 17 de junho de 2026					IPCA do IBGE (em %)	
14,25%	R\$ 1.621	-0,28%	-0,38%	-0,4%	Junho/2026 0,16	177.166,38 pt
		R\$ 5,108	R\$ 5,832	R\$ 6,878	Maior/2026 0,58	
					Abril/2026 0,67	
					Março/2026 0,88	
					Fevereiro/2026 0,7	+2,97%

PEQUENO NEGÓCIO

Férias aumentam demanda por alugueís de brinquedos

Empreendedores trocam antigas profissões pelo setor de festas infantis

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

As festas infantis já não cabem apenas em mesas decoradas e bolos temáticos. Cada vez mais, os eventos incorporam grandes brinquedos infláveis, touros mecânicos, futebol de sabão e estruturas que transformaram o aluguel de brinquedos em um segmento cada vez mais profissionalizado. O movimento abriu oportunidades para empreendedores dispostos a trocar de profissão em busca de uma renda maior, mas o setor também passou a exigir investimentos elevados, atualização constante do catálogo e uma rotina intensa de trabalho.

As férias escolares representam um dos períodos de maior movimento para esse segmento. Com as crianças fora da sala de aula, as festas deixam de acontecer apenas aos fins de semana e passam a ocupar praticamente todos os dias da semana. Para acompanhar a demanda, empresas investem em equipamentos que podem ultrapassar facilmente R\$ 30 mil, além de ampliar equipes, veículos e logística para atender eventos simultâneos.

Foi essa aposta que transformou a rotina de empresários como Isabella Pontual, da Mundo da Diversão, e Erivelton Tavares, da Jampa Festas. “Eu pensava que a empresa chegaria a um determinado faturamento, mas, hoje, a gente já ganha três vezes mais do que eu

imaginava”, compara Isabella. Erivelton resume o desafio do setor de outra forma: “É um trabalho pesado e exige dedicação. Mas foi ele que nos proporcionou uma qualidade de vida melhor e continua abrindo espaço para crescermos”.

A história da Mundo da Diversão começou em 2018, de uma forma inusitada. Até então, Isabella trabalhava como cabeleireira e mantinha um salão de beleza ao lado do marido, Sidnei Batista, que havia acabado de deixar o emprego. A mudança de rumo surgiu depois que os dois assistiram a uma propaganda sobre brinquedos para locação na televisão. Sem combinar um com o outro, ambos começaram a pesquisar sobre o mercado ao mesmo tempo.

“Quando a gente voltou para a sala, os dois estavam com a mesma ideia. Foi como se Deus tivesse colocado aquilo no nosso coração ao mesmo tempo. Aí, vendemos o que tínhamos e começamos com seis brinquedos”, lembra ela. Dois anos depois veio a pandemia, e tudo parou. Enquanto muitos empresários interromperam investimentos diante da incerteza, Isabella decidiu seguir pelo caminho contrário.

“Eu sempre pensei lá na frente. Tudo o que entrava eu guardava para comprar mais brinquedos. O investimento é muito alto. Hoje, o brinquedo mais barato custa cerca de R\$ 10 mil e temos equipamentos de R\$ 30 mil. Mas, se



Renovar catálogo é o segredo para se manter competitivo

a empresa não se renova, ela acaba ficando para trás”, conta Isabella.

Quando as festas voltaram a acontecer, a empresa já estava preparada para atender uma procura maior. Atualmente, o catálogo reúne mais de 30 equipamentos, entre tobogãs, futebol de sabão, touro mecânico, brinquedos infláveis, fliperamas, mesas de totô e outras atrações utilizadas em festas particulares, eventos públicos e ações em shopping centers de cidades como João Pessoa, Patos e Natal.

Além da renovação constante, ela afirma que o próprio mercado mudou. Se no início imaginava que seria difícil encontrar clientes dispostos a pagar valores mais altos, hoje, alguns equipamentos chegam a ser alugados por R\$ 1.100 durante apenas quatro horas de evento. As

férias escolares também alteraram completamente a rotina da empresa. Em meses comuns, a maior parte das locações acontece de sexta-feira a domingo. Já em julho, a agenda passa a ocupar praticamente todos os dias da semana.

“Como as crianças estão em casa, as mães começam a organizar festas também durante a semana, e isso aumenta bastante o nosso movimento”, explica. Para garantir a demanda sempre alta, a empresa concentra toda a estratégia de marketing no Instagram, em que reúne cerca de 17 mil seguidores. “Tem muita gente que pensa que basta deixar o brinquedo no evento. Mas existe divulgação, manutenção, estratégia, equipe, transporte e muito planejamento para continuar crescendo”, acrescenta.

Novidades garantem espaço no mercado

A trajetória da Jampa Festas começou de forma ainda mais improvisada. Em 2022, no fim da pandemia, Erivelton Tavares trabalhava como vendedor no comércio quando decidiu criar uma nova fonte de renda ao lado da esposa, Priscila Dayana. O capital para começar praticamente não existia. O casal recorreu ao limite do cartão de crédito para comprar duas camas elásticas e uma piscina de bolinhas.

As primeiras locações de-

moraram a aparecer, mas o negócio começou a ganhar espaço quando decidiram agregar barraquinhas de pipoca e algodão-doce aos brinquedos. “A qualidade da estrutura chamou atenção. As pessoas chegavam ao evento perguntavam quem tinha montado tudo aquilo e já pediam nosso cartão para fazer a festa dos próprios filhos”, recorda Erivelton.

A combinação atraiu novos clientes e ajudou a empresa a conquistar visibilidade em ani-

versários infantis. Na época, Erivelton ainda conciliava a administração do negócio com o emprego de gerente no comércio. Com o aumento da procura, porém, chegou o momento de escolher apenas uma atividade e ele optou por cuidar do seu próprio negócio.

A partir daí, o casal passou a investir em equipamentos de maior porte. Vieram os tobogãs infláveis, campos de futebol de sabão, brinquedos para crianças menores e, mais recentemente, um touro mecânico. Hoje, a estrutura também inclui dois veículos próprios para transporte, além de uma equipe com mais de 12 monitores responsáveis por acompanhar os eventos. “Os infláveis ainda são uma etapa mais recente da empresa. Nosso carro-chefe continua sendo as barraquinhas, mas os brinquedos de maior porte estão agregando muito ao nosso crescimento e reconhecimento”.

Segundo ele, o crescimento do setor trouxe uma mudança importante no perfil dos clientes. Em vez de procurar apenas uma cama elástica ou uma pisci-

na de bolinhas, muitas famílias passaram a buscar experiências mais completas, reunindo brinquedos, alimentação e monitoria em um único fornecedor.

O crescimento do negócio também trouxe mudanças para a vida da família. O casal conseguiu adquirir veículos próprios, ampliar a estrutura da empresa e passar a viver exclusivamente da atividade que começou como complemento de renda.

As histórias de Isabella Pontual e Erivelton Tavares ajudam a explicar um movimento observado no setor. “O maior desafio é continuar se renovando. Se no ano seguinte você aparece com os mesmos brinquedos, o cliente procura quem trouxe novidade. É preciso estar sempre pensando no próximo investimento”, resume Isabella. Para Erivelton, crescer também depende do relacionamento construído em cada evento. “A gente está presente em um evento, mas, também, diante de convidados que podem ser nossos próximos clientes. Essa é a chave para a gente conseguir avançar ainda mais”.

Economia em Desenvolvimento

Marcílio Correia
marciliorcorreia.professor@gmail.com | Colaborador

Indústria 4.0: a oportunidade estratégica da PB

A competitividade das economias modernas já não depende apenas da abundância de recursos naturais ou do baixo custo da mão de obra. O diferencial está na capacidade de inovar, incorporar tecnologia e elevar a produtividade. Nesse contexto, a Indústria 4.0 deixou de ser uma tendência futura para se tornar uma exigência estratégica para regiões que desejam crescer de forma sustentável, gerar empregos qualificados e agregar valor à produção.

A Paraíba reúne condições concretas para aproveitar essa transformação. Dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostram que o estado possui um PIB industrial de R\$ 12,6 bilhões, emprega mais de 145 mil trabalhadores no setor e exportou US\$ 151 milhões em produtos industriais em 2025. Esses indicadores revelam uma base produtiva consistente sobre a qual é possível ampliar inovação, eficiência e competitividade.

Mesmo em um cenário econômico marcado por juros elevados e incertezas no comércio internacional, a indústria paraibana apresentou desempenho destacado. Projeções da equipe regional de Assessoramento Econômico do Banco do Brasil apontaram crescimento de 3,7% em 2025, colocando o estado entre os melhores resultados do país e na liderança do Nordeste. O desempenho ficou acima das médias regional e nacional, evidenciando a resiliência da economia paraibana.

Nesse ambiente, Campina Grande consolida-se como um dos principais polos de inovação do Brasil. A tradição nas áreas de engenharia, computação e formação de capital humano qualificado fortalece a capacidade do município de transformar conhecimento em soluções tecnológicas, ganhos de produtividade e maior competitividade para a indústria.

A experiência internacional demonstra que não há crescimento sustentável sem aumento da produtividade. Hoje, a produtividade está diretamente associada à digitalização, automação, uso inteligente de dados e integração entre universidades, empresas e governo. O Mapa Estratégico da Indústria 2023-2032, elaborado pela CNI, estabelece como meta elevar a produtividade do trabalho industrial em 2% ao ano até 2032 e ampliar o uso de tecnologias digitais nas empresas.

A indústria paraibana possui setores com elevado potencial de modernização, como alimentos e bebidas, têxtil, confecções, calçados, minerais não metálicos e agroindústria. Em muitos desses segmentos, soluções como sistemas integrados de gestão, sensores inteligentes, análise de dados e automação podem reduzir desperdícios, melhorar a qualidade dos produtos e aumentar a eficiência, muitas vezes sem exigir investimentos elevados.

A relevância da indústria também se reflete no cenário nacional. Em 2025, o setor respondeu por 23,4% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro e concentrou cerca de 66,8% dos investimentos empresariais em pesquisa e desenvolvimento, consolidando-se como o principal motor da inovação, da difusão tecnológica e dos ganhos de produtividade da economia.

Entretanto, a Indústria 4.0 vai além da aquisição de máquinas modernas. Ela depende de capital humano qualificado, infraestrutura digital, ambiente regulatório favorável e políticas públicas capazes de estimular a inovação. Investir em educação tecnológica, ampliar o acesso ao crédito para modernização produtiva e fortalecer a cooperação entre universidades e empresas são iniciativas essenciais.

A Paraíba possui uma vantagem competitiva que poucos estados conseguem reunir: a capacidade de produzir conhecimento. O desafio agora é transformar esse ativo em produtividade, inovação e desenvolvimento econômico. A nova revolução industrial favorecerá as economias que conseguirem criar, adaptar e incorporar tecnologia aos seus processos produtivos. Para a Paraíba, essa não é apenas uma oportunidade, mas uma decisão estratégica para o futuro.



Barraquinhas de pipoca são o carro-chefe da Jampa Festas

MÃES EMPREENDEDORAS

Gestão do tempo é o principal desafio

Pesquisa do Sebrae revela que 52% das mães veem os filhos como impulso para ter o seu próprio negócio

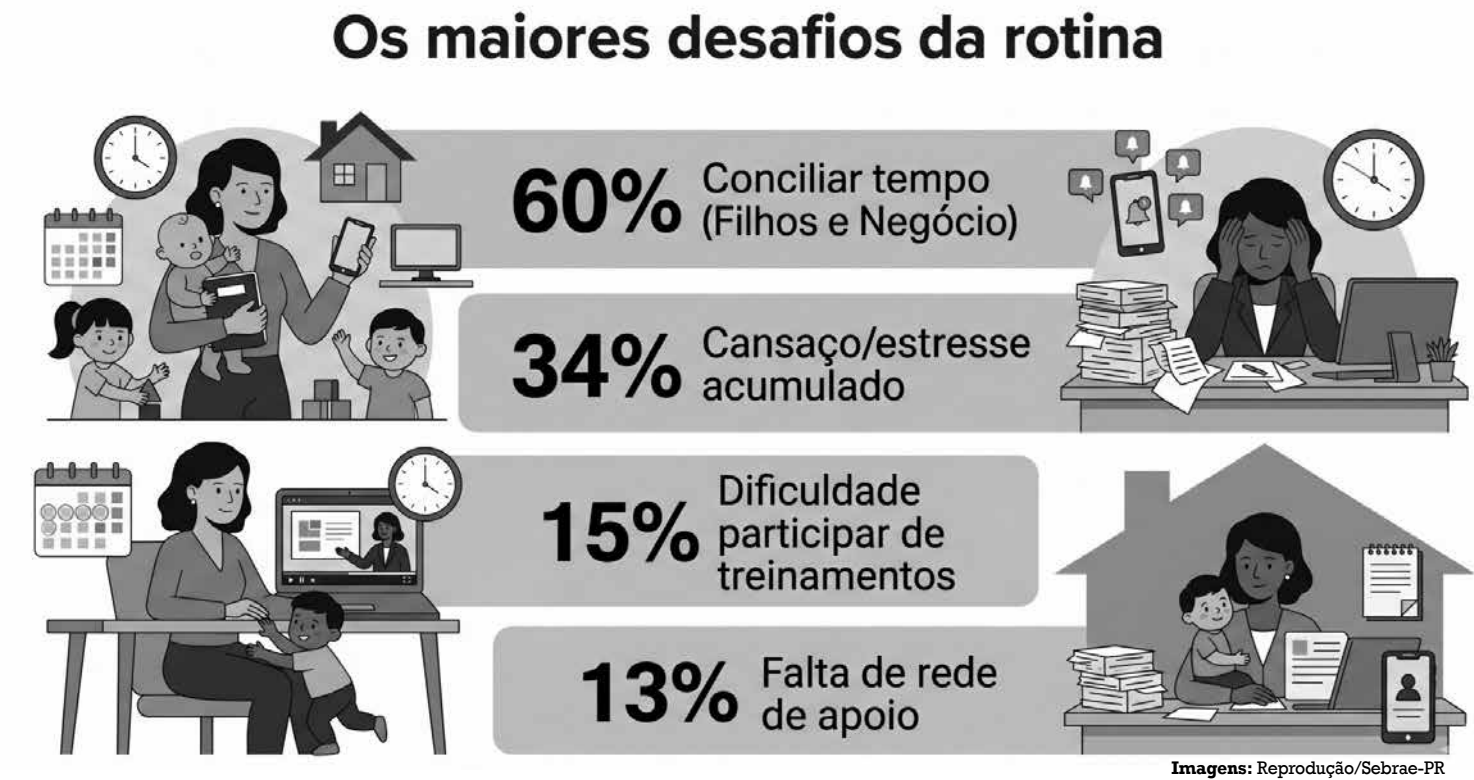
Agência Sebrae

Uma pesquisa realizada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Paraná (Sebrae-PR) com 650 mulheres empreendedoras, revela que a maternidade tem papel central na forma como elas organizam e conduzem seus negócios. Realizado de março a abril deste ano, o levantamento mostra uma rotina marcada pela conciliação entre gestão da empresa, cuidados com os filhos, responsabilidades domésticas e geração de renda, além de apontar os principais desafios enfrentados pelas mães entrevistadas que empreendem.

Letícia Monteiro Pimentel, a consultora do Sebrae-PR, avalia que os dados evidenciam um desafio estrutural na conciliação entre maternidade e empreendedorismo. Na pesquisa, 60% das mães empreendedoras apontam a gestão do tempo como principal desafio. Cansaço e estresse acumulado (34%), dificuldade para participar de treinamentos (15%) e falta de rede de apoio (13%) também são indicadas como desafios. Além disso, 42% declaram-se as principais responsáveis pelos cuidados com os filhos.

Segundo Letícia, essa concentração de responsabilidades reduz o tempo disponível para atividades essenciais da gestão, como planejamento, capacitação, inovação e prospecção de clientes. “Isso não acontece por falta de capacidade ou competência, mas pela dificuldade de conciliar tantas responsabilidades. E esse cenário pode refletir até mesmo no faturamento dos negócios”, afirma.

Para a consultora, avançar em políticas públicas, ampliar



o acesso à educação empreendedora e fortalecer redes de apoio são medidas importantes para que as mulheres tenham mais condições de desenvolver seus negócios. A pesquisa também mostra que 13% das mães empreendedoras têm filhos com transtorno do espectro autista (TEA) ou outras necessidades específicas de cuidado, o que torna a rotina ainda mais desafiadora e exige maior planejamento no dia a dia.

Autonomia

Na avaliação da consultora do Sebrae-PR, Fernanda Robes, os dados mostram como maternidade, autonomia e responsabilidade financeira conectam-se na trajetória das mães empreendedoras. De acordo com a pesquisa, 52% afirmam que a maternidade motiva a empreender, enquanto 71% já eram mães antes de abrir a empresa. “A maternidade aparece tanto como

motivação para empreender quanto como parte da realidade que essas mulheres precisam conciliar todos os dias. Para muitas, o negócio representa autonomia, mas também uma forma de sustentar a família e organizar a rotina em torno dos filhos”, esclarece a consultora.

As histórias de empreendedoras paranaenses ajudam a mostrar, na prática, como maternidade, trabalho, renda, cuidado e autonomia cruzam-se na rotina de mulheres que empreendem. Em Marechal Cândido Rondon, no oeste do Paraná, a pesquisadora e empreendedora Ana Maria Silva transformou uma dor familiar em inovação. Doutora em Desenvolvimento Rural Sustentável, mestre em Biotecnologia Marinha e engenheira de Pesca, ela desenvolveu sorvetes à base de tilápia e frango a partir da experiência vivida com a filha, que, em 2019, enfrentou dificuldades para se

alimentar durante um tratamento de câncer.

“Tudo começou quando minha filha teve câncer de mama gestacional. Ela comia sorvete para amenizar a dor, mas não conseguia ingerir outros alimentos, principalmente proteína, durante a quimioterapia, surgiam as feridas na boca e tudo piorava”, relembra.

Como já realizava estudos com proteína animal, desde 2008, Ana buscou uma alternativa que unisse pesquisa, nutrição e acolhimento. A ideia do sorvete à base de tilápia surgiu nesse contexto familiar e deu novo rumo ao trabalho da pesquisadora. A partir da experiência com a filha, que se curou do câncer e teve uma gestação bem-sucedida, outras pessoas passaram a procurá-la em busca dos produtos.

Hoje, a Nilo By Lysis, conta com 30 colaboradores terceirizados e destaca-se na produção

de alimentos com proteínas animal e vegetal. O cardápio atual reúne sorvetes com proteínas de frango e arroz, além de sopas e caldinhos, barrinhas de cereais, iogurtes e queijos que utilizam a proteína da tilápia.

A empresa foi premiada em primeiro lugar como pequena empresa na categoria Recursos Renováveis, no Prêmio Nacional de Inovação, e obteve recurso para validar os sorvetes e outros alimentos funcionais em hospitais oncológicos.

Rotina reorganizada

Em Maringá, no noroeste do Paraná, a empresária Tatiane Fonseca Nehring, de 42 anos, também encontrou no empreendedorismo uma forma de construir uma trajetória ligada à família. Filha de empresários, ela herdou dos pais o desejo de ter um negócio no ramo de madeiras e, há 17 anos, lidera a Santa Rita

Madeiras ao lado do marido.

Dois anos depois de abrir a empresa, Tatiane realizou outro desejo: o de ser mãe. Hoje, com dois filhos, de 15 e 10 anos, ela conta que precisou reorganizar a rotina para equilibrar o negócio e a maternidade.

“Precisei diminuir minha carga horária de trabalho para estar mais presente na vida dos meus filhos, especialmente nos primeiros anos. Com isso, meu esposo também precisou assumir mais responsabilidades na empresa e na rotina da família. Foi um período de adaptação, mas que nos fortaleceu muito”, relata.

Com os filhos maiores, Tatiane adaptou a rotina. Atualmente, passa meio período com eles e dedica o restante do tempo à empresa. Profissionalmente, o objetivo é expandir o negócio. Como mãe e empreendedora, ela afirma que o desejo maior é construir um legado de trabalho, fé, integridade e serviço para a família, além de mostrar que o empreendedorismo feminino pode ser uma ferramenta de transformação.

“Quando uma mãe empreende, ela não apenas contribui para a renda familiar, mas também desenvolve autonomia e confiança. Além disso, ela se torna um exemplo para seus filhos, mostrando, na prática, valores como dedicação, responsabilidade e perseverança. Empreender me ensinou a ser mais resiliente, organizada e determinada. Como profissional, aprendi a enfrentar desafios, tomar decisões importantes e buscar crescimento constante. Como mãe, o empreendedorismo me mostrou a importância do equilíbrio entre o trabalho e a família”, justifica.

Maternidade impulsiona recomenços e redesenha carreiras

Em Cascavel, no oeste do Paraná, a arquiteta Aline Rodrigues Silveira repensou a trajetória profissional a partir da maternidade. Antes da chegada dos filhos, a rotina era intensa. Ela dividia os dias entre o trabalho em um escritório de arquitetura, aulas em uma universidade e viagens aos fins de semana para ministrar cursos de pós-graduação em diferentes capitais do Brasil.

Com o nascimento da filha Maria, Aline deixou as viagens e reduziu a carga de trabalho para acompanhar os primeiros anos da menina. Pouco tempo depois, com a chegada de João, percebeu que precisava de um modelo profissional mais flexível e alinhado à rotina familiar. “Antes das crianças, eu era professora e trabalhava em um escritório. Durante o dia, ficava

no escritório; à noite, dava aula em uma universidade; e, aos fins de semana, viajava para várias capitais do Brasil para ministrar aulas em uma pós-graduação. A primeira adaptação, ainda durante a gravidez, foi deixar as viagens por orientação médica”, relembra.

Quando João nasceu, cerca de dois anos depois do nascimento de Maria, sair de casa à noite deixou de fazer sentido. Foi nesse momento que ela decidiu deixar também o escritório onde trabalhava e buscar opções que possibilitassem mais presença na criação dos filhos. “Comecei a buscar alternativas que me permitissem ter mais flexibilidade para estar com eles”, conta.

Nesse processo, a arquiteta passou a desenvolver novos projetos. Criou *workshops* volta-

dos a estudantes de Arquitetura, idealizou uma marca especializada em projetos infantis e aprofundou os estudos sobre quartos de bebê e educação montessoriana. “Percebi que havia um nicho a ser explorado e que minha experiência como mãe faria toda a diferença”, afirma.

A busca por novos caminhos também aproximou Aline de outras mulheres empreendedoras. Juntas, organizaram a Feira da Mamãe Empreendedora, realizada em Cascavel, iniciativa que reuniu mães que conciliavam negócios e maternidade. No início de 2021, a arquiteta passou por sociedades, atuou na área de consultoria empresarial e consolidou um modelo de trabalho que respeita tanto sua profissão quanto sua maternidade. Para ela, o

principal desafio segue sendo a organização do tempo.

“A dificuldade é realmente conciliar o tempo entre as minhas duas funções principais. Tenho várias limitações de horário e, muitas vezes, preciso levá-los comigo para obras, lojas, reuniões ou para o escritório. Quando surge uma viagem ou um projeto que exige vários dias de dedicação, tudo precisa ser muito planejado”, relata.

Novo caminho

Em Guarapuava, a história da empresária Jimara de Góes Wilke mudou a partir de um presente da filha mais velha. Depois de anos dedicados à família, ela recebeu da filha um curso de cabeleireira e encontrou um novo caminho profissional. “Eu me casei e era muito difícil conciliar trabalho, estudos e a vida familiar. Deixei os estudos de lado. Minhas filhas cresceram e a mais velha me presenteou com um curso de cabeleireira. Em 2011, abri um CNPJ [Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica] e comecei a atuar como cabeleireira e maquiadora. Eu ia até o local do atendimento e atendia noivas e debutantes”, relembra.

Em 2017, aos 42 anos, Jimara decidiu concluir o Ensino Médio. Depois, fez curso técnico em Estética, graduação em Terapias Integrativas e pós-graduação em Terapia Capilar em Tricologia. Com a nova forma-

ção, ampliou os serviços oferecidos e viu a clientela crescer. A expansão levou à necessidade de abrir um espaço próprio, e a primeira iniciativa foi buscar o Sebrae-PR.

Com o crescimento do Salão Jimara Wilke, em Guarapuava, a empreendedora voltou a buscar conhecimento. Em 2025, decidiu afastar-se temporariamente da rotina intensa do salão para se capacitar. Participou de cursos da Vigilância Sanitária e de formação em panificação e produção de pães artesanais promovidos pela Prefeitura. O objetivo foi agregar um diferencial ao atendimento personalizado. “Eu produzo pães, bolos e ofereço café e cappuccino, todo o sábado, às clientes. Quero que elas se sintam acolhidas aqui”, comenta.

Apoio para crescer

Ainda de acordo com a pesquisa, 9% das mães empreendedoras não têm rede de apoio, enquanto 35% contam com a ajuda do companheiro, 18% contam com avós ou parentes próximos, e 18% precisam de escolhas ou creches em tempo integral. Apesar dos desafios apontados pela pesquisa, a consultora Letícia Pimentel observa que há avanços importantes na trajetória das mães empreendedoras. Para sustentar esse crescimento, a consultora do Sebrae-PR Letícia avalia que o apoio às mães empreen-

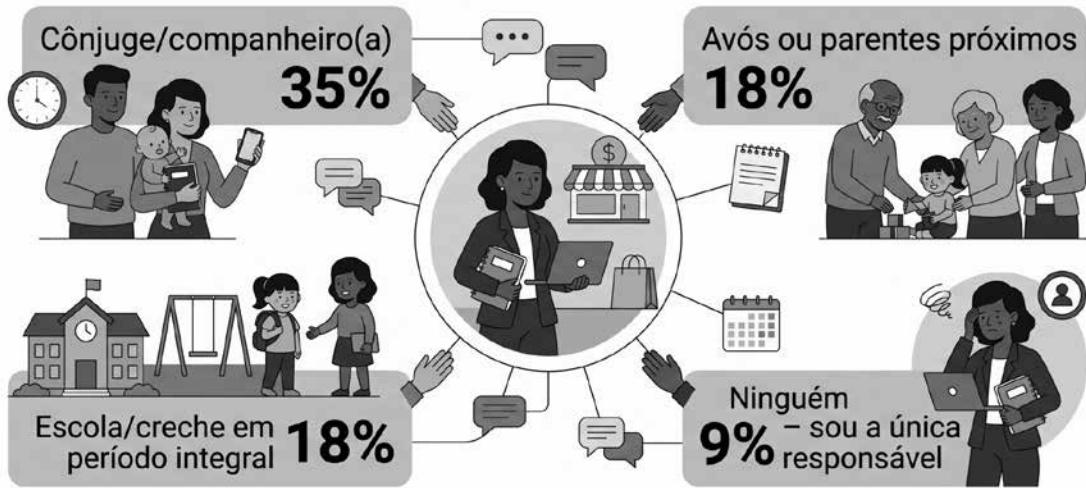
dedoras precisa ir além do acesso ao crédito.

O levantamento mostra, ainda, que 25% delas apontam o financiamento em condições especiais como o principal fator de apoio à jornada, mas também aparecem demandas como apoio psicológico, capacitações flexíveis, serviços de cuidado infantil e grupos de apoio entre mães e empreendedoras. A pesquisa reforça que o fortalecimento desses negócios depende de soluções que tragam mais previsibilidade, estabilidade, equilíbrio emocional e otimização do tempo.

Na prática, segundo Letícia Pimentel, isso passa por ajustar horários, formatos de atendimento e canais de venda para construir uma rotina mais flexível e sustentável; reorganizar processos, tarefas e prioridades para reduzir sobrecarga; estabelecer limites operacionais mais claros; fortalecer redes de apoio pessoais e profissionais; buscar capacitações compatíveis com a rotina; e estruturar o planejamento financeiro, com reservas, metas e controle mais eficiente.

“É uma combinação de crédito, conhecimento, organização e rede de apoio. Quando a empreendedora consegue olhar para esses pontos de forma integrada, aumentam as chances de crescimento do negócio sem ampliar ainda mais a sobrecarga”, completa.

Redes que sustentam o negócio



FETECH

Inovação ganha forma no evento de tecnologia

Empresas e startups apresentam soluções pautadas na sustentabilidade

Beatriz Alcântara
Ascom Secties

Desde a última terça-feira (7), Campina Grande tem recebido empresas, *startups* e pesquisadores que mostram diversas ideias e projetos que evidenciam o poder da inovação na vida e no cotidiano das pessoas. A tradicional Feira de Tecnologia de Campina Grande (Fetech) retomou sua programação, após nove anos, no Centro de Convenções de Campina Grande.

Entre os exemplos apresentados na Fetech, um deles transforma madeira que seria descartada em peças decorativas e utilitárias. A matéria-prima da empresa SVS Artes vem de restos de obras, podas de árvores urbanas e peças de madeira que, em muitos casos, teriam como destino o lixo ou a fogueira. O que antes poderia ser tratado como resíduo passa por um processo e transforma-se em luminárias, tábuas de corte, peças decorativas e outros produtos com valor estético, funcional e ambiental.

A proposta, segundo Caio Vinicius, um dos artistas e criadores da empresa familiar, surgiu da necessidade de dar uma nova função a um material cada vez mais escasso e precioso. “Nossa empresa veio da necessidade de reaproveitar peças que eram jogadas fora, que iam para o lixo ou viravam fogueira. A madeira é um bem precioso e está cada dia mais escassa, então pensamos em dar uma nova função a esse material”, afirmou.

A partir dessa nova perspectiva, a empresa passou a desenvolver uma variedade de produtos: “Transformamos essa madeira em luminárias, peças decorativas, tábuas para corte de carne e em uma infinidade de funções. Dá para fazer dessa madeira uma nova obra de arte”, destacou.

Na Fetech, a *startup* encontrou um ambiente para apresentar seus produtos, explicar o conceito por trás das peças e estabelecer novas conexões. Para os empreendedores, o evento permitiu ampliar contatos, dialogar com potenciais parceiros e mostrar que sustentabilidade também pode ser um diferencial competitivo.

“A Fetech foi muito importante para a gente no sentido de fazer novas conexões. Conhecemos pessoas, vimos potenciais investidores que pensam como a gente e entendem que isso não é lixo, é obra de arte. Só depende da perspectiva”, avaliou.

Se em um estande a inovação aparecia no reaproveitamento da madeira, em outro ela ganhava forma em uma solução de

alta complexidade tecnológica. A empresa Aero Robot apresentou uma proposta voltada ao desenvolvimento de plataformas voadoras autônomas com inteligência artificial, capazes de realizar operações de longa distância e com aplicações em áreas estratégicas, como a saúde.

De acordo com Jorge Piriz, diretor de tecnologia da empresa, a iniciativa surgiu da busca por ampliar o desenvolvimento tecnológico por meio de cooperação e de conexões com o ecossistema de inovação. “Já trabalhávamos com soluções sob medida para mercados específicos, mas percebemos a necessidade de abrir uma *startup* no ano passado, buscando alavancar o desenvolvimento com cooperação e fomento à inovação tecnológica”, explicou.

O diferencial apresentado na Fetech está na proposta de uma plataforma com grande autonomia de voo e longo alcance. Segundo o especialista, o equipamento pode chegar a até quatro horas de voo e operar em distâncias de 200 km a 400 km, com possibilidade de alcance ampliado quando houver comunicação via satélite.

A tecnologia foi pensada para atuar com inteligência artificial embarcada e também com monitoramento por uma plataforma de *software*. O objetivo é garantir controle em tempo real, autonomia operacional e segurança durante o trajeto. Na prática, isso significa que a aeronave pode alterar a rota, reduzir a altitude ou desviar de obstáculos sem depender exclusivamente da ação de um piloto. “A plataforma voadora tem um *transponder* e sabe quando outra aeronave está nas proximidades, inclusive uma aeronave tripulada. Com isso, a inteligência artificial a bordo pode evitar uma colisão tomando uma ação autônoma, sem necessidade de um piloto controlando”, explicou o diretor.

Essas ações podem incluir mudanças de curso, redução de altitude ou desvio de obstáculos específicos, a partir da identificação feita pelo sistema de visão computacional. “Quando falamos em tomar uma ação, pode ser desviar o curso, diminuir a altitude ou evitar um obstáculo específico, já que a plataforma será munida de visão computacional para identificar esse obstáculo”, completou.

Uma das principais aplicações apresentadas pela *startup* está na área da saúde. A proposta é utilizar a plataforma voadora autônoma para o transporte de insumos médicos, materiais sensíveis e até órgãos em longas distâncias. A ideia visa reduzir o tempo de deslocamento em situações nas quais cada minuto pode fazer diferença. Hoje, em muitos casos, o transporte mais rápido depende de helicópteros ou de estruturas logísticas mais complexas.

“A nossa proposta [na área da saúde] é oferecer uma plataforma voadora autônoma com inteligência artificial para fazer o transporte de insumos médicos em longas distâncias e de materiais sensíveis, como órgãos, por exemplo”, disse. Mas isso não está ape-

nas no campo das ideias. “É algo que já está acontecendo, algo que saiu do papel. Inclusive, já fizemos validação com uma entidade da área médica no Distrito Federal. É algo em que estamos trabalhando há um tempo e que pode se tornar realidade a qualquer momento, em cooperação com entidades da saúde”, afirmou Jorge Piriz.

A Fetech teve papel importante nesse processo ao aproximar a *startup* de potenciais parceiros comerciais, visitantes interessados, instituições e representantes da área médica. “Entramos em contato com entidades da área da saúde e conseguimos reuniões para levar isso adiante. Graças à Fetech, que foi um sucesso, é muito promissor o que esperamos para tornar nossa proposta realidade em um curto prazo”, destacou.

Sobre a Fetech

Criada em 1988, a Fetech é uma das mais tradicionais feiras de ciência, tecnologia e inovação do Nordeste. Em sua 15ª edição — que termina hoje —, o evento voltou a movimentar Campina Grande com uma programação voltada à divulgação científica, geração de negócios, conexão entre academia e setor produtivo, fortalecimento de *startups* e aproximação entre quem desenvolve tecnologia e quem pode se beneficiar diretamente dela.

A edição deste ano teve como tema “Inteligência artificial, inovação e sustentabilidade” e reuniu mais de 100 espaços expositivos, além de atividades voltadas à divulgação científica, geração de negócios, empreendedorismo e conexão entre diferentes setores. A programação abriu espaço para empresas, *startups*, pesquisadores, estudantes, instituições, investidores e visitantes interessados em conhecer soluções tecnológicas já disponíveis ou em fase de desenvolvimento.

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

O céu de Sousa e meu despertar para a ciência

Na coluna de hoje, decidi fazer uma conexão entre ciência e o aniversário de Sousa, que completou 172 anos de emancipação política na última sexta-feira (10). Faço isso a partir de experiências que vivi, ainda criança, na cidade e que me levaram a despertar para a ciência.

A primeira foi a visão de um grande corpo celeste no céu. Aquilo me impressionou bastante porque era maior do que os outros corpos que costumávamos ver à noite. É uma recordação muito tenra da minha infância, por isso não me lembro de todos os detalhes, mas aquela imagem me marcou e despertou em mim a vontade de saber o que era aquilo.

No início, fiquei assombrado e até com medo de dormir à noite. As pessoas falavam que aquilo poderia trazer mau presságio, que poderia até aparecer um alienígena ou coisas do gênero. Essa curiosidade despertou em mim o interesse de estudar um pouco sobre astronomia, planetas e demais corpos celestes.

Mais tarde, já como estudante do Ensino Médio, em Recife, participei de um Clube de Astronomia que ficava no bairro da Várzea. O grupo era conduzido pelo padre Jorge, um holandês que reunia vários estudantes interessados em aprender sobre astronomia, estrelas, luminosidade, corpos celestes e cometas.

Essa experiência foi muito importante, porque também me fez vir à Paraíba e conhecer o planetário do Espaço Cultural. Foi uma maravilha poder observar aquela abóbada, ver os vários astros representados no céu e estudar as constelações.

Mas o que poderia ter sido aquele corpo celeste que tanto me impactou? Fiz várias pesquisas e, pelo tamanho, pela visibilidade e período em que aconteceu, provavelmente se tratava do que seria o Cometa West, que foi visto em 1976 e pôde ser observado muito bem aqui, no Sertão da Paraíba.

O outro fato científico que me lembro de ter presenciado na cidade de Sousa foi o laboratório espacial Skylab. Como o próprio nome indica, era um laboratório espacial dos Estados Unidos e foi a primeira estação espacial norte-americana. O projeto buscava demonstrar que os seres humanos poderiam sobreviver durante longos períodos em órbita da Terra.

Ele abriu espaço para outras experiências, como a estação russa Mir e, posteriormente, a Estação Espacial Internacional. O Skylab recebeu missões tripuladas de 1973 a 1974, mas o fenômeno que realmente chamou a atenção da cidade de Sousa foi a sua queda, ou melhor, a sua reentrada na atmosfera, em 11 de julho de 1979.

O assunto tomou conta das rádios. Acompanhávamos as notícias para saber onde o Skylab cairia, pois sua queda era descontrolada. As pessoas ficavam imaginando onde os destroços poderiam cair, olhando para o céu e escutando o rádio.

Durante toda a epopeia da reentrada do Skylab na atmosfera terrestre, passei vários dias pensando sobre viagens espaciais e tentando entender o que era uma estação espacial. Isso também me levou a estudar as missões Apollo e as missões espaciais da União Soviética.

Esses acontecimentos me impactaram profundamente, contribuindo para que eu me tornasse cientista e desenvolvesse um pensamento voltado a questionar e compreender determinadas coisas.

São fatos aparentemente corriqueiros do cotidiano de uma cidade do interior, mas que se transformaram em notícia, mobilizaram a população e me levaram a despertar para a ciência. Isso mostra como acontecimentos da dinâmica de uma cidade podem impactar jovens e outras pessoas, despertando nelas a curiosidade e o interesse pelo conhecimento científico.

Parabéns, Sousa! E boa viagem na ciência.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba, é professor e doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador



Visitantes conhecem projetos expostos na feira, que reúne empresas e pesquisadores

Foto: Bianca Souto / Secties-PB

Caio Vinicius

SISTEMA DE MANDALAS

Quando a natureza orienta o plantio

Técnica estimula cultivo orgânico, viabiliza melhores condições de vida no campo e amplifica produtividade

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com

Focando no melhor aproveitamento dos recursos naturais, diversificação da produção agrícola e potencialização da produtividade, o sistema de mandala começou a ganhar força por volta da década de 1970. Foi impulsionado pelo movimento de permacultura, criado pelo ambientalista Bill Mollison, na Austrália. Ele preconiza uma outra forma de dispor as espécies vegetais, de acordo com o ecossistema natural. Com isso, as plantações passam a ser organizadas em círculos concêntricos, e no centro delas há uma fonte de água e a criação animal, responsável por garantir material orgânico para irrigação. No Brasil, a técnica vem se popularizando desde os anos 2000; e, na Paraíba, ações e experimentos de diversas instituições ajudam a difundir esse modelo entre agricultores fa-

miliares. Além disso, pesquisas sobre o tema também estão sendo realizadas. As mandalas estimulam o cultivo orgânico, possibilitam ao produtor rural melhores condições de vida no campo, além de alimentação saudável, melhoria da renda familiar — com a comercialização do excedente — e contribuem também para a preservação do meio ambiente. O agricultor Luciano José Cavalcanti, do Assentamento Zumbi dos Palmares, localizado no município de Mari, relata que o local experimentou a técnica por pouco mais de um ano e que os benefícios são diversos. No espaço, a mandala ficava numa área coletiva e a produção era destinada a todos que estavam envolvidos nesse cultivo. “Tem ganhos econômicos e sociais. Ela permite também uma diversidade econômica, porque tem vários sistemas. Você pode criar peixe, galinha, pode ter a hor-

ta, tudo dentro do mesmo espaço, e de forma agroecológica. E aqui era perto da escola, os alunos também faziam parte e iam lá estudar, fazer aulas de campo”, comenta. Como era numa área comum, devido a divergências internas, a mandala no assentamento foi descontinuada, mas no período em que esteve ativa Luciano pontua que isso melhorou a produtividade. “A produção a gente dividia, e às vezes doava para a escola do assentamento também. A técnica de mandala é simples, eu já conhecia porque eu estudei Agropecuária, em Bananeiras, e vi o sistema lá, mas aqui a gente recebeu através do MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra], com todos os equipamentos, sistema de irrigação, tudo direitinho”, afirma. Paraiba adota método O extensionista rural e assessor estadual em Agroecolo-



Modelo agroecológico organiza cultivos em círculos concêntricos para integrar produção

gia e Convivência com semiárido da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer-PB), Ricardo Farias, explica que as mandalas são sistemas de produção que otimizam o espaço tanto em uso da área quanto na integração de cultivos. “Os círculos são ‘concêntricos’, ou seja, partem do centro para as bordas para-

lelamente. No centro, localiza-se a água, que sai com menor distância percorrida até o círculo mais extremo. Nos círculos mais próximos à água ficam as culturas e espécies vegetais que necessitam de maior frequência de irrigação, como hortaliças, por exemplo. E, ao modo que os círculos vão se distanciando, as culturas vão ficando mais altas e

menos existentes em água”, explica. A tecnologia foi divulgada e estimulada junto a agricultores em ações da Empaer-PB, assim como outras instituições paraibanas também vêm experimentando a técnica. Porém, a sua implantação em determinado local depende do interesse das famílias, já que é preciso custear esse processo.

Projetos universitários utilizam método para pesquisa na PB

Na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), por meio do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias (CCHSA), localizado no município de Bananeiras, a técnica também foi experimentada. Lá, o Projeto Mandala teve início em 2004 e, atualmente, está com suas atividades suspensas devido à reforma da estrutura que estava defasada. Porém, durante sua atuação até então, teve como foco projetos de extensão e o objetivo de difundir a tecnologia para a agricultura familiar da região. A ação também resultou em trabalhos de conclusão de curso (TCC) e dissertações de mestrado sobre a temática. O chefe do setor de agricultura do CCHSA da UFPB, Luciano Raposo, reforça que esta produção agrícola ocorre em canteiros dispostos em círculos concêntricos. No centro deles, encontra-se um reservatório de água, onde são criados peixes. “Normalmente, são nove círculos com frutíferas, hor-

taliças, plantas medicinais e culturas anuais. É um modelo de produção agroecológico, no qual ocorrem, simultaneamente, criação de animais (peixes e aves) e cultivo de culturas agrícolas. O desenho otimiza o espaço e o uso de recursos naturais”, afirma. Ele destaca que o sistema pode ser instalado em qualquer região, sendo uma técnica bastante adaptável. “Necessariamente, precisa de disponibilidade de água e área sem declividade, solo fértil e bem drenado. Para que a criação de animais e o cultivo de culturas ocorra de forma integrada e sustentável”, pontua, ressaltando que, dentro dessas características, é possível aplicar o modelo a localidades diversas. Sobre os benefícios da técnica, Raposo destaca a alta eficiência no uso do espaço e dos recursos naturais disponíveis. “Por exemplo, a água que contém os peixes é fertilizada com os excrementos dos animais, o excedente da produção de hortaliças é colocado como alimento

para as galinhas. Consequentemente, tem-se um melhor uso dos recursos no sistema de produção”, explica. O extensionista da Empaer-PB, Ricardo Farias, também destaca que nos locais onde é implantada, a mandala geralmente promove uma intensificação na produção. “Principalmente no que diz respeito à produção de hortaliças. Com respeito ao ambiente, há um incremento da biodiversidade de solo (microfauna) e de vegetação já que no sistema mandala a diversificação vegetal faz parte da metodologia do sistema de produção”, ressalta. No município de Lagoa Seca, o campus da Universidade Estadual da Paraíba

(UEPB) também mantém um projeto voltado ao sistema de mandalas. O local começou suas atividades em 2017, a partir da necessidade de um espaço para aulas práticas com alunos dos cursos de Agroecologia e Agronomia. “Ele começou um laboratório vivo e se tornou um projeto de extensão e também uma unidade demonstrativa. Como a gente tem parcerias com outras instituições, prefeituras, as pessoas vão, hoje, para ter uma vivência no local, e a gente explica como é feito o cultivo”, esclarece Élide Barbosa, coordenadora do projeto, agrônoma e professora da UFPB. Intitulado “Horta mandala: laboratório vivo para a

popularização das ciências agrárias de base ecológica”, o projeto (assim como o sistema de mandalas de forma geral) tem grande potencial para ser usado na agricultura urbana, dentro de escolas, por exemplo. “Hoje, na nossa mandala, temos a plantação de hortaliças e plantas medicinais. Em cada canteiro circular a gente trabalha com a ideia das plantas companheiras, que se complementam, em consórcio, além da faixa de flor, para poder atrair os insetos polinizadores”, detalha a professora. Segundo ela, a produção do espaço é comercializada com a população local, e o recurso é destinado para a ma-

nutenção do próprio projeto, garantindo maior sustentabilidade. Ao todo, 10 alunos atuam diretamente na iniciativa, garantindo a manutenção do espaço, que também é usado para atividades de educação ambiental, produção de adubo e mudas. “Por esse sistema primar pela diversidade de plantas, isso se reflete na biodiversidade do solo, de fungos, bactérias. Então, quanto maior a diversidade de plantas e de material orgânico do solo, mais ajuda a estabilizar a horta para que se tenha menos problema com pragas e doenças, e não precise fazer uso de agrotóxicos”, ressalta a professora.

Saiba Mais

No sistema de mandala, a horta é concebida em forma de círculo e, geralmente, no seu centro há um galinheiro ou um criatório de peixe, patos e marrecos, para que essa água seja enriquecida organicamente e utilizada na irrigação. Com isso, na plantação não é utilizado nenhum tipo de agrotóxico e o adubo vem da própria água, que é nutrida com os recursos naturais, de forma sustentável.

Geralmente, o sistema é composto por nove canteiros: os três mais próximos do centro são chamados de “círculos de melhoria da qualidade de vida ambiental”, onde é feito o cultivo de hortaliças e plantas medicinais, normalmente para o consumo da própria família; cinco são denominados “círculos da produtividade econômica” destinados ao cultivo de milho, feijão verde, abóbora e frutíferas para o consumo e venda do excedente; e no último canteiro, designados “círculo do equilíbrio ambiental”, é feito o plantio de cercas vivas e quebra-ventos para proteção do sistema, fornecimento de parte da alimentação animal, melhoria da produtividade e disponibilização de nutrientes necessários à recuperação do solo.



Em Lagoa Seca, a UEPB conta com um projeto voltado ao sistema, com alunos dos cursos de Agroecologia e Agronomia

24 HORAS MONITORADAS

Bunker protege Copa de ciberataques diários

Centro de tecnologia montado pela Fifa evita ataques cibernéticos durante as transmissões ao vivo da Copa do Mundo

Antoni Belchi
Agência EFE



Pela primeira vez na história da Copa do Mundo, a Fifa possui seu próprio centro de tecnologia, de onde a segurança cibernética, as transmissões ao vivo e as operações dos 16 estádios da Copa do Mundo de 2026 são monitoradas 24 horas por dia, uma implementação descrita como “sem margem para falhas” pelos responsáveis.

“Representa o maior desafio tecnológico da história do esporte devido à escala envolvida na operação simultânea em três países”, disse à EFE Nacho Fresco, diretor de tecnologia da FIFA e responsável por toda a operação.

Esse centro operacional, conhecido como “Centro de Comando de Tecnologia (TCC)”, está localizado

na sede da FIFA em Coral Gables, no condado de Miami-Dade.

“O centro processa de 300 a 400 milhões de tentativas de ciberataques todos os dias. Para lidar com essas ameaças, trabalhamos em coordenação com o FBI”, observou ele.

O executivo enfatizou que o centro estava localizado dentro da sede, e não em uma instalação externa, para manter a agilidade na cadeia de comando.

“Nosso objetivo é estar o mais próximo possível da estrutura de gestão da Fifa. Dessa forma, a equipe técnica poderá tomar decisões extremamente rápidas em qualquer situação de crise que possa surgir durante o torneio”, argumentou ele.

Para manter essa proteção operacional, cerca de 350 analistas de dados, programadores especializados e engenheiros de sistemas monitoram, continuamente, a infraestrutura de rede e a segurança in-

formática de todas as localidades.

Tudo em coordenação com o centro internacional de transmissão em Dallas, Texas, de onde os sinais de televisão são distribuídos e enviados para todo o planeta para “cerca de seis bilhões de fãs que estão assistindo à Copa do Mundo”.

“De uma perspectiva global, é uma escala gigantesca quando comparada a eventos como o Super Bowl, o mais popular na América do Norte, que tem uma média de cerca de 105 milhões de espectadores. Este é um teste para demonstrar o alcance da nossa tecnologia”, disse Katie Reed, diretora de operações internas da Lenovo para a América do Norte, à EFE. A Lenovo está fazendo sua estreia na história do torneio como parceira tecnológica oficial da FIFA.

A “câmera do árbitro” sem tontura

Além da segurança, uma das funções mais visíveis coordenadas

a partir desse centro é a “câmera do árbitro” (RefCam), que oferece uma perspectiva única do jogo através de um dispositivo acoplado a ela.

Embora a Lenovo não tenha desenvolvido o dispositivo, contribuiu com a estabilização digital que reduz a vibração da imagem original em até 60%, eliminando o “efeito de vertigem” para o espectador e permitindo, pela primeira vez, sua integração ao sinal ao vivo.

Esse centro também centraliza todas as estatísticas das partidas em tempo real, utilizando inteligência artificial (IA). A plataforma processa “métricas preditivas e resultados instantâneos que permitem à comissão técnica preparar, meticulosamente, suas táticas para as próximas partidas”, segundo Reed.

Desempenho personalizado

Os dados são acessíveis aos jogadores de futebol, que possuem um

aplicativo móvel personalizado em seus telefones, nos quais podem consultar imediatamente seus registros pessoais, mapas de calor, velocidade máxima e métricas de desempenho físico para “avaliar em quais áreas podem melhorar após cada partida”.

Devido a questões de confidencialidade e proteção de dados, os responsáveis pela tecnologia não revelam a identidade dos jogadores ou das equipes que mais utilizaram essa ferramenta durante a Copa do Mundo.

Além disso, o TCC gerencia os avatares digitais 3D para a análise milimétrica de impedimentos no sinal de televisão, bem como a plataforma Fifa AI Pro.

Este sistema de IA coleta dados analíticos avançados após as partidas e os disponibiliza a todas as seleções nacionais “três horas após o apito final, democratizando o acesso a estatísticas avançadas independentemente do orçamento de cada federação”.



Nos estádios, seja no campo, nas arquibancadas ou fora delas, tudo é monitorado pelo centro de tecnologia 24 horas por dia

ASSISTÊNCIA HUMANITÁRIA

Fundação Fifa destina um milhão de dólares para a Venezuela

Agência Fifa

A Fundação Fifa anunciou a destinação de um milhão de dólares de seu Fundo Humanitário para “apoiar os esforços de socorro após o devastador terremoto que afetou inúmeras comunidades na Venezuela”.

Esses recursos fornecerão assistência humanitária urgente às populações afetadas, fortalecerão as operações de resposta a emergências e ajudarão as comunidades a iniciarem sua recuperação, afirmou a Federação Internacional.

“Esta iniciativa faz parte do compromisso da Fundação Fifa em fornecer apoio imediato às comunidades afetadas por desastres naturais ou provocados pelo homem por meio de seu Fundo Humanitário, um mecanismo criado para mobilizar rapidamente recursos emergenciais em si-

tuações de crise”, enfatizou, o presidente da Fifa.

Gianni Infantino acrescentou, ainda, que “o povo da Venezuela tem a total solidariedade da família global nestes momentos difíceis”.

“O futebol tem uma capacidade única de unir pessoas e transmitir esperança, especialmente em tempos de crise. Por meio da Fundação Fifa, temos orgulho de estar ao lado do povo venezuelano e apoiar as organizações humanitárias e os parceiros locais que trabalham incansavelmente para levar ajuda urgente àqueles que mais precisam”, pontuou.

O ex-presidente argentino Mauricio Macri, presidente-executivo da Fundação Fifa, declarou: “Todos nós da Fundação Fifa estamos ao lado das pessoas afetadas por esse terremoto devastador. O futebol tem uma capacidade extraordi-

nária de unir pessoas, especialmente em momentos de grande necessidade”.

Por meio do nosso Fundo Humanitário”, destacou, “reafirmamos nosso compromisso de estar ao lado do povo venezuelano e apoiar o trabalho de organizações exemplares, que trabalham incansavelmente para fornecer assistência emergencial às comunidades afetadas”.

A Federação Venezuelana de Futebol (FVF) também participa ativamente dos esforços de ajuda humanitária, por meio da comunidade futebolística do país, “o que destaca o importante papel que o futebol pode desempenhar no apoio às comunidades, tanto na resposta imediata quanto no processo de recuperação após uma crise”, informou a Fifa.

Desde a sua criação, o Fundo Humanitário da Fundação Fifa distribuiu

milhões de dólares e pacotes de emergência para apoiar comunidades afetadas por grandes crises humanitárias em todo o mundo e “reforçou a capacidade única do futebol de mobilizar ajuda e solidariedade para além dos campos de futebol”.

Detalhes sobre a distribuição dos fundos e os projetos que receberão ajuda serão divulgados à medida que as avaliações humanitárias avançarem e os aspectos operacionais forem finalizados.

Foto: Christopher Torres/EFE



Gianni Infantino afirmou que o povo da Venezuela tem a total solidariedade da família global neste momento

EM MIAMI

Navios de cruzeiro em clima de Copa

Competição não está sendo vivenciada só em terra firme, mas também em alto-mar, espalhando a febre do futebol

Hugo Barcia
Agência EFE

A Copa do Mundo da Fifa de 2026 não está sendo vivenciada apenas em terra firme, mas também em alto-mar. Impulsionadas por Miami, o principal porto de cruzeiros do mundo, as principais companhias de cruzeiro transformaram suas frotas em estádios flutuantes, onde a febre do futebol se espalha a milhares de quilômetros da costa. Milhares de televisores em cabines e áreas públicas, tecnologia de satélite de última geração para garantir conectividade ininterrupta e ofertas interativas, como *quizzes* de habilidades ou sobre a cultura do futebol, são as maneiras pelas quais as principais redes do setor mantêm vivo o espírito da Copa do Mundo a bordo.

“Aqui, os membros da tripulação vêm de 50 ou 60 nacionalidades diferentes, e os passageiros também vêm de muitas partes do mundo [...], o que cria uma atmosfera muito agradável. Reunir-se com pessoas de todo o mundo em uma Copa do Mundo realmente dá um toque especial”, disse o capitão da MSC, Hernán Zini, à EFE a bordo do navio Seaside.

Enquanto os telões atrás dele exibiam resumos das partidas da noite anterior, Zini, que se descreve como um grande fã da Argentina, alertou que esse fervor é especialmente evidente entre o público latino-americano e atrai até mesmo aqueles que são menos ligados ao futebol.

“Para quem não acompanha futebol diariamente, ver como é uma torcida argentina ou mexicana mostra o quanto elas são apaixonadas. Às vezes, você vê estrangeiros



Companhias de cruzeiro transformaram suas frotas em estádios flutuantes, onde a febre do futebol se espalha a milhares de quilômetros da costa

aprendendo as músicas dos diferentes grupos de torcedores, porque acham incrível e acabam participando”, disse o capitão sobre essa “Torre de Babel” em que os navios de cruzeiro se transformam durante a Copa do Mundo.

Ele acrescentou que o ambiente é “100% familiar e seguro” em todos os momentos.

Mais gols, mais cerveja

Dois dos principais desafios para tornar isso possível são a conectividade à *internet* e o fornecimento para bares e restaurantes. Para o primeiro,

a solução reside na rede Starlink em órbita baixa da Terra, que evita o tempo de inatividade das antenas convencionais, enquanto o segundo depende da previsão do tempo.

“Pode haver um aumento no consumo de cerveja e outras bebidas semelhantes, mas estamos preparados para isso”, disse Zini, garantindo que eles possuem um sistema que analisa os dados de consumo de navios anteriores, como esse consumo varia de acordo com o perfil dos passageiros e os tipos de eventos a bordo, a fim de

ajustar o fornecimento.

Mas a MSC não é a única companhia que parte do Porto de Miami, reconhecido como a capital mundial dos cruzeiros, e que fica a apenas algumas centenas de metros do Miami Fan Festival, onde milhares de fãs se reúnem todos os dias para acompanhar os jogos.

Outras companhias de cruzeiro, como a Royal Caribbean, a Carnival e a Norwegian, também têm partidas desse porto e reformaram suas frotas especificamente para a temporada

da Copa do Mundo.

No caso da Royal Caribbean, a empresa garantiu a segurança de toda a sua frota por meio de alianças estratégicas com a Sport 24 para assegurar transmissões em tempo real e transformou seus *decks* de piscina, teatros e bares esportivos em autênticas arquibancadas flutuantes. Além disso, oferece uma ampla variedade de atividades diárias a bordo, focadas no torneio, disse um porta-voz da empresa à EFE.

Miami é uma das 11 cidades americanas que sediarão

partidas durante a Copa do Mundo de 2026, incluindo a disputa do terceiro lugar, no dia 18 de julho.

Grandes seleções nacionais como Uruguai, Brasil, Colômbia, Portugal e Argentina, além da surpreendente Cabo Verde, já brilharam no gramado do Hard Rock Stadium, mas a festa do futebol em Miami não termina quando as luzes se apagam. A poucos quilômetros do estádio, nos portos dessa grande capital marítima, a paixão zarpa todos os dias, deixando o campo rumo ao mar aberto.

NA ESPANHA

Projeto de reforma de estádio para a Copa de 2030 é anulado

O projeto de renovação e ampliação do Estádio de Gran Canaria, em Las Palmas, na Espanha, em preparação para a Copa do Mundo de 2030, que será uma das sedes oficiais, sofreu um revés após o processo licitatório não ter atraído nenhuma proposta. O prazo para apresentação de propostas terminou na última terça-feira (7).

Fontes do Instituto Insular de Esportes (Island Sports Institute), entidade responsável pela promoção da licitação, confirmaram à EFE que nenhuma empresa apresentou proposta para este importante projeto, que tem um orçamento base de € 174,7 milhões.

O Conselho Insular de Gran Canaria está analisando toda a documentação para determinar os próximos passos.

A ampliação e renovação do Estádio de Gran Canaria tem um prazo estimado de conclusão de 36 meses — três anos —, o que significa que as obras estariam concluídas até 2029, caso tivessem início neste ano. A Copa

do Mundo está prevista para o verão de 2030.

No entanto, fontes consultadas confirmaram que 2029 continua sendo a data prevista para a conclusão do projeto e que serão tomadas as medidas necessárias para torná-lo atrativo para as empresas.

O projeto, lançado em licitação na plataforma de compras do setor público do Estado em 3 de junho, envolve obras no Estádio de Gran Ca-

naria, que atualmente tem capacidade para 32.400 pessoas, com o objetivo de aumentar essa capacidade para 41.854 espectadores. Além do aumento da capacidade, o plano também visa equipá-lo com maior funcionalidade e tecnologia de ponta.

Em suma, trata-se de um projeto abrangente que contempla “estrutura, envoltória do edifício, instalações, divisórias e acabamentos, com foco transversal em se-

gurança, acessibilidade universal, eficiência energética, sustentabilidade, circularidade e operação inteligente”.

As especificações técnicas do projeto detalham a adição de um novo telhado com *design* exclusivo em formato de “roda de bicicleta”, uma solução estrutural leve baseada em sistemas de cabos que melhora a cobertura, a eficiência da construção e a aparência arquitetônica geral do estádio.

A fachada, por sua vez, incorporará um padrão de pintadas canárias, um elemento distintivo que conecta a infraestrutura à cultura e ao simbolismo tradicionais da ilha.

O projeto foi planejado para garantir a continuidade parcial do uso do estádio durante a construção, por meio de uma abordagem faseada que permite tanto a atividade esportiva quanto a continuidade das obras.

Em termos de mobilidade, a iniciativa reorganiza o sistema de estacionamento, atingindo um total de 597 vagas, com possibilidade de expansão para 623, e incorpora uma conexão funcional com uma área de estacionamento adjacente de pelo menos 3.500 vagas destinadas a grandes eventos.

Por fim, o projeto de renovação abrangente do local inclui medidas para projetá-lo como uma instalação multifuncional, bem como para melhorar sua sustentabilidade por meio do uso de energias renováveis e soluções aerotérmicas e geotérmicas.



Estádio de Gran Canaria, na Espanha, vai passar por uma grande reforma para sediar jogos da Copa do Mundo de 2030

■ Processo licitatório para ampliação e renovação do estádio não atraiu nenhuma proposta

IMPEDIMENTO SEMIAUTOMÁTICO

Estádio sem o recurso não terá jogos

CBF ainda não estipulou data para a utilização da tecnologia que continua sendo instalada nas praças esportivas

Agência Estado

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) vetou a realização de jogos do Brasileirão em estádios que não contêm com o impedimento semiautomático, que promete reduzir o tempo de revisão de lances e diminuir os erros da arbitragem. A informação foi divulgada nesta semana pelo ge. Caso algum clube não consiga mandar uma partida em sua casa, terá que usar uma arena que tenha o sistema instalado em sua estrutura.

A medida, segundo o ge, ainda não tem previsão de início, porém a instalação da tecnologia está em fase final de implementação nos 19 estádios utilizados pelos times que disputam a Série A deste ano (o Maracanã é usado por Flamengo e Fluminense). Todos os custos são bancados pela própria CBF.

O Palmeiras, que frequentemente tem *shows* e eventos no Nubank Parque, decidiu arcar com as despesas dos equipamentos na Arena Crefisa Barueri, sua casa alternativa. Já o São Paulo, que também convive com a mesma situação do rival, precisará recorrer a uma arena que tenha a tecnologia, como o Estádio Cícero de Souza Marques, em Bragança Paulista, casa do Red Bull Bragantino, onde, inclusive, jogará contra o Athletico-PR no próximo dia 22.

A instalação das câmeras nos estádios é feita pela empresa Genius, que fornece a tecnologia. Cada arena terá 27 celulares de última geração, que ficarão em pontos estratégicos e serão responsáveis por reproduzir uma “réplica virtual” do jogo. Dessa forma, a inteligência artificial e os árbitros de vídeo de cada duelo vão analisar os lances. Ainda segundo o ge, os primeiros testes do sistema serão realizados em jogos das categorias de base.



Foto: Lucas Merçon / Fluminense

Flamengo e Fluminense jogam no Maracanã, onde já foi implantado o recurso eletrônico

Brasileirão estará de volta no próximo dia 16

A CBF desmembrou a tabela das rodadas 19 a 24 de retorno do Brasileirão após a Copa do Mundo e confirmou que quatro jogos vão ser disputados antes da final do torneio de seleções.

A final da Copa do Mundo está confirmada para o dia 19 de julho (domingo), mas o Campeonato Brasileiro retorna no dia 16 (quinta-feira), com Botafogo x Santos e Vitória x Vasco. No dia 17, mais dois jogos, Mirassol x Grêmio e Fluminense x Red Bull Bragantino, de acordo com o site da entidade.

O Palmeiras, líder isolado da Série A — com 41 pontos, sete a mais que o Flamengo—, será o último time a entrar em campo. O Alviverde visita o Coritiba no dia 23 (quinta-feira), às 21h30 (horário de Brasília).



Foto: Vitor Silva/Botafogo

O Botafogo vai receber o Santos, no dia 16, em jogo programado para o Nilton Santos

Outros jogos da rodada 19

- **Atlético-MG x Bahia** - 21 de julho (terça-feira), às 19h30 (de Brasília)
- **São Paulo x Athletico** - 22 de julho (quarta-feira), às 21h30 (de Brasília)
- **Internacional x Cruzeiro** - 22 de julho (quarta-feira), às 21h30 (de Brasília)
- **Chapecoense x Flamengo** - 22 de julho (quarta-feira), às 21h30 (de Brasília)
- **Corinthians x Remo** - 23 de julho (quinta-feira), às 19h30 (de Brasília)
- **Coritiba x Palmeiras** - 23 de julho (quinta-feira), às 21h30 (de Brasília)

Pedro Alves

pedroalvesjpr@yahoo.com.br

A fé faiou

É... me desculpe, Gilberto Gil, um dos maiores exemplos do Brasil que deu certo, mas o mantra lindo da sua MPB não canta com ardor mais no meu coração sobre o nosso comandante da Seleção Brasileira. Eu fui — e sou — um dos grandes defensores de um estrangeiro no comando técnico do nosso time brasileiro. E, deixando logo claro, entendo que o melhor a se fazer mesmo, no fim das contas, apesar de tudo e todos que desfilarão a seguir, é a manutenção de Carlo Ancelotti à frente do selecionado brasileiro de futebol.

Dito isto, a minha fé nele acabou. Fé, aliás, é uma coisa que eu tenho pouco. Eu prefiro sempre lidar com a razão. Ou com a tentativa de alcançá-la. E, mesmo nos exercícios de análises de futebol sobre futuro, por meio do jornalismo esportivo, um dos meus ofícios nessa miscelânea de tarefas que me entrega a redação do jornal **A União**, eu prefiro fazê-los a partir de parâmetros anteriores e de repertórios. Ainda que haja, inevitavelmente, vez ou outra, elementos de fé num prognóstico.

Como a CBF, depois de muitos anos, atravessando e resistindo a um contexto de futebol brasileiro que tentava esmagar a ideia de que a Seleção deveria ter um técnico de fora, acabou por bancar essa pequena revolução, não eram tantas as experiências para se debruçar sobre o contexto de técnico estrangeiro no comando da Seleção. Eu me apeguei, então, ao tamanho de Ancelotti no futebol internacional, que, hoje, é até maior do que o próprio Brasil, hoje time muito pouco temido no mundo da bola.

Então acreditar em Carlo Ancelotti como uma grande escolha e como parte de uma construção de uma Seleção que iria adentrar em uma nova cultura, sem vícios, com o novo comandante resistindo a pressões que iriam ocorrer, até porque a CBF não mudou, era uma inevitável mistura de razão e fé. O que aconteceu nos momentos cruciais desse ciclo pequeno do italiano no comando da Seleção, no entanto, quer me provar que eu tinha mais fé do que razão. E a fé faiou. Não a tenho mais. Eu realmente achei que o técnico italiano teria tamanho, convicção e personalidade para não ser parte do patrocínio de uma das maiores patacoadas que vi na história das convocações.

Ancelotti não só levou um jogador que não mereceu em nenhum momento ser convocado durante o ciclo para a Copa deste ano, sem condições físicas e técnicas para entregar algo que preste em um Mundial de imensa intensidade, como participou de um circo deprimente realizado pela CBF para celebrar não um time competitivo, mas uma empolgação real de uma equipe que realmente poderia dar trabalho na Copa e perseguir um hexa factível. O italiano foi parte integrante de uma verdadeira ode ao fracasso anunciado, à repulsa ao mérito, em um ambiente em que a meritocracia é, sim, um valor relevante. Ele acabou sendo personagem de toda uma festa desconexa com a realidade em toda a convocação de um ex-craque.

Eu esperava mesmo que Ancelotti não iria bancar Neymar para Copa. Com o tamanho que tem, a qualidade, as conquistas no futebol internacional, era esse o perfil de um líder perfeito para pregar profissionalismo, uma Seleção intensa, sem grandes nomes, mas capaz de competir com organização a partir de um elenco de guerreiros, que corresse e entregasse plenitude física. Chamar Neymar e apostar em Casemiro foram contramãos inexplicáveis para o que se espera de um treinador diferenciado. No fim, ele foi, de início, mais do mesmo do que já tínhamos por aqui.

Corta para as oitavas da Copa do Mundo. E a minha fé, já abalada, se esvai de vez. Ancelotti acaba com o pouco de qualidade que um time exageradamente passivo — e aí não é sobre o esquema, sobre o modelo de jogo, que por mais que eu não goste, pode ser competitivo, jogando menos com a bola e apostando mais em transições, mesmo contra uma nada tão temível Noruega — tinha, que era a qualidade de se defender e não sofrer susto, para abrir o time de vez e apostar em clamores populares pouco inteligentes, em um momento que ainda estava 0 a 0. Uma aposta em um Neymar pouco intenso, juntamente com um Endrick problemático quando atua pela ponta em nome de ganhar o jogo, soltando o time.

A ideia não funcionou em nenhuma medida. Com essa configuração, era importante ter a posse de bola. Para isso, teria que deixar de ser passivo. Mas não havia tanta intensidade para pressionar e retomar a bola. E já não havia mais solidez defensiva na segunda linha sem Rayan e sem Martinelli. Tudo que eu jamais imaginei que Ancelotti faria. E aí deu gols... de Haaland. E acabou toda a minha fé no cara de Roma.

BRASILEIRO SÉRIE C

Belo enfrenta Confiança no Almeidão

Botafogo vive bom momento na competição e entra em campo para ampliar a invencibilidade de cinco jogos

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Botafogo encara, hoje, às 19h30, no Almeidão, o Confiança, pela 14ª rodada do Campeonato Brasileiro Série C. O Belo entrou no G8 na rodada passada e agora joga pela manutenção entre os clubes que avançam para o quadrangular do acesso. O duelo contra os sergipanos vale também a preservação e ampliação da invencibilidade de cinco jogos.

O time da Maravilha do Contorno acumula seis vitórias, um empate e seis derrotas, somando 19 pontos, na Terceira Divisão, depois de 13 rodadas. No período invicto, o Botafogo fez 2 a 1 no Maringá, 1 a 1 com Ypiranga, 2 a 0 diante do Volta Redonda, 2 a 0 contra o Brusque e 2 a 0 no Anápolis. A partida contra o Confiança inicia uma sequência importante na luta pela classificação para a segunda fase.

No último confronto entre os paraibanos e sergipanos, em abril de 2025, no Estádio Almeidão, na abertura da Série C, o Botafogo derrotou o Confiança por 3 a 0. Conforme Raimundo Nóbrega, pesquisador entusiasta da história do clube botafoguense, o jogo de



Foto: João Neto/Botafogo

Jogadores do Botafogo durante treino coletivo realizado na Maravilha do Contorno

hoje será o 30º entre os clubes. Em 29 partidas, há o registro de 14 vitórias alvinhas, sete empates e oito triunfos azulinhos.

Reta final

Nos seis jogos restantes da fase classificatória, cruciais para avançar e continuar sonhando com o acesso, que encerraria seu martírio na Terceira Divisão, o Botafogo vai fazer três como mandante e três como visitante. Confiança (casa), Caxias (fora), Santa Cruz (casa), Amazonas (fora), Guarani (casa) e Itabaiana (fora) são os adversários do Botafogo no restante da competição. Com a sequência de quatro vitórias e um empate, restaram apenas 0,02% de chances de rebaixamento.

Agora, o foco é a classificação para o quadrangular. O Belo precisaria somar mais 16 pontos para garantir a classificação sem depender de outros resultados. Num cenário mais pessimista, se chegar aos 28 pontos, são 60% de chances de avançar para o quadrangular, segundo o [site chancedegol.com.br](#). Em 2025, quem terminou na oitava posição somou 27 pontos.

O adversário

O Confiança tem 11 pontos ganhos, com três vitó-

rias, dois empates e oito derrotas, oito gols a favor e 12 contra, tendo um saldo negativo de quatro gols. Junto do Anápolis, o Dragão tem o maior número de reveses da competição. A campanha ruim colocou o clube de Sergipe na zona de rebaixamento, sendo o 19º colocado. Com esse cenário, caso vença hoje, atuando em casa, o Botafogo elimina qualquer chance de descenso.

Ingressos

Os bilhetes para a partida estão sendo vendidos pelos seguintes valores: Sol (R\$ 15 meia | R\$ 30 inteira); Sombra (R\$ 25 meia | R\$ 50 inteira); Cadeiras (R\$ 45 meia | R\$ 90 inteira); e Visitantes (R\$ 40 meia | R\$ 80 inteira). De forma *on-line*, a compra pode ser feita pela plataforma [ingressosa.com](#). Presencialmente, as entradas estarão disponíveis nas bilheterias do Estádio Almeidão, a partir das 10h.

Arbitragem

O árbitro principal da partida é Márcio dos Santos Oliveira (AL). Os árbitros assistentes são Widcir Santana de Oliveira (AL) e Fernanda Felix da Silva (AL). O quarto árbitro é Douglas Magno de Melo Pereira (PB).

SÉRIE D

Treze e Serra Branca fazem jogos decisivos visando à quarta fase

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

Serra Branca e Treze definem, hoje, o futuro da Paraíba na Série D do Campeonato Brasileiro. As duas equipes têm cenários parecidos para o confronto de volta visando à quarta fase. Ambas precisam vencer por dois gols de diferença para classificar direto, triunfos com apenas um gol de diferença leva seus jogos para as penalidades. O Carará visita o Uberlândia, no Parque do Sabiá, no interior mineiro, às 16h. O Galo recebe o Crac-GO, às 17h, no Amigão.

Gerson Gusmão falou antes da partida contra o Uberlândia. O treinador do Serra Branca apontou os fatores que podem determinar a classificação ou eliminação do time do Cariri. Na primeira partida, o clube saiu com um revés por 1 a 0, mesmo atuando no Estádio Amigão. Agora, tem uma dura missão longe da Paraíba.

“Primeiro, a gente procurou manter o que estávamos fazendo durante toda a competição, no nosso dia a dia. Sabemos que temos condições de reverter o placar. Não vai ser fácil, porque vamos jogar contra uma boa equipe, que tem qualidade, que vai contar com o apoio do seu torcedor”, destacou.

“Então, a gente precisa continuar com uma solidez defensiva. Para reverter esse resultado, teremos de ter uma consistência defensiva, assim não sofreremos gols. Não po-



Foto: Divulgação/Serra Branca

Gerson Gusmão expõe plano tático para os jogadores

demos sair atrás no placar, porque aí as coisas vão ficar mais difíceis. Na parte ofensiva, precisamos de um volume de jogo que nos dê condições de criar situações, ter finalizações na partida, levando perigo ao adversário”, completou Gusmão.

Do lado do Treze, Adriano Souza também falou sobre os cenários que sua equipe vai enfrentar nesta tarde. Marcado pela qualidade ofensiva, o técnico disse que não

vai mudar suas características por conta do resultado ruim na primeira partida. Fora de casa, o Galo perdeu por 2 a 1.

“A gente não vai mudar aquilo que nos favorece, que é sermos essencialmente uma equipe ofensiva. Mas claro que a gente precisa tomar cuidado. [...] Não mudaremos nossa postura, seja dentro ou fora de casa”, afirmou o técnico.

USINA ENERGISA

ENTRADA GRATUITA

12 DE JULHO ÀS 16H

103. ROCK FESTIVAL

PAPANGU • HEADSPAWN • FLAU FLAU

PARQUE DA LAGOA

Passeio histórico no Centro de JP

Há mais de 100 anos, o cartão-postal da capital paraibana era um charco que não deixava a cidade se expandir

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Há pouco mais 100 anos, a região central de João Pessoa, por onde hoje passam diariamente milhares de pessoas, era apenas um brejo conhecido como “Lagoa dos Irerês” — assim chamada pela presença dessa espécie de marreco silvestre —, onde se criavam galinhas e porcos, tendo, ao redor, algumas casas e pequenas plantações. Geograficamente, esse pântano representava um grande obstáculo urbano, pois impedia o crescimento e a expansão da cidade da Parahyba (como se chamava a capital paraibana) em direção ao leste. Transformado em parque, o local passou por algumas modificações no decorrer dos anos e se tornou o centro geográfico e afetivo da cidade.

O professor Ângelo Pessoa, do Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), recorda que, até a primeira década do século passado, a cidade limitava-se ao entorno do Rio Sanhauá, acompanhando a região do Varadouro e subindo a colina, no trecho da Cidade Alta. “Durante muito tempo, a região da lagoa foi uma área de arrabalde, uma área de fim de cidade, como mostram as descrições de um livro do memorialista paraibano Coriolano de Medeiros”, explica o historiador.

Somente nos anos 1920, no governo de Sólon de Lucena, saiu do papel o projeto de saneamento que havia sido elaborado anos antes, o que permitiu o avanço da cidade em direção ao litoral e ao sul. Inspirado no modelo de urbanismo europeu, o parque foi inaugurado oficialmente em 1939, juntamente com o Liceu Paraibano e a Avenida Getúlio Vargas, e recebeu o nome do governante que iniciou as suas obras — mas que não chegou a vê-las con-

cluídas, pois faleceu em 1926.

Segundo o professor Ângelo, há exatamente um século atrás, a lagoa estaria em obras de urbanização, com o início das drenagens dos terrenos. “Por volta de 1937, o lugar passou a se chamar ‘Parkway da Lagoa’, nome que aparece nos jornais e mapas da época. A urbanização cresceu ao seu redor, pois o governo resolveu levar o Instituto de Educação da Paraíba e o Liceu Paraibano para o outro lado, além de abrir uma avenida larga, que é a Avenida Getúlio Vargas. Isso funcionou como um chamariz para algumas pessoas ricas da cidade, que começaram a construir casas em frente ao colégio. Depois, foi construída uma praça, um pouco mais adiante”, diz ele.

Ele observa que os resquícios desse processo ainda podem ser vistos hoje, nas muitas clínicas médicas que funcionam em casas antigas situadas nas proximidades da Lagoa. As ruas que antes eram ermas e mal iluminadas deram lugar a uma espécie de vitrine da cidade, um espaço para contemplação, passeios e encontros de namorados. Sob o plano do arquiteto francês George Munier e a contratação do icônico paisagista brasileiro Roberto Burle Marx, nos anos 1940, o jardim foi modernizado. Foram introduzidas espécies nativas e exóticas, consolidando o famoso anel interno de palmeiras-imperiais, que emoldura a lagoa e virou o símbolo visual da cidade. Burle Marx, por sinal, considerava o local privilegiado e previu que ele se tornaria o ponto de maior atração da cidade.

Corredor estudantil

As instalações da Faculdade de Filosofia da Paraíba (Fafipa) nas proximidades do Liceu, da Faculdade de Direito no antigo seminário dos jesuítas (ao lado do Palácio da Redenção, onde hoje

funciona o Museu de História da Paraíba) e do curso de Serviço Social no Mosteiro de São Bento fizeram o entorno da Lagoa se projetar também como espaço de forte presença do público estudantil. O famoso Cassino da Lagoa, onde, por algum tempo, funcionou o restaurante universitário, foi também, na década de 1960, local de resistência estudantil, abrigando o Clube do Estudante Universitário (CEU).

“Nos anos 1980, a cidade cresceu em direção ao litoral, então a Lagoa começou a deixar de ser esse ponto de convergência. As pessoas frequentavam mais a orla, enquanto o Centro passou a ser novamente malvisto. A população o via com afeto, mas também com certo temor”, pontua o historiador. Foi nesse período que ocorreu o tombamento do parque pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep), viabilizando projetos de intervenção sanitária e estética. Nessa mesma época, o Cassino funcionava como uma espécie de ponto de encontro de jornalistas e intelectuais.

As reclamações da população diziam respeito à presença de lixo, aos transbordamentos em períodos chuvosos e ao trânsito intenso. O anel viário interno do Parque da Lagoa também foi visto como causa de degradação da vegetação local, além de impedir a visibilidade de seu principal patrimônio paisagístico, que é o lago central.

Depois de décadas de desgaste e problemas com alagamentos e poluição, o parque passou por uma ampla requalificação. Túneis de drenagem para controle do nível da água foram instalados, o que evita enchentes no Centro de João Pessoa (há uma galeria subterrânea de macrodrenagem, estrutura que conecta diretamente o espelho d’água do

parque ao Rio Sanhauá, utilizando a própria gravidade e engenharia de precisão para controlar o nível da água). Também houve mudança no fluxo de veículos, que passou a ser feito exclusivamente pelo anel externo, onde foram implantadas plataformas e faixa exclusiva para as linhas de ônibus. Isso permitiu a integração de ciclovias, pistas de *cooper*, pistas de *skate* e praças.

O Parque da Lagoa, como hoje é popularmente conhecido, estende-se numa área de 150.490 m², dos quais apenas 30.000 m² não estão submersos na água. Reinaugurado em 2016, o espaço foi totalmente reestruturado e transformado em um complexo de lazer contemporâneo. O local conta, ainda, com uma fonte luminosa.

Apropriação

A arquiteta Ana Maria Klüppel, professora do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), elegeu o Parque Solon de Lucena como objeto de sua pesquisa de mestrado, pela complexidade do lugar. Para ela, trata-se de um espaço histórico, turístico e simbólico para a cidade. O trabalho da pesquisadora procurou identificar os diferentes modos de apropriação da população pessoense da Lagoa, tanto como local de passagem quanto de permanência.

“Por definição, apropriar-se significa tomar algo para si ou adequar e adaptar uma coisa a um propósito específico. Em termos urbanísticos, quando uma população se apropria de um espaço público, estamos dizendo que essa população usa, usufrui, incorpora aquele espaço à sua vida, à sua rotina”, explica.

Apontada por muito tempo como um entrave ao desenvolvimento urbano, o alagado natural, já presente em mapas de 1637, transformou-se em ambiente de contemplação, mas voltou a ser des-

prezado na década de 1980, diante da crescente violência. Aos poucos, foi perdendo também a sua condição de espaço livre público, que, segundo Klüppel, é a capacidade de abrigar atividades de lazer e recreação para as distintas classes sociais.

“No caso específico da Lagoa, atualmente percebemos um uso voltado às famílias, com incentivos na forma de espaços voltados para isso. Tem parquinhos, lanchonetes, gramados, ciclofaixa. Enquanto outros usos são contidos ou direcionados, por exemplo: venda de bebidas, comércio informal de ambulantes... Esses outros usos faziam parte da Lagoa há tempos atrás e ainda são tolerados em dias de festa, mas são desencorajados ou proibidos em dias ‘normais’, digamos”, constata.

O Parque Solon de Lucena é o segundo mais antigo da cidade de João Pes-

soa, atrás apenas do Parque Zoobotânico Arruda Câmara (Bica), fundado em 1922, e já foi escolhido como cartão-postal da cidade, o que demonstra tanto a sua relevância quanto o sentimento de pertencimento e identificação dos pessoenses com o espaço. Nele, acontecem manifestações políticas, religiosas, culturais, assim como encontros de jovens e grupos, sintetizando práticas sociais que espelham a própria dinâmica da cidade.

“No espaço do parque, como também em seu entorno imediato, a população vive, circula, comercializa os seus produtos informalmente e se manifesta de forma espontânea ou organizada. Como urbanista e moradora de João Pessoa, posso afirmar que o Parque da Lagoa é vivo, cumpre um importante papel como local público e traz mais qualidade de vida à sua população”, ressalta.



Foto: Marcos Russo/Arquivo A União

Última requalificação da Lagoa foi inaugurada em 2016



Foto: Carlos Rodrigo

Depois das obras, o parque virou um complexo de lazer



Foto: Dayse Euzebio/ Secom-JP

Nos anos 1940, o icônico paisagista Roberto Burle Marx considerou o local privilegiado e previu que ele se tornaria o ponto de maior atração da cidade

Adeílton Pereira

Dez anos sem a alma artística de Biuzinha

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Quando as cortinas do palco se fecham, o personagem deveria dar lugar ao artista. A máscara, no entanto, nem sempre sai tão fácil, principalmente quando as marcas dessa representação são fortes. Foi assim com Biuzinha Priqui, personagem interpretada pelo ator Adeílton Pereira e consagrada pelo público. Com sua irreverência, o artista ganhou (e fez) graça no teatro e na televisão, fazendo o povo paraibano rir de situações corriqueiras de seu dia a dia.

Adeílton Pereira Dias nasceu em João Pessoa (PB), em 15 de dezembro de 1966. O segundo filho do casal Jordão Dias Belo e Maria do Carmo Dias Pereira foi o único, dentre os cinco irmãos, a enveredar pela dramaturgia. As primeiras experiências na escola, durante a adolescência, fizeram-no buscar o teatro infantil, desenvolvendo, pouco a pouco, a arte de fazer rir. Estreou nos palcos aos 19 anos, com a peça infantil *A cigarra e a formiga*, de Geraldo Jorge, diretor do grupo Tenda.

“Tive uma infância difícil, juntamente com meus pais e outros quatro irmãos, no bairro do Rangel. É uma família grande e, na época, somente meu pai trabalhava”, relatou o ator em entrevista ao jornalista Jâmarri Nogueira para o jornal *Correio da Paraíba*. Na ocasião, falou também do início da carreira artística, quando trabalhava como balconista no comércio pessoense.

O passo que faltava para o sucesso só veio na década seguinte, quando o dramaturgo Geraldo Jorge convocou músicos e atores, dentre eles, Adeílton Pereira, para a primeira encenação do *Pastoril Profano*, um espetáculo que contava a história de uma estudante de es-



BiuzinhaPriqui, marca do Pastoril Profano, em montagem do ator Adeílton Pereira

cola católica proibida de participar do pastoril organizado pelas companheiras, por ser sobrinha de uma prostituta. Como reação à proibição, as garotas decidiram fazer uma versão profana do pastoril. Foi aí que Adeílton se transformou em BiuzinhaPriqui, a chefe das pastoras que, aos poucos, se tornou fenômeno em outras peças e também na televisão.

“Quando a gente fez uma reunião para escolher o elenco da peça, um engraçadinho se saiu com uma piada. E eu, sem querer, saí com aquela risada. Ele [Geraldo Jorge, diretor do espetáculo] disse: ‘Vamos ficar com ele’. E tinham mais de 100 candidatos para seis vagas. Ele achou interessante ficar comigo e explorar aquela risada, que viria a ser a marca registrada da Biuzinha”, contou o ator.

Além da gargalhada inconfundível, Jâmarri destacou também a caracteri-

zação, sempre de peruca verde, e as piadas e os bordões, que fizeram da personagem de Adeílton Pereira uma das mais populares da cena cultural paraibana. “BiuzinhaPriqui tornou-se ‘patrimônio’ das artes cênicas paraibanas. (...) O humor ameninado e espontâneo, a jocosidade ‘toda molhadjenha’ das piadas de duplo sentido e o tipo caricato e surreal fazem de BiuzinhaPriqui e de seu criador uma personagem inesquecível”, reforçou.

Quando Geraldo Jorge decidiu não dar mais prosseguimento ao *Pastoril Profano*, o produtor e também ator do espetáculo, Edilson Alves, continuou a montagem, formando um novo grupo, a Companhia Paraibana de Fuleragem, que depois se tornaria Companhia Paraibana de Comédia e, finalmente, em 1998, a Trupe de Humor da Paraíba.

“Éramos 16 atores, oito de um lado, oito do outro, eu no meio e mais três

músicos, todos homens fazendo papéis femininos de prostitutas. Se hoje o preconceito ainda é gritante, imagina isso 30 anos atrás! A própria academia detonou o espetáculo, mas a gente queria fazer para o povo”, relembra o diretor.

O sucesso de Adeílton foi se consolidando nessa época, sob a direção de Edilson, que acompanhou a trajetória do ator na peça *Como enlouquecer um Homem*, sucesso baseado no livro do escritor Bráulio Tavares, e nas montagens que se seguiram de *Pastoril Profano*, que ganhava versões diferentes a cada ano.

“A minha ideia era aproveitar todos os personagens que já estavam construídos pelos próprios atores e colocar em outras histórias. Na primeira versão de *Branca de Calvão* e *as Sete Nevilhas*, ele foi uma das anãs; na segunda, a própria Branca de Calvão. Em *As coras*, ele fez uma das três irmãs solteironas, Da Luz, uma personagem maravilhosa, e em *As fês de Roberto Carlos*, ele fazia uma das vizinhas que não gostava das fês”, recorda.

O modo irreverente fez Biuzinha ganhar as ondas do rádio e da televisão, multiplicando exponencialmente o sucesso e as gargalhadas. Participou do programa *A Hora do Chibata*, da TV Tambaú, para o qual Edilson costumava convidá-lo para divulgar as apresentações do *Pastoril Profano* e também os *shows* em circos e eventos. “Ele já trabalhava com uma carreira independente e, a partir daí, muitas portas foram se abrindo, então começou a trabalhar fazendo *shows* em circos, inclusive com Gretchen, pela qual ele era apaixonadíssimo. Depois, eles se tornaram muito amigos”, destaca o diretor.

O primeiro espaço na TV surgiu com um pedido de emprego a Tony Show, que colocou Biuzinha para fa-

zer entrevistas com as pessoas nas ruas. Apesar da insegurança inicial, o ator se saiu bem: “Lá no teatro, a gente aprendeu a se desinibir. A pior coisa do mundo é você não conseguir enfrentar o público. Antes, eu tremia de medo; tremia nas bases quando entrava em cena e tinha um grande público. Hoje, eu enfrento qualquer tipo de público que você colocar na minha frente”, relatou o humorista.

A janela aberta na televisão transformou-se em portas quando Adeílton, ao lado do também ator Xhico Raimerson, que interpretava o personagem Severino, conquistou um programa diário na TV Correio, que prometia apimentar a televisão paraibana. “Altíssimas dosagens de humor, participação do público e muita descontração na TV (sem baixaria!)”, assim se anunciava o programa *Biuzinha, Severino & Cia*. Além das piadas que caracterizavam o trabalho dos dois artistas, o formato contava, ainda, com pegadinhas, cliques e entrevistas com personalidades políticas e culturais.

Fora dos palcos, o próprio Adeílton dizia-se bem diferente da personagem que interpretava. “O Adeílton é uma pessoa tímida e educada. A Biuzinha é escrachada e debochada, até porque tem que ser. Se não for, as pessoas tiram sarro da cara dela. E ela não deixa que isso aconteça”, confessou. Em outro trecho da entrevista, ele revelou ser ciumento, o que dificultava bastante os seus relacionamentos: “Sou aquele tipo de pessoa: quem estiver comigo não pode nem olhar de lado. Se olhar, já mudo de figura”.

Edilson destaca a personalidade forte do amigo, mas também a responsabilidade do artista: “Ele vestia a camisa da Trupe de Humor da Paraíba



Adeílton ganhou a personagem Biuzinha ainda na fila de espera para fazer o teste de elenco, quando soltou a risada escrachada que se tornou marca da famosa personagem

Angélica Lúcio

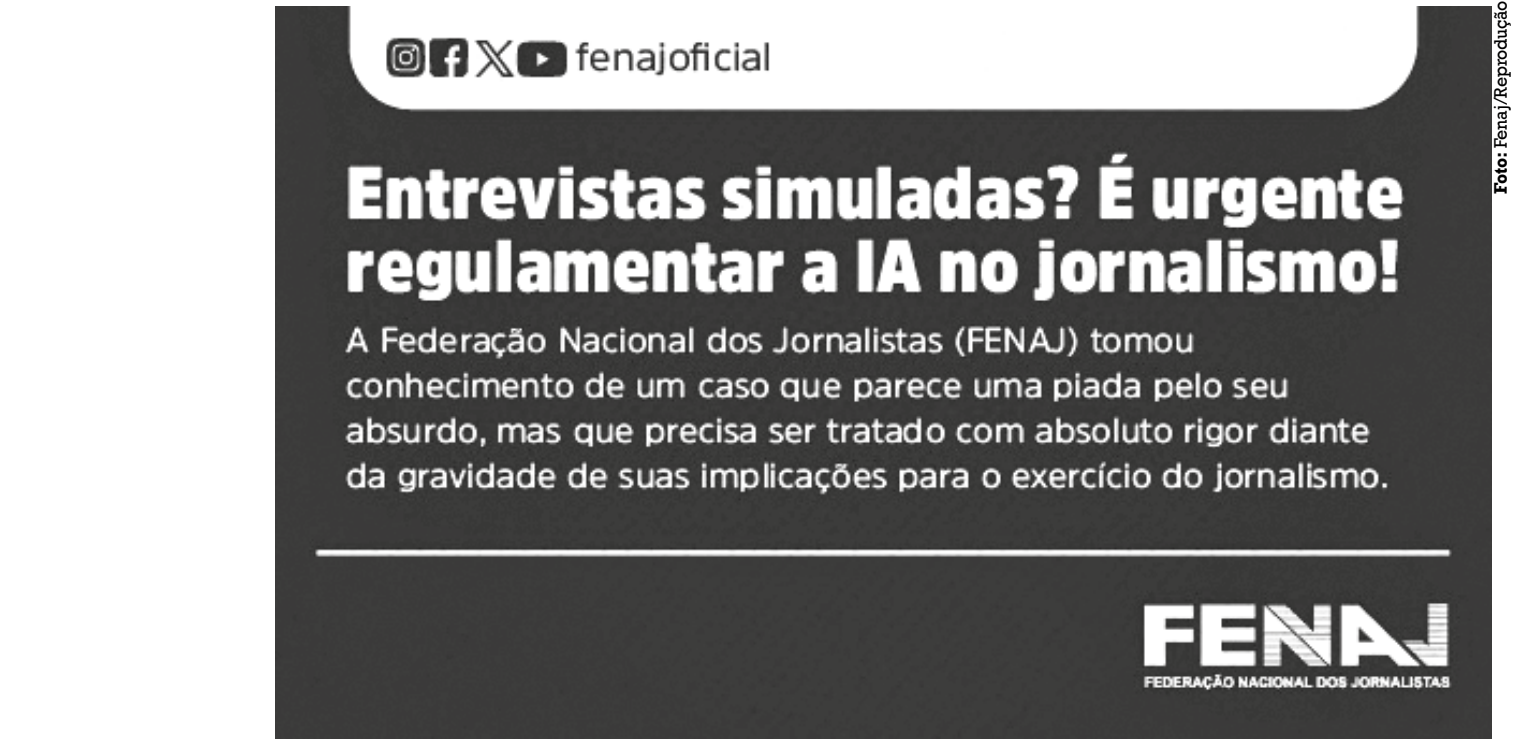
Quando a ficção se passa por jornalismo

Poucas coisas me chamaram tanto a atenção, nos últimos dias, quanto a notícia publicada no portal Terra com fontes inexistentes. À iniciativa estapafúrdia foi do site Giro 10, parceiro do Terra, que decidiu se valer de inteligência artificial para “criar” profissionais que nunca existiram.

Na matéria, intitulada “Fibras em excesso: especialistas alertam para efeitos colaterais de tendência das redes sociais”, foram utilizadas declarações de especialistas “imaginários”. No texto, conforme veiculado pelo Portal dos Jornalistas, o Giro 10 alertava que seriam utilizadas “entrevistas simuladas com especialistas fictícios”. Assim, gerados por meio de inteligência artificial, entraram em cena, por exemplo, um nutricionista clínico identificado como “Dr. Rafael Martins” e uma gastroenterologista fictícia chamada “Dra. Helena Costa”. Tudo ficção pura!

Após a repercussão do material publicado, a “notícia” foi retirada do ar, e o Terra divulgou uma nota admitindo o erro. O veículo também anunciou que estava “adotando medidas adicionais de supervisão para reforçar mecanismos de revisão e garantir o cumprimento das diretrizes editoriais e de uso responsável dessas tecnologias”.

A Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) manifestou-se sobre o tema em seu site institucional, registrando que o caso é tão absurdo que se assemelha a uma piada. Apesar do caráter inusitado e até risível da situação, a Fenaj afirma que o caso “precisa ser tratado com absoluto rigor diante da gravidade de suas implicações para o exercício do jornalismo”.



Repercussão negativa: Fenaj manifesta-se contra notícia escrita com fontes inexistentes publicada no portal Terra

A federação também relembrou outro caso conhecido no Brasil, ocorrido em 2024, quando a Editora Abril retirou do ar centenas de textos publicados no site Bebé após receber uma denúncia. O material era assinado por uma jornalista fictícia e, pasme, ainda recorria ao plágio: as matérias continham trechos copiados de veículos concorrentes.

Em outros países, casos de ficção apresentados como realidade também já vieram à tona. Um exemplo célebre foi o do jornalista Claas Relotius, que até 2018 integrava a revista alemã *Der Spiegel*. Ele pediu demissão,

de acordo com reportagem do G1, “após reconhecer que falsificou personagens, fontes e declarações em grande escala, em pelo menos 14 reportagens”.

O episódio envolvendo o portal Terra e o site Giro 10 levou a Fenaj a defender a necessidade urgente de regulamentação da inteligência artificial no jornalismo. A federação entende “que casos como esses evidenciam a urgência em estabelecer regras sobre responsabilidade editorial, transparência e limites éticos para a utilização de ferramentas capazes de gerar conteúdo a partir da coleta e do

processamento de informações disponíveis na internet, sem qualquer responsabilidade com a veracidade dessas informações”.

A inteligência artificial não pode ser demonizada nem tratada como inimiga dos profissionais, seja qual for a área de atuação. Mas é preciso ter senso crítico ao utilizar esse tipo de ferramenta. Se for para inventar entrevistas e fontes, é melhor avisar logo ao leitor que tudo ali não passa de ficção, e não de uma reportagem com qualidade e credibilidade. E ficção, é bom que se diga, não é jornalismo.

Tocando em Frente

The Rolling Stones — I

Esclarecimento ao leitor:
A partir desta edição, a coluna, ocasionalmente e de forma pontual, fará incursões no universo musical internacional

No ano de 1960, exatamente, no dia 12 de julho, dois garotos amigos e colegas de escola, Mick Jagger (Michael Philip Jagger — Dartford, Condado de Kent, Inglaterra, 26 de julho de 1943) e Keith Richards (18 de dezembro de 1943, nascido na mesma cidade), que já compartilhavam certa paixão pela música pop, especialmente pelo *rhythm and blues*, planejavam criar uma banda que nasceu, já no ano seguinte, com o nome de Little Boys Blue & The Blue Boys, para cujo grupo recrutaram o também colega Mick Taylor (Michael Kevin Taylor — Welwyn Garden City, 1949).

Iniciando como um grupo praticamente doméstico e escolar, no ano de 1962, conheceram Brian Jones (Lewis Brian Hopkin Jones, nascido em 1942, em Cheltenham-Gloucestershire, Inglaterra, e falecido em 1969, aos 27 anos, encontrado morto pela namorada dele, afogado em uma piscina, o que gerou opiniões controversas). Brian, por já ter conhecimentos musicais, tornou-se o líder da banda, a qual chamou de The Rolling Stones, cujo nome foi tirado da música “Rollin’ Stone (Catfish Blue)”, composição de Muddy Walters (McKinley Morganfield, nascido no Condado de Issaquena, Mississippi, EUA, 1913 — Westmont, Illinois, 1983).



Atualmente reduzidos a um trio, os Rolling Stones eram um quinteto quando lançaram o primeiro LP, um álbum de covers do que eles gostavam

Foi em meados de julho de 1962 que, com a desistência de outra pequena banda, chamada Blues Incorporated, de se apresentar em uma pequena *cavern* (clube noturno), abriu-se espaço para a primeira apresentação pública e profissional dos Rolling Stones que, para tanto, tiveram que anexar ao grupo mais dois músicos: Ian Stewart (tecladista escocês nascido em Pittenweem, East Neuk, em 1938, e falecido em Londres, Inglaterra, em 1985) e Tony Chapman (Anthony Michael Chapman, baterista, nascido em Stoke Newington, Londres, Inglaterra, 1941).

Após a primeira apresentação oficial, o grupo participou de outras, em diversos bares noturnos de Londres, algumas delas, já sem a participação de Stewart, que foi substituído por Charlie Watts (Charles Robert Watts, nascido e falecido em Londres, Inglaterra, 1941–2021), e de Chapman, substituído por Bill Wyman (William George Perks, Londres, Inglaterra, 1936).

O primeiro *single* da banda saiu em 1963, um compacto simples, com destaque para “Come On” (canção de Chuck Berry), numa época em que o grupo somente interpretava hits já conhecidos. Devido à boa aceitação

do disco, foi proporcionado à banda excursionar por toda a Inglaterra.

O primeiro álbum (LP) viria logo no ano seguinte, *The Rolling Stones*. Porém, trata-se de um disco da Decca/London, no qual consta apenas uma música da dupla Mick Jagger/Keith Richard — “Tell Me (You’re Comming Back)” —, cujo sucesso deveu-se às gravações de “Carol” (também de Berry) e à primeira música da dupla que, dali em diante, iria consagrar-se também como criadora de sucessos, o que já começava a ser desenhado pela dupla Lennon/McCartney, dos Beatles. Mas aí já será outra estória...

Startup detecta notícias falsas em tempo real

Objetivo de plataforma criada em João Pessoa é fortalecer a democracia

Agência Estado

No ano em que o Brasil enfrenta sua primeira eleição de grande escala com inteligência artificial generativa amplamente acessível e sem regulamentação adequada, uma *startup* paraibana desenvolveu tecnologia capaz de detectar narrativas falsas sobre candidatos em menos de três segundos. O PoliticalSights monitora, em tempo real, publicações no Twitter/X, Instagram, TikTok e portais de notícias, cruzando menções a candidatos com um *software* próprio e inédito, que atribui um “*score* de ameaça” de 1 a 10 para cada conteúdo identificado. Quando uma narrativa suspeita é detectada, a plataforma sinaliza imediatamente à equipe de campanha, que pode acionar o jurídico, preparar uma resposta ou simplesmente monitorar a evolução.

“Em 2022, bastava um *print* falso circular no WhatsApp pra destruir uma campanha. Agora a mentira tem rosto, voz e trejeitos idênticos a um alvo da desinformação. Penso muito que as IAs [inteligências artificiais] generativas e a dificuldade de regulamentar e fiscalizar sua difusão sejam, sem dúvida, o maior desafio da democracia em 2026”, diz Alinne Marinho, fundadora da plataforma. A tecnologia interpreta contextos, detecta ironias e identifica padrões de comportamento coordenado: fenômeno em que perfis inautênticos amplificam artificialmente conteúdos falsos para dar aparência de viralidade orgânica.

O lançamento ocorre a quatro meses das eleições de 2026, período em que o volu-



Alinne Marinho é fundadora e CEO do PoliticalSights

me de desinformação eleitoral historicamente acelera.

Categorias

Para Alinne, as eleições de 2026 serão diferentes das anteriores, em termos de desinformação. “Cresci numa cidade pequena, todo mundo conhece todo mundo, mas, já naquele cenário, conseguia identificar esse tipo de recurso. Ao ampliar essas manobras para o nível nacional, com *deepfake* e áudios falsos em escala industrial, é como se a democracia, como a gente conhece, estivesse a um *prompt* de não existir mais”, diz.

A plataforma detecta todos os tipos de desinformação, pois trabalha com três categorias principais. A primeira é a desinformação direta, uma afirmação factualmente falsa sobre o candidato. A segunda é o contexto manipulado, ou seja, uma informação que pode ser verdadeira, mas está distorcida. A terceira — e, de acordo com ela, a mais fantástica — é a detecção do comportamento coer-



Foto: Arquivo pessoal

não seria vigilância, Alinne argumenta que o PoliticalSights tem compromisso com a verdade e com a transparência. “Essa é a nossa razão de existir”, acrescenta. De acordo com ela, o monitoramento é feito exclusivamente em dados públicos, ou seja, em publicações que qualquer usuário pode ver sem *login*. “Não solicitamos nem compartilhamos acesso a dados privados de nenhuma pessoa. Não coletamos informações pessoais de usuários, não identificamos autores individuais e, em nenhum cenário, armazenamos conteúdo privado”, afirma.

denado: uma dobradinha entre perfis orgânicos e robôs (ou *bots*). “Conseguimos identificar, de imediato, esse esforço sincronizado e inautêntico, capaz de dar relevância e credibilidade a uma narrativa nociva, mentirosa. Esse, inclusive, é o maior orgulho do nosso time de desenvolvimento”, ressalta.

Em fase de lançamento comercial, a plataforma guardará sigilo sobre os seus clientes. Perguntada se isso

Ela também destaca que não existe nada sequer parecido com o que a Political-Sights está oferecendo. “É inovador, inédito e ético. Estamos muito entusiasmados e certos de que faremos, sim, a diferença. O objetivo é ajudar a superar narrativas odiosas, é fazer o *hater* pensar duas vezes antes de difundir inverdades. É muito reducionista tratar a informação limpa como um *slogan* de campanha. A gente precisa fazer valer”, conclui a CEO.

Charada

Resposta da semana anterior: Botequim (1) = Bar + bobo (2) = tolo. **Solução:** Circo (3) = Bartolo (Gran Bartollo Circo).

Charada de hoje: De uma embarcação fluvial (2), ele soletrava (2) o nome de um país (4) que sequer foi à Copa do Mundo.



Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br



Leita!!!!

No mundo de Sherlock Holmes

O universo do famoso detetive criado por Arthur Conan Doyle já deu pano para muitas mangas. Além da franquia sobre a sua irmã caçula, Enola Holmes (cujo terceiro longa estreou no catálogo da Netflix no dia 1º deste mês), há oito filmes e séries que trazem leituras diversas de Sherlock Holmes, todos disponibilizados em plataformas de *streaming*. Confira os primeiros quatro títulos a seguir (os demais serão publicados no domingo que vem):

Iovem Sherlock (2026)

Na série criada por Guy Ritchie, Sherlock Holmes aparece muito antes de se tornar o lendário detetive. Aos 19 anos, ele leva uma vida indisciplinada e acaba envolvido em um assassinato em Oxford, que coloca a sua liberdade em risco. Ao investigar o crime para provar sua inocência, descobre uma conspiração de alcance global e dá os primeiros passos na carreira de investigador.

Onde assistir: Prime Video.

Holmes & Watson (2018)

Nessa versão bem-humorada, Sherlock Holmes e seu inseparável parceiro Watson precisam impedir que Moriarty coloque em prática um plano para assassinar a rainha da Inglaterra. Onde assistir: Prime Video.

Sr. Sherlock Holmes (2015)

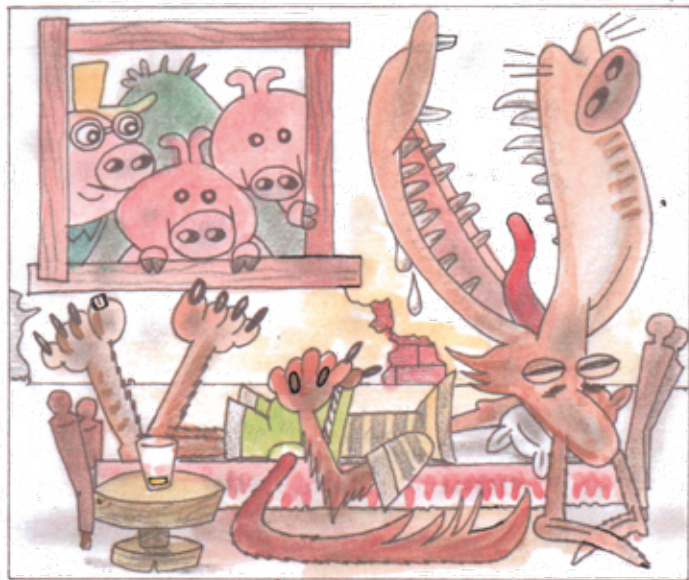
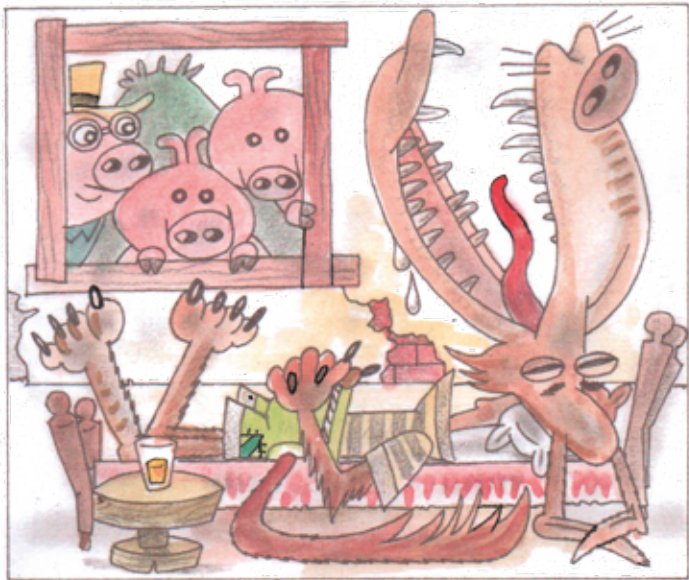
Ambientado em 1947, o filme acompanha Sherlock Holmes já aposentado, aos 93 anos. Morando em uma casa isolada no litoral com sua governanta, Mrs. Munro, e Roger, filho dela, o detetive enfrenta o avanço da idade e a perda gradual da memória. Mesmo longe da parceria com o dr. Watson, continua obcecado pelo único caso que nunca conseguiu solucionar e decide revisitá-lo. Onde assistir: Prime Video e Apple TV (aluguel ou compra).

Elementary (2012–2019)

A série transporta Sherlock Holmes para a Nova York dos dias atuais. Após deixar uma clínica de reabilitação, ele se muda para Manhattan e passa a morar com a dra. Joan Watson, uma ex-cirurgiã. Juntos, os dois prestam consultoria ao Departamento de Polícia local e solucionam casos considerados impossíveis. Onde assistir: Paramount+.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Tiras

O Conde



Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

Jafoi & Jaera



Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)

Solução